Universidade de São Paulo
Faculdade de Saúde Pública

Dois tempos, uma medida:
o cotidiano de Engenheiro Marsilac

Joelma Melo da Silva

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Saúde Pública para a
obtenção do título de Mestre em
Saúde Pública

Área de Concentração: Saúde, Ciclos de Vida e Sociedade
Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria da Penha Costa Vasconcellos

São Paulo
2016

Dois tempos, uma medida: o cotidiano de Engenheiro Marsilac

Joelma Melo da Silva

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública pelo Programa de Saúde Pública da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Ciências.

Área de Concentração: Saúde, Ciclos de Vida e Sociedade

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria da Penha Costa Vasconcellos

**Versão corrigida
São Paulo
2016**

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catalogação da Publicação
Biblioteca/CIR: Centro de Informação e Referência em Saúde Pública
Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo
Dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Silva, Joelma Melo da

Dois tempos, uma medida : o cotidiano de Engenheiro Marsilac / Joelma Melo da Silva; orientadora Maria da Penha Costa Vasconcellos. -- São Paulo, 2016.
131 p.

Dissertação (Mestrado) -- Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, 2016.

1. Cotidiano. 2. Modos de Vida. 3. Cidade. 4. Meio Ambiente. I. Costa Vasconcellos, Maria da Penha , orient. II. Título.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Deus, primeiramente, pela oportunidade de retornar aos estudos e me manter persistente diante dos vários obstáculos que surgiram no período da execução do presente trabalho. Foi um período de desafios, enriquecedor e onde me descobri como antropóloga, a partir do momento que fui a campo.

À minha orientadora, Maria da Penha Costa Vasconcellos, por ter me aceitado no Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública, pelas conversas e ensinamentos ao longo desse período. “*Gratidão*”

Ao CNPQ pelos recursos empenhados nesta pesquisa, e que foram essenciais a realização do trabalho de campo.

Ao professor José Guilherme Magnani, pelos ensinamentos sobre o trabalho de campo, pelas longas conversas sobre a cidade e o apoio. “*Dar, receber, retribuir*”, sempre.

E às professoras: Maria Helena Oliva, pelas preciosas observações durante o exame de qualificação; Heloisa Araújo Duarte Valente, Barbara Copque, Mariana Leal Rodrigues, do INARRA (Grupo de Pesquisa de Imagens, Narrativas e Práticas Culturais) da UERJ e Andrea Barbosa, da UNIFESP, pelo incentivo.

Aos funcionários da secretaria de pós-graduação da Faculdade de Saúde Pública, em especial à Vânia, Ulysses, Marilena e Pedro, além do José da biblioteca.

Aos amigos:

Que fiz durante este período na USP: Márcia, Thaís, Sandra, Anderson, Ricardo, Carol (FSP), Jocimara (EACH), Valéria (FFLCH), Rafael e Ana (ECA) – vocês são para a vida.

Às meninas do Francês – Virginia, Nohele, Jú, Anamaria, Sarah e a petite Wal (In memoriam), que pegou sua “nave espacial” e partiu, deixando uma saudade enorme. *Mercie amies*.

À Val, por me fazer “respirar” e toda a trupe do Yoga: Amanda, Ana Lúcia, Ana Paula, Claudia, Hellen, Léo, Maísa, e dona Ivani, que me deu o primeiro mapa de Marsilac. *Namastê*.

À Miriam, que mesmo quando não dava, movia mundos para me ajudar. Aidée, Camila, Carmen, Cláudia Buzzete, Edú Izumino, Gabo, Guilherme, Joana, as Márcias e Yaşar. Gabo, valeu por ensinar o caminho.

À toda minha família:

Em especial a minha mãe que esteve ao meu lado nos momentos mais difíceis. Também à minha avó “por consideração”, Romilda – eternamente grata e espero contribuir em dobro.

Finalmente:

Aos atores principais desse trabalho, os moradores de Marsilac: André, Andrey, dona Antônia (Mambu), Dona Creuza, Fernanda (Mambu), dona Ivone (Mambu), dona Janete e família, as Jôs, José (Mambu), Juraci, Lia e família, Leonardo, Luiz (Mambu), dona Lúcia, dona Maria (Ponte Seca), Miro, Mitsuan e a turma do mercado, Polaco e família, Surubela, Valdeir, dona Vânia (Mambu), Tuca e família, Zé, entre outros que me receberam com tanto carinho – agradeço imensamente pela acolhida, pela confiança, pelos cuidados.

“Inquietante é a viagem da nossa nave, correndo pelo espaço sem fim... Nesta viagem, neste meu durar renovam-se os passageiros. É um embarcar e desembarcar azafamado. Muitos não se preocupam em conhecer o roteiro da nave nem o seu próprio durar, considerando que essa indagação rouba o prazer da viagem. Comportam-se como turistas. Eu não estou entre esses. Embora saiba que, abrindo uma porta, encontro outra fechada, continuo a abri-las uma após a outra, indefinidamente. O homem quer conhecer. ”

Iberê Camargo

Porto Alegre, 6 de maio de 1970

(CAMARGO, 1998:150)

Resumo

SILVA, J.M. *Dois tempos, uma medida*: o cotidiano de Engenheiro Marsilac. 2016. Dissertação – Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

A representação da cidade como um território densamente construído, estruturado pela intensidade da velocidade, da tecnologia, de modos de vida embasados na brevidade dos contatos, entre pessoas e entre pessoas e o espaço, não dá conta de explicar as diferenças encontradas ao se percorrer os vários espaços da cidade. Nos limites do território urbano, mais especificamente no extremo sul da cidade de São Paulo, deparamos com Engenheiro Marsilac, um bairro situado dentro de uma área de proteção ambiental, onde os modos de vida mesclam elementos de um passado tradicional com a modernidade proveniente da circularidade de pessoas, da comunicação e das mercadorias. Ademais, acrescenta-se aos mesmos, o convívio direto com áreas naturais, onde a preservação vai além do discurso, sendo incorporada no conjunto de práticas cotidianas. Neste contexto, o objetivo dessa pesquisa foi o de compreender essas relações sociais e as articulações espaciais presentes no dia a dia desse bairro. Para tanto, realizou-se uma pesquisa etnográfica que muitas vezes se estendeu para além da circunscrição do bairro, ao seguir os trajetos dos moradores pelos espaços da cidade.

Palavras-chave: Cotidiano, Modos de Vida, Cidade, Meio Ambiente

Abstract

SILVA, JM. **Two times, a measure:** the daily life of Engenheiro Marsilac .2016. Dissertation
- Faculty of Public Health, University of São Paulo, São Paulo, 2016.

The representation of the city as a densely territory built, structured by the intensity of speed, technology, ways of life grounded in the earliest contacts between people and between people and space, does not account to explain the differences when you go through the several areas of the city. Within the limits of the urban territory, more specifically at the south end of the city of São Paulo, you arrive to a Engenheiro Marsilac, a neighborhood located within a protected area where lifestyles mixed elements of a traditional past with modernity from the circularity people, communication and goods. Moreover, it adds up to, the direct contact with natural areas where the preservation goes beyond speech, being incorporated into the set of daily practices. In this context, the objective of this research was to understand these social relations and spatial joints present on the day of that neighborhood. For both held an ethnographic research that often extended beyond the neighborhood boundaries to follow the paths of residents through the spaces of the city.

Keywords: Daily life , Ways of life, City, Environment

SUMÁRIO

1. APRESENTANDO O BAIRRO.....	11
1.1. CONSTRUINDO O OBJETO.....	11
1.2. A ESTRUTURA DA ESCRITA	14
2. PERSEGUINDO HISTÓRIAS, LUGARES E SIGNIFICADOS: O MÉTODO.....	16
2.1. AS ESCOLHAS METODOLÓGICAS.....	16
2.2. A INSERÇÃO EM CAMPO: DESAFIOS E INTERAÇÕES.....	21
3. UMA PERIFERIA SINGULAR.....	28
3.1. QUEM CONHECE UMA, NÃO CONHECE TODAS.....	28
3.2. O DISTRITO EM DADOS.....	31
3.3. O PROCESSO DE FORMAÇÃO E OCUPAÇÃO DO BAIRRO.....	36
3.4. UM BAIRRO DENTRO DA APA.....	39
3.5. REVELANDO O BAIRRO.....	47
4. A DIMENSÃO DO BAIRRO.....	59
4.1. RELAÇÕES ENTRE SOLIDARIEDADES E TENSÕES.....	60
4.1.1. As redes.....	65
4.2. RELAÇÕES NO BAIRRO.....	68
4.2.1. Relações de consumo e solidariedade.....	68
4.2.2. Guardamos o lugar.....	71
4.3. OS SIGNIFICADOS DE MORAR EM ENGENHEIRO MARSILAC.....	74
4.3.1. Quem é “caipira aqui”?	77
4.4. FLAGRANTES DO BAIRRO.....	81
5. OS TRAJETOS.....	92
5.1. OS TRAJETOS, ESTRATÉGIAS E A CIDADE QUE SE REVELA.....	95
5.1.1. O Brás e os percursos entre escolhas e cálculos.....	96
5.1.2. Movimentando-se entre diferenças.....	101
5.1.3. Movimentando-se entre pertenças e distinções.....	105
5.1.4. Algumas reflexões.....	108
6. MAMBU E A QUESTÃO DO TRANSPORTE.....	111
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	118
8. REFERENCIAS.....	123

CURRÍCULOS LATTES.....	129
-------------------------------	------------

Lista de Figuras

Fig.1: Vista aérea do centro de Engenheiro Marsilac.....	49
Fig.2: Vista da entrada do bairro.....	49
Fig.3: Placa na entrada do bairro.....	49
Fig.4: Estrada de Engenheiro Marsilac – UBS Marsilac.....	50
Fig.5: Estrada de Engenheiro Marsilac – Posto Policial.....	50
Fig.6: Rua Filomena Belmonte – Escola.....	50
Fig.7: Rua Henrique Silva – CRAS.....	50
Fig.8: Casa / Rua Maria Farinha.....	51
Fig.9: Casa / Rua Pascoal Belmonte.....	51
Fig.10: Casario / Estrada de Engenheiro Marsilac.....	51
Fig.11: Casa II / Rua Pascoal Belmonte.....	51
Fig.12: Casa – Recanto do Rock / Rua do Carvoeiro.....	51
Fig.13: Prédio.....	52
Fig.14: Improviso I.....	53
Fig.15: Improviso II.....	53
Fig.16: Improviso III.....	53
Fig.17: Vista - Rua Ana Rosa.....	54
Fig.18: Vista Estrada de Engenheiro Marsilac.....	54
Fig.19: Fim da Estrada de Engenheiro Marsilac.....	54
Fig.20: Construção do Ramal Mairinque-Santos I.....	55
Fig.21: Construção do Ramal Mairinque-Santos II.....	55
Fig.22: A capital do Alface (reportagem)	56
Fig.23: A capital do Alface – destaque (reportagem)	56
Fig.24: Rumo ao Sul (reportagem)	57
Fig.25: Conheça / Notícias R7 SP no ar (reportagem postada no Facebook)	57
Fig.26: Imagem / Satélite – Distrito de Marsilac.....	58
Fig.27: Imagem / Satélite – Parelheiros.....	58

Fig.28: Muro / Rua Henrique Silva.....	83
Fig.29: Cena criança brincando / Estrada de Engenheiro Marsilac.....	83
Fig.30: Cortejo da Fanfarra / Rua Pascoal Belmonte.....	84
Fig.31: Porta do mercado / Estrada de Engenheiro Marsilac.....	84
Fig.32: Cultura de Garagem / Pça Maria Nazareth da Costa.....	85
Fig.33: Cena da praça I.....	85
Fig.34: Cena da praça II.....	85
Fig.35: Dança / Desfile da Fanfarra.....	86
Fig.36: Desfile da Fanfarra I.....	86
Fig.37: Desfile da Fanfarra II.....	86
Fig.38: Banda da Polícia Militar / Desfile da Fanfarra.....	86
Fig.39: Sede do CAM – Clube Atlético Marcilac.....	87
Fig.40: O futebol.....	87
Fig.41: A concentração.....	87
Fig.42: Postagem / Festa Junina – Facebook.....	88
Fig.43: Postagem / Convite – Facebook.....	88
Fig.44: Postagem / Infraestrutura – Facebook.....	88
Fig.45: Postagem / Visão sobre o modo de vida na região - Facebook.....	89
Fig.46: Bazar da Creuza.....	90
Fig.47: Cena do Brás – Rua Miller.....	90
Fig.48: Cena do Brás – Rua Barão de Ladário.....	90
Fig.49: Feirinha da Madrugada do Brás em Parelheiros.....	91
Fig.50: Feirinha da Concórdia (Brás)	91

1. APRESENTANDO O BAIRRO

1.1. CONSTRUINDO O OBJETO

A escolha do objeto dessa pesquisa se deu após uma visita ao bairro de Engenheiro Marsilac, em janeiro de 2014, motivada pela curiosidade decorrente de reportagens que o apresentava como um contraponto ao espaço urbano, devido seu modo de vida e por estar circunscrito dentro de uma área de proteção ambiental, a APA Capivari-Monos.

O estranhamento que aumentava na medida em que se distanciava das centralidades da cidade, instalou-se por completo ao chegar ao bairro e me deparar com um pequeno núcleo urbano rodeado pela Mata Atlântica. A mudança da paisagem com a presença da vegetação, de pequenos comércios e casas antigas ao longo da rua, além da clássica praça onde se situava o ponto final do ônibus, corroboravam com as descrições que apresentavam o bairro como descontextualizado do restante da cidade. E mais, as cenas de crianças brincando na rua, enquanto mulheres conversavam nas soleiras das portas e grupos de homens se concentravam na entrada do mercado, completavam este contexto um tanto estereotipado, mas presente no cotidiano do bairro.

Tocada pelos elementos presenciados e buscando entender como se vivia em Engenheiro Marsilac, passei a visitar com maior periodicidade o bairro nos primeiros meses do ano. Nestas visitas iniciais, ainda informais e muitas de cunho exploratório, fui me deparando com cenas e situações que expunham um elevado grau de pertença com o bairro, antes mesmo de indagar sobre como era vida no local. Essas repetições que evocavam o envolvimento com o lugar, forneciam pistas para a compreensão tanto da vida no bairro, como de seus significados. Ademais, era recorrente dessas exaltações virem acompanhadas por elementos da natureza, não bastando, portanto, ser “muito bom”, tendo que ter o “verde” como complemento da sentença, qualificando, desse modo, o que já se encontrava expresso. Tais fatos me levaram também a pensar sobre a questão ambiental e como os moradores adaptaram seu modo de vida às suas regulações.

Situando o objeto da investigação, o bairro de Engenheiro Marsilac, que liga São Paulo ao litoral – cerca de 20 km de Itanhaém, litoral sul – é um dos pequenos núcleos urbanizados da região, formado por construções datadas dos primórdios do século XX, remetendo aos antigos vilarejos que existiram na cidade, tanto pelos elementos arquitetônicos, como pelo modo de vida que segue em um ritmo menos acelerado e estruturado pela sociabilidade local. Ainda, por estar totalmente inserido em uma das unidades de conservação de uso sustentável da cidade, a APA Capivari-Monos, desde 2001 (Lei nº 13.136), o bairro, que se caracterizava pela presença de carvoarias e serrarias, em decorrência do ramal ferroviário Mairinque-Santos implantado na região na década de 1930, tornou-se um contraponto à cidade de São Paulo, pela sua paisagem natural e pelo modo de vida de seus habitantes que contribui para a preservação da mesma.

Isto posto, novas indagações vieram à tona à proporção em que as visitas se sistematizaram. E conforme fui sendo aceita nos vários ambientes do bairro, fui observando a intensidade com que eram tratados os vários aspectos da vida local, em especial as relações sociais e suas intersubjetividades. O que confirmava as primeiras suspeitas sobre a importância da sociabilidade na vida dos residentes, assim como o grau de pessoalidade com que eram travadas estas relações.

Nesse sentido a investigação no bairro não poderia se encerrar em abordagens que priorizassem somente o viés socioeconômico, o qual muitas vezes desconsidera as escolhas e ações dos atores, condenando-os a um contexto de falta de opções. Além disso, tais enquadramentos nem sempre alcançam a dinamicidade que envolve o local, isolando-o tanto pela questão da distância física, como por suas especificidades de um modo de vida que traz à tona práticas provenientes de outras temporalidades e, até mesmo, espacialidades, que são revivescidas pelos moradores do bairro, condensando-se com elementos típicos da contemporaneidade.

Desse modo, buscou-se trabalhar com o bairro a partir de sua dimensão social, seguindo as premissas de MAYOL para o qual o bairro “é um espaço de uma relação com o outro” (2011, p.43), o lugar do “engajamento social” (2001, p.39), onde as vidas estão ligadas pela “proximidade” e pela “repetição” (2001). Tais atributos são evidenciados pelas várias redes formadas no bairro, que contribuem para o fortalecimento dos vínculos com o mesmo. Além disso, como se pode constatar, estas relações se dão também entre espaços, ou seja, com o bairro se articulando a todo momento com outras partes da cidade por meio dos vários fluxos – de pessoas, de coisas e de símbolos – que transpassam as fronteiras físicas.

Partindo do entendimento que o enfoque analítico desta pesquisa se encontrava na dimensão dos atores, nos termos de AGIER (2011)¹, ou seja, de uma série de microcosmos detalhados, foram conduzidas pesquisas etnográficas no bairro para a apreensão dos modos de vida em Engenheiro Marsilac, considerando as relações entre os moradores, entre moradores e o bairro e, finalmente, as relações entre escalas local e global, com o intuito de demonstrar como estas escalas se articulam no espaço do bairro. Isto posto, a pesquisa muitas vezes se deslocou do recorte físico, seguindo as circulações dos residentes pelo espaço da cidade e, até mesmo, por espaços virtuais, como é o caso das redes sociais, por onde circulam os moradores e assuntos referentes ao cotidiano do bairro. Ao lançar mão de tais categorias, que se desdobram em práticas e usos cotidianos, não se pretendeu aqui um conhecimento total sobre o bairro, mas sugerir um ponto de vista alternativo de apreendê-lo, ultrapassando as abordagens que priorizam as condições socioeconômicas e estratificadas que acabam generalizando-o.

Pelo fato do escopo da investigação se debruçar em torno das atividades dos moradores e por se tratar de uma mancha urbana consolidada, com a presença de equipamentos públicos e privados, a pesquisa não se deteve em torno do detalhamento da paisagem natural, assim como em discussões aprofundadas sobre os termos das leis ambientais que envolvem o território da APA, limitando-se somente às menções para situar o objeto da pesquisa.

Em suma, trata-se de uma área da cidade de extrema importância, tanto economicamente, considerando seu potencial para a difusão da agricultura orgânica, o que acarretaria benefícios locais, além de ser uma nova fonte de abastecimento da cidade; como pela questão ambiental, com suas grandes extensões de áreas naturais, com a presença de nascentes e animais, contribuindo com o equilíbrio ambiental da cidade e, por fim, como um modo de pensar a cidade que se descola de visões estereotipadas, demonstrando que o tecido urbano é perene e capaz de abarcar regiões naturais e rurais, com modos de vida que se diferenciam, mas que não se anulam, substituindo a ideia de fragmentação para a de multiplicidade de espaços que se comunicam pela ação de seus moradores.

¹ Para o autor, a cidade deve ser pensada a partir de como ela é “vivida”, “sentida”, “em processo”, sendo vista a partir do “sujeito”, deslocando a questão do que se trata a cidade para “o que faz a cidade” (AGIER, 2011, p.38).

1.2. A ESTRUTURA DA ESCRITA

Tendo em vista que este trabalho, parafraseando CERTEAU ao tratar das caminhadas pela cidade, “começa ao rés do chão, com passos” (2011, p.163), os quais continuaram ao seguir as movimentações cotidianas dentro e fora do bairro, ele foi estruturado nestes vários movimentos que compõem o cotidiano de Engenheiro Marsilac. Para tanto, ele se divide em:

A abordagem metodológica da pesquisa, no segundo capítulo, dando destaque para a prática etnográfica. A partir da escuta das falas dos moradores que concordaram em narrar suas trajetórias e desvelar aspectos sobre o cotidiano, foi possível apreender o bairro por meio dos seus atores, fornecendo inclusive, novos insights que foram agregados ao objeto que estava sendo delineado. O compartilhamento dessas histórias de vida, muitas vezes marcadas por intimidades e dificuldades de diversos níveis, só se deu pela confiança desenvolvida pelos contatos prolongados propiciados pela etnografia, caracterizada pela proximidade com os interlocutores. Esta opção por acompanhar de perto o cotidiano de alguns moradores, o que incluiu também percorrer alguns dos trajetos pelo bairro e pela cidade, conforme relatados, conferiu uma maior autenticidade à pesquisa, ampliando a capacidade de compreensão do que estava sendo tratado. Neste âmbito também se destaca a utilização de outros recursos como a fotografia e o acompanhamento das redes sociais virtuais, considerando o potencial das mesmas para abordar o cotidiano.

No terceiro capítulo foram contextualizadas, de modo sucinto, questões que serviram de pano de fundo para a pesquisa, iniciando com uma breve discussão sobre as heterogeneidades dos espaços da cidade, em especial das periferias, por meio do apoio da literatura específica. Também foram abordados os dados estatísticos do distrito de modo geral, os aspectos históricos sobre Engenheiro Marsilac, o que corrobora com a afirmação que o bairro foi colonizado, não sendo, portanto, resultado de um processo de periferização de áreas verdes da cidade. Por fim, o foco se ajusta em torno das questões de infraestrutura e ambientais da vida no bairro, levando em conta as observações e relatos colhidos pelo trabalho de campo.

No quarto capítulo foram apresentados e analisados os dados coletados na pesquisa de campo, delimitando-se em torno da dimensão cotidiana do bairro. Estes se desdobraram em subcategorias apresentando um conjunto de elementos envolvendo as questões da sociabilidade local, as práticas de consumo, usos do espaço e as relações com o mesmo por meio dos festejos, da memória, do afeto, que contribuem com a importância das relações para a coesão social

local. Embora trata-se de aspectos internos ao bairro, esses a todo momento são afetados por influências de várias escalas, as quais serão relatadas conforme observado.

O quinto capítulo se debruçou sobre as articulações entre os espaços da cidade, enxergando-as a partir de Engenheiro Marsilac. A análise apoiada nas observações e narrativas de trajetos cotidianos, abordou as movimentações de alguns moradores por várias áreas da cidade, mediante as relações de trabalho, de consumo e de lazer, demonstrando as estratégias de locomoções, estranhamentos, as apropriações, os sentidos e, indiretamente, fornecendo pistas sobre o significado de se viver em Engenheiro Marsilac.

Finalmente, o sexto capítulo apresenta o caso de Mambu, uma área rural localizada no distrito que se destacou pela movimentação dos moradores locais em prol da implantação de transporte público no período de 2014. A conquista de uma linha de ônibus contribuiu para o entendimento das características de se viver numa área de proteção. E, nas considerações finais foram retomados alguns pontos e levantadas outras questões sobre o que foi observado e vivenciado pela investigação no bairro de Engenheiro Marsilac.

Considerando o material fotográfico como uma importante fonte para esta pesquisa, assim como para os moradores, especialmente no que concerne à memória coletiva do bairro, ressaltando os aspectos de afetividade com o mesmo, foram dispostos conjuntos de fotografias que remetem determinados temas apreendidos pela pesquisa apresentada.

Ademais, vale relatar que o fato do objeto da pesquisa ter se concentrado em torno dos aspectos pessoais e não somente das características naturais, chamaram atenção dos residentes, qualificando-me como uma “pesquisadora de gente”, o que de certa forma contribuiu para o desenvolvimento da mesma.

2. PERSEGUINDO HISTÓRIAS, LUGARES E SIGNIFICADOS: O MÉTODO

2.1. AS ESCOLHAS METODOLÓGICAS

O bairro de Engenheiro Marsilac guarda peculiaridades históricas e espaciais, tanto porque se situa em uma região que remete aos períodos da colonização, quando era utilizado como lugar de passagem, devido sua localização estratégica que liga o litoral à cidade que se formava, como por suas relações com o meio ambiente que ali vieram a se estabelecer com a instituição da APA Capivari-Monos, a qual colocou este pequeno núcleo urbano sobre sua circunscrição. Somam-se a dimensão social marcada por um elevado grau de pessoalidade com que são travadas as relações no cotidiano, assim como práticas que sobrepõem ao mesmo, articulando tempos, espaços e significados. Para tanto, foi lançado mão de vários recursos metodológicos que apoiaram a etnografia como será descrito a seguir.

O ponto de partida na investigação se deu a partir de um levantamento de informações gerais sobre a área a ser abordada. Foi compilado dados de caráter quantitativo, sobre a estrutura física e social baseados em censos demográficos e informações municipais sobre o Distrito², além de reportagens jornalísticas e material fotográfico encontrado na internet, buscando dessa maneira situar a região como ela é apreendida no plano oficial, para, ao longo do presente trabalho, demonstrar que sobre este viés da precariedade e ausências, há outros pontos que não são apreendidos pelos dados oficiais.

Ou seja, optou-se ir além da visibilidade de um enquadramento composto por indicadores que acentuam carências, comumente abordados pela mídia, o qual não problematiza as especificidades da configuração espacial região, assim como a compreensão das relações vigentes neste espaço. Por outro lado, quando tratadas, essas questões se resumem na criação

² Não foi encontrado dados referentes apenas ao bairro de Engenheiro Marsilac, mas somente do Distrito. Por fazer parte da subprefeitura de Parelheiros, algumas vezes este se encontra condensados aos números de Parelheiros, como foi o caso do índice de Desenvolvimento Humano (IDH), o que nos leva a questionar ainda mais sobre a generalidade desses dados em relação ao bairro.

de um imaginário sobre o bairro, como se o mesmo estivesse apartado do mundo, congelado no tempo.

Dessa forma, buscando compreender o bairro, sem se ater a tais construções embasadas na generalização pelos dados ou por uma micro cena entre tantas que compõem o cotidiano do mesmo, mas por meio das relações que se expressam num modo de vida que destaca a sociabilidade local e o afeto com o espaço, optou-se pela etnografia como principal condutor nesta premissa. Ademais, a utilização da etnografia se justifica por sua capacidade de seguir a pessoas e coisas, abarcando outros cenários e, conseqüentemente, enriquecendo a análise pela possibilidade de ir além de dicotomias, como centro e periferia, demonstrando como a cidade é dinâmica e composta por áreas que se tocam por meio desses movimentos ininterruptos, independente das distâncias e possíveis especificidades.

Ciente dessa dinamicidade, a contextualização do bairro de Engenheiro Marsilac como parte e não ruptura de um sistema maior, ou seja, uma pequena mancha urbana, localizada dentro de uma área de proteção ambiental, circunscrita na cidade, permitiu que a construção do objeto se ampliasse por meio dos processos permeáveis, espacial e culturalmente que atuam na região. O que parece contradição torna-se soma nas práticas cotidianas da cidade.

Posto que o centro da análise dessa investigação se deteve sobre um local específico, ou seja, o bairro de Engenheiro Marsilac, convém apontar para o fato de ter sido essencial ultrapassar suas fronteiras físicas, expandindo o campo de observação a outros territórios, com o intuito de demonstrar as várias intersecções que moldam as vidas e visões do bairro. O acompanhamento dos movimentos dos residentes do bairro de Mambu, localizado no mesmo distrito como será abordado no capítulo sexto, assim como as relações com outras regiões da cidade, corroboram com esta maleabilidade promovida pela prática etnográfica e se inspira na proposta de MARCUS (1995), de uma pesquisa etnográfica multi-situada, a qual não se encerra num único lugar de análise, mas mapeia e examina “a circulação de significados, objetos e identidades difundidos no tempo-espaço.” (1995, p.96).

Nesta perseguição que pode se ater sobre as pessoas, as coisas, as biografias e os conflitos, utilizando-se de alguns termos do referido autor, percorreu-se os fios e a intersecção destes que formam a realidade social do bairro. Ainda, permitiu a apreensão de outros cenários sem que estes se limitassem à abstração dos discursos, ampliando a compreensão do que estava sendo tratado.

Tendo também como referências os trabalhos como o de RIGAMONTE (2001), MAGNANI (2012), SCIRRE (2012) e de KNOWLES (2014)³, esta estratégia de seguir os trajetos de determinados moradores, implica ir além de descrições de percursos de atividades rotineiras individuais em um contexto específico e apreender/problematizar a cidade a partir de pontos de vistas dos atores envolvidos, demonstrando outras percepções, distinções e impedimentos de difícil alcance aos dados quantitativos. Ainda, revela como estes percursos, os quais “articulam campos de práticas e fazem a conjugação com outros pontos de referência” como chama atenção TELLES (2006, p.71), são capazes de ampliar as redes de relacionamentos desses moradores e, de igual forma, promover outros usos no território urbano.

Cabe também ressaltar que este alargamento do campo de observação não se dá de forma uniforme, ou seja, com a mesma “intensidade”, ao usar a expressão de MARCUS. Para o respectivo autor, as incursões desencadeadas por este tipo de etnografia são “produtos de bases de conhecimento de intensidades e qualidades variadas” (1995, p.100). Fato este que pode ser comprovado nos capítulos quinto e sexto, que abordam outros espaços que se articulam com Engenheiro Marsilac. De qualquer forma, o acréscimo de outros contextos – mesmo que de forma mais sistematizada –, além de estabelecer referenciais mais próximos da realidade vivida pelos atores, permite que novas questões sejam colocadas em pauta, demonstrando que objeto nem sempre está dado por completo, podendo também ser construído gradualmente, resultando numa teoria “friccionada ao concreto, que só emerge lentamente a partir dos dados” (KAUFMANN, 2011, p.45).

Em consideração a tais precauções durante a pesquisa etnográfica, MAGNANI chama atenção sobre o cuidado para não se deixar levar pela “tentação” de se considerar o objeto de pesquisa “como se constituíssem uma ‘aldeia’, nos moldes de algumas das sociedades tradicionalmente estudadas pelos antropólogos” (MAGNANI, 1991, p.3). De acordo com o autor, o desafio é:

(...) manter as características da pesquisa etnográfica – a tradição da análise minuciosa, do contato prolongado, da busca de relação direta com os informantes– sem perder de vista o quadro mais amplo no qual os fenômenos culturais se desenvolvem nas sociedades modernas. (MAGNANI, 1991, p.3).

³ Ver respectivamente RIGAMONTE, Rosani. *Sertanejos contemporâneos: entre a metrópole e o sertão*. São Paulo: Humanistas/Fapesp, 2001 / MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Da periferia ao centro: trajetórias de pesquisa em Antropologia Urbana*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2012 / SCIRRE, Claudia. *Consumo popular, fluxos globais: práticas e artefatos na interface entre a riqueza e a pobreza*. São Paulo: Annablume, 2012 / KNOWLES, Caroline. *Trajetórias de um chinelo: microcenos da globalização*. Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar. São Carlos, v.4, nº.2, pp.289-310, jul-dez 2014.

Em síntese, a pesquisa etnográfica em vários momentos se movimentou entre as diferentes escalas que se desdobram no cotidiano das vidas de Engenheiro Marsilac, como as relações entre o local e o global e a coexistência de temporalidades presentes difundidas em práticas diárias, que a despeito do caráter antagônico, não se anulam, mas coexistem, agregando e se adaptando à realidade presente do bairro.

Entretanto, vale chamar atenção, que a análise resultante dessa interação entre escalas variadas da cidade não se embasou em comparações passíveis de estabelecer graus de hierarquia entre as localidades, mas sim procurou se ater as lições de LEPETIT, o qual assinala que a opção por trabalhar com diversas escalas de observação permite “um ganho de conhecimento do momento em que se postula a complexidade do real” (1998, p.100), uma vez que esta realidade é plural.

À pesquisa etnográfica, foram agregados outros instrumentos, conforme mencionado, como a utilização de observação participante, relatos de histórias de vida, entrevistas abertas, conversas informais, acompanhamentos presenciais e virtuais por meio das redes sociais, além do uso de registros fotográficos, o qual se mostrou um instrumento bastante útil tanto por meio de seus recursos descritivos de detalhes dos locais, os quais nem sempre é visível no primeiro contato, como pela sua capacidade de narrar o cotidiano e, acima de tudo, pelas múltiplas interações que a mesma proporciona entre o pesquisador e o pesquisado.

Sobre os acompanhamentos presenciais, foi utilizado o go-along, (KUSENBACH,2003)⁴, que pode ser traduzido como o caminhar junto com o pesquisado, ou seja, acompanhando-o em sua rotina, perfazendo seus trajetos e revivendo suas práticas espaciais. Esta prática, além de ir ao encontro da decisão de seguir as pessoas, na articulação de espaços proposta pela etnografia multi-situada de MARCUS, possibilitou tanto à pesquisadora de vivenciar a circulação acompanhada pelos pesquisados, como aos pesquisados de relatar suas impressões, histórias e práticas em torno dos locais percorridos.

Estas estratégias da pesquisa desencadeiam um duplo processo de entendimento e de reflexão onde são somados outros significados aos espaços, ou seja, elementos como distinção ou impedimentos, que são visíveis aos olhos dos moradores, mas propensos a passarem despercebidos pelo pesquisador, o qual nem sempre tem acesso, ou ainda, entende algumas

⁴ Ver: KUSENBACH, Margarethe. *Street phenomenology: The go-along as ethnographic research tool*. Ethnography, Londres, v.4, nº3, p.455-485, 2003. Disponível em: <http://www.healthcity2013.be/psaa2013/sites/default/files/theoretical%20files/Kusenbach%20%20Street%20phenomenology.pdf>. Acesso em 13/08/2014.

atitudes diante de determinadas localidades. Quanto aos pesquisados, na medida em que discorrem sobre histórias, práticas e significados, paralelamente, refletem sobre as mesmas, tecendo um fio de significações. Neste momento de excepcionalidade para os pesquisados, a investigação se aprofunda, promovendo um entendimento mais profundo e qualificado da realidade social do bairro.

Sobre as observações dos espaços virtuais, por onde notifica-se uma parte do cotidiano do bairro, o acompanhamento de páginas oficiais no Facebook – como a do principal time de futebol de várzea do bairro, o Clube Atlético Marcilac e a do Bairro Marsilac⁵ –, agregou a vivência in loco, um rico material de pesquisa com registros (posts) que remetem as memórias do bairro, eventos, reivindicações, notificações, as relações entre os moradores e, sobretudo, com o bairro, sendo constante, tanto nestas redes oficiais, como nas redes de alguns moradores, a presença de reportagens que exaltam a beleza local, fotos da paisagem e comentários. Ademais, a utilização dessas ferramentas virtuais, deu dinamicidade até mesmo na comunicação, que se tornou mais próxima ao se utilizar tais redes.

E, no que se refere a escolha de moradores para serem entrevistados ou acompanhados, esta não se baseou em posições de poder, muito menos foi segmentada por recortes geracionais. Embora as entrevistas e os relatos tenham se concentrado em torno das mulheres, isto se deve mais por uma questão de disponibilidade do que por um recorte de gênero. Aos homens couberam as conversas informais em locais públicos ou ainda, contribuíram com pequenas participações por meio de comentários pontuais ou confirmações das falas de suas respectivas companheiras. No geral, eles sempre estavam de passagem e vez ou outra, paravam para escutar o assunto que estava sendo tratado. E, embora não tenham ocorrido recusas formais quando se solicitava uma “conversa” individual sobre como é a vida no bairro, aconteceu somente um caso em que a moradora se esquivou no dia em que foi combinado a entrevista.

Esta opção de o processo da pesquisa transitar entre o específico e o geral, as esferas público/privada, os discursos gerais e os específicos, enfim, sobre as dualidades que atuam simultaneamente sobre e no espaço, faz com que o pesquisador esteja a todo momento “renegociando”, usando a expressão de MARCUS (1995, p.112). Ademais, pelo fato do campo ser marcado pelo simultâneo, o pesquisador muitas vezes é inserido em contextos inicialmente não planejados – a inserção em campo pode ocorrer em conjunto com mudanças provenientes

⁵ Ver: <https://www.facebook.com/br/ca.marsilac/> e <https://www.facebook.com/br/marsilac/> respectivamente.

de diversas ações cujos efeitos podem se dar de imediato, modificando inclusive o objeto estudado.

Dessa forma, estar em campo implica em lidar a todo momento com mudanças, assim como com o acaso, que tanto pode ser um promotor de insights como de reveses ao desenvolvimento da pesquisa. Conforme se pode constatar em vários momentos do trabalho de campo, os acasos e as mudanças permitiram a observação das respostas dos moradores, como o caso do estabelecimento das redes de solidariedade capazes de lidar com estas situações inesperadas.

Diante da importância da abordagem etnográfica no desenvolvimento da pesquisa, na próxima seção, serão tratados os aspectos que envolveram o trabalho de campo. A despeito do caráter descritivo, o processo que exige tempo, predisposição para lidar com imprevistos e impedimentos, além da necessidade de negociações contínuas, foi marcado pelo estabelecimento de relações, logo, é sempre interessante de ser problematizada. Na medida em que aumenta a presença do pesquisador no cotidiano, a qual nunca se dá de forma “natural” (SCIRÉ, 2012), as resistências vão se afrouxando, o que possibilita um melhor trânsito pelo objeto de estudo. Em suma, no movimento que vai do conhecido ao ser reconhecido, o pesquisador se vê envolvido no jogo de relações que embasa as vidas no bairro.

2.2. A INSERÇÃO EM CAMPO – DESAFIOS E INTERAÇÕES

“Você vai passar lá em casa depois? Vou falar pra minha mãe que você tá aqui. ”

(Beth, nascida e criada em Marsilac)

A chegada em Engenheiro Marsilac se deu movida pela apresentação do bairro pela mídia como um contraponto na cidade de São Paulo. A curiosidade e o interesse em compreender outras configurações espaciais, que aparentemente se mostravam como contraditórias ao território urbano, foram os elementos que desencadearam a primeira visita ao bairro em janeiro de 2014. Acompanhada por um fotógrafo⁶ que na época documentava a

⁶ O fotógrafo referido é o Gabo Morales.

região, esta primeira incursão da pesquisadora se limitou em torno de caminhadas pelas ruas do centrinho de Engenheiro Marsilac – o que foi suficiente para provocar as primeiras indagações sobre o bairro e como os moradores se relacionavam com o mesmo.

Entretanto, a entrada de forma efetiva no bairro, ou seja, de modo sistemático, considerando-o como campo de observação empírica da pesquisa, só se deu após um período de visitas exploratórias por todo distrito. Fato este que se mostrou profícuo para o entendimento da região, uma vez que o contato com a diversidade, tanto no que concerne ao espaço, como aos modos de vida, demonstrou que a heterogeneidade não se restringia aos fatores exógenos ao distrito, mas se faz presente por todo o território de Marsilac, estipulando inclusive distinções nas relações cotidianas que definem algumas localidades, como é o caso das áreas denominadas pejorativamente de “fundão” – muito embora esta concepção não seja fixa, variando do local de onde se estipula, conforme será problematizado adiante.

As primeiras questões levadas a campo eram demasiadas amplas, manifestando a urgência de recortes capazes de abordarem o bairro sem correr o risco de isolá-lo diante de suas singularidades. Ainda, era necessário o estabelecimento de um fio, algo que conduzisse a investigação, evitando que o objeto se degingolasse diante da imensidão apresentada pela pesquisa de campo. Foi com o aumento da frequência das visitas, por conseguinte, pelo maior contato com os moradores, cujas conversas iniciais se davam nas ruas do centrinho do bairro ou nos portões das residências, que o enfoque foi sendo depurado.

Mesmo não encontrando resistência nestes contatos iniciais – os moradores sempre se mostraram dispostos para conversar – foram necessários alguns meses para ser convidada para entrar numa residência no bairro⁷. Tal fato indicava que para apreender as relações sociais locais, era primordial que o papel da pesquisadora não se restringisse a formalidade da aplicação de questionários. Era preciso estabelecer relações mais aprofundadas com as pessoas, colocar-se num parâmetro capaz de promover confiança num processo contínuo de trocas.

A utilização da fotografia serviu de apoio ao processo de aproximação e, por consequência, de intensificação das relações. A fotografia de “boa para pensar”, passou a ser “boa para fazer”. Na medida que registrava a paisagem e as cenas do bairro, as pessoas se

⁷ Diferentemente do que ocorreu em outras localidades do Distrito, (cf. Capítulo 6), onde a pesquisadora foi recebida nas casas de moradores sem qualquer tipo de contato prévio. Entretanto, tratava-se de um contexto totalmente diferente, conforme relatado, em áreas cuja configuração espacial composta majoritariamente por sítios e marcada pela ausência de infraestrutura urbana, dificultava o estabelecimento de conversas prolongadas fora das residências, sendo que em determinadas localidades era necessário atravessar regiões de mata fechada.

aproximavam, ocorrendo inclusive de pedirem para serem fotografadas. Todavia, para que o processo se realizasse de fato, era indispensável a contrapartida da pesquisadora e, por meio da entrega das fotografias, relações começaram a ser delineadas, como num sistema de trocas:

Logo fui me acostumando a esta posição e percebi o quanto isto enriquece não somente o olhar e a capacidade de apreensão de cenas da vida cotidiana, mas como forma de construir relações. O primeiro convite para entrar numa das casas se deu hoje, durante a devolução de uma fotografia a uma moradora. A fotografia circulou de mão em mão entre os familiares e amigos que se encontravam na residência, enquanto a moradora tecia comentários sobre o dia em que foi fotografada. Quando dei por mim, já me encontrava sentada num dos sofás na varanda improvisada da casa de madeira, folheando o álbum de fotografia da família enquanto escutava as histórias da moradora sobre a vida em Engenheiro Marsilac. O que parecia tão corriqueiro mostrou-se produtivo no estabelecimento de vínculos. Foi preciso mais de cinco meses de idas a campo para que uma fotografia me abrisse as portas e permitisse me adentrar na intimidade de uma casa. (Relato de campo de 17/07/2014)

O fato de não portar equipamentos fotográficos profissionais – as fotografias foram tiradas com o aparelho celular – contribuiu para o reconhecimento e fortalecimento do papel como pesquisadora, não sendo confundido com o de jornalista ou o de fotógrafa profissional, o que corrobora com a dimensão simbólica dos objetos e a sua capacidade tanto de promover status a seus portadores, como distinção, nos termos de BOURDIEU (2008).

Em se tratando das diferenças postas em campo, estas permearam as interações durante todo o processo investigativo. A despeito das estratégias utilizadas, a relação pesquisador/pesquisado sempre se dá num contexto de alteridades de diversos tipos, as quais podem até mesmo ser atenuadas, dependendo de como o pesquisador lida com a situação, porém não são eliminadas, estando sempre latentes a todo momento. Como SCIRÉ fala, o desafio do pesquisador, assim como para o bom andamento do seu trabalho, é o de superar os “obstáculos gerados pelas diferenças sociais, econômicas e culturais” (SCIRÉ, 2012, p.83).

As relações sociais entre pesquisador/pesquisado são, portanto, estabelecidas pela ambivalência, demarcadas pela pontualidade da presença do pesquisador em cena, usualmente pré-estabelecida por um cronograma que orienta o desenrolar as ações por ele desempenhadas. A despeito do quanto o pesquisador se insira no ambiente abordado – levando em conta pesquisas cujo lócus de estudo seja de origem contrária ao do pesquisador –, ele não se transformará num nativo ou, o seu “duplo”, usando o termo de KAUFMANN (2011, p.87).

A vestimenta, o modo de locomover, de falar, assim como os “sutis rituais da dominação”, como fala ZALUAR (2004, p.115), são detalhes pelos quais “o pesquisador não consegue escapar”. Sendo assim, por maior que fosse o esforço de não chamar atenção, este se mostrava improdutivo diante do olhar dos moradores.

E muitas vezes, as diferenças transpassaram a observação, chegando a ser verbalizadas, como o material da roupa, o tipo de calçado utilizado para andar em locais acidentados, por exemplo. O fato da pesquisadora não esmaltar as unhas das mãos, era a primeira coisa apontada pelas mulheres, chegando a ponto de algumas se oferecerem a fazê-las. Diante dessas situações, as quais muitas vezes poderiam cair em constrangimentos, a solução foi passar por estas demarcações naturalmente, utilizando-as inclusive como motivo para mais conversas.

Neste jogo de alteridades onde as desigualdades se impõem a partir da figura do pesquisador, também pode se observar situações em que o pesquisado muda sua atitude no momento da interação, como não pronunciar determinadas palavras, como é o caso de xingamentos. A ocorrência destes, logo é procedida por um pedido de desculpas. Ou ainda, com palavras de reprimendas a quem o fez. Durante o trabalho de campo foi possível observar inclusive casos de o pesquisado se esforçar para mudar o vocabulário, rebuscando-o, conforme pode ser constatado nos trechos das anotações de campo a seguir:

Ana é bem articulada. Depois que ela contou que sua patroa é jornalista e tradutora, ficou claro que esta influenciou os modos de Ana – que não tinha mais o sotaque da Bahia. E quando disse que ela havia perdido o sotaque, Ana me perguntou toda preocupada se não “chiava”. Demorou para eu entender o que seria o tal chiado, mas depois entendi que se referia a possíveis resíduos de sotaque. Acalmei-a dizendo que não, que ela falava muito bem. O que a deixou orgulhosa e completou dizendo que “faz questão de falar assim, sem chiado, mas sem forçar. ” De qualquer forma percebi que trocava algumas palavras na tentativa de sofisticar o linguajar... (Relato de campo de 04/05/2014)

Assim como os primeiros contatos, as entrevistas e os relatos dos moradores são permeados por sutilezas. Novamente, nas palavras de ZALUAR (2004, p.119), o “processo de comunicação social” ‘não é uniforme, nem ininterrupto’. Este, de acordo com a autora, é composto por elementos como “pausas, proibições, interrupções, restrições”, além dos “grunhidos” dos quais GOFFMAN fala para se prestar atenção (1989).

Algumas vezes a explicação pode vir de maneira indireta. E, não foi raro acontecer do pesquisado querer a opinião do pesquisador sobre o assunto. O assentimento de um “né” (não

é?), faz parte do jogo, colocando em xeque a premissa do desaparecimento da figura do pesquisador e demonstrando que se trata de trocas, mesmo que em parâmetros diferentes e marcadas por hierarquias.⁸

Sobre a dinâmica das entrevistas, estas geralmente foram realizadas nas residências, podendo ocorrer também em ambientes de trabalho, no caso das proprietárias de comércio e até mesmo dentro dos ônibus, levando em conta premissa do “seguir as pessoas” e a prática do go-along. Nestas ocasiões as conversas eram mais soltas, girando em torno das características da região ou sobre os percursos diários.

Aliás, estas conversas de dentro do ônibus não se restringiram aos moradores do bairro – sempre que algum usuário apresentasse abertura ou demonstrasse vontade de falar, a pesquisadora aproveitava para trocar algumas palavras. Tal estratégia contribuiu para a apreensão de outras visões do bairro situadas não tão longe espacialmente, a ponto de enxergá-lo pela óptica do exótico, mas distante o suficiente para estabelecer outros significados, além de distinções.

Cabe ressaltar que, no transcorrer de muitas das entrevistas que mais pareciam conversas, houve o acompanhamento de outros membros da família e até vizinhos próximos. Esta participação nem sempre se limitava a observação, contribuindo de quando em quando com complementações ao que fora respondido. Em determinadas situações, a pesquisadora achou mais conveniente fazer a entrevista também com um desses participantes, devido a sagacidade demonstrada ao compreender o que estava sendo tratado.

Não foi rara as vezes que bastava desligar o gravador para que novas revelações fossem ditas, o que pode ser justificado por se sentirem mais confortáveis pelo fato de não estarem sendo gravados. Entretanto, o gravador, ao contrário do que a pesquisadora esperava inicialmente, não era visto como um constrangimento. A única recusa no que diz respeito a utilização desse instrumento decorreu do fato de uma entrevistada não gostar do som da sua voz – diante da situação, coube a escrita a função de registrar.

De qualquer forma, estas conversas, independentemente de sua importância para com o objeto abordado, corroboraram com o fortalecimento da confiança na relação entre

⁸ Sobre as questões contrárias a neutralidade e distanciamento do pesquisador, vale destacar a abordagem de KAUFMANN (2011) sobre o assunto. Para o autor, o envolvimento do pesquisador é condição para que o pesquisado se “libere”. “Se ele [o pesquisador] não diz nada, o outro não terá referências e não poderá avançar” (2011, p.86). Esta flexibilidade permite que a entrevista ganhe outros tons, podendo se aproximar de conversas, o que se mostrou ser bastante profícuo, conforme se constatou nas entrevistas.

pesquisador/pesquisado, a qual tem a escuta como principal elemento de sua constituição. Sobre a escuta, é interessante notar como a suposta neutralidade do pesquisador, do ponto de vista do pesquisado, assim como sua disposição para ouvir, pode desencadear revelações de pessoas que nem sempre estavam envolvidas diretamente no escopo do trabalho. O que leva a pensar no que KAUFMANN diz sobre a visão do pesquisador pelo informante como um “estrangeiro”, “alguém que não existe enquanto pessoa que desempenhe um papel em sua rede de relações.” (2011,p.87).

Ademais, a utilização das redes sociais virtuais, como o Facebook e o WhatsApp, como mencionado, foi uma forma de agilizar e aprofundar o processo de comunicação. Perguntar a pesquisadora se ela tinha “Face” ou “WhatsApp” ou ainda, pedir para “adicionar” se transformou numa rotina. Até mesmo porque era forma de saber mais sobre a pesquisadora sem ser invasivo. Mesmo assim, não foram raras as vezes em que esta teve que responder algumas questões que ultrapassavam os aspectos tratados pela pesquisa.

Dessa forma, na medida em que as pessoas passaram a compreender o motivo da presença da pesquisadora, o papel desta foi se consolidando. As apresentações se tornaram menos formais – já não era mais necessário se apresentar detalhadamente para todos, ocorrendo do próprio morador, fazer a apresentação, inclusive explicando sobre o trabalho. Dependendo do contexto e dos termos utilizados durante a apresentação, era possível saber em que nível a relação se encontrava, até mesmo se ela havia se constituído. Falas como: “*Esta é minha amiga*” ou ainda “*Fala com ela que ela é legalzinha*”, são marcadas por subjetividades além de, é claro, facilitar o contato por meio de uma recomendação pessoal. Nestes termos, a pesquisadora de desconhecida passava a ser alguém próximo do morador, o que ajudava a diminuir desconfianças.

Outras sinalizações sobre o reconhecimento do pesquisador pelo pesquisado foram notadas durante a pesquisa de campo. Ser anunciada pelo nome, por alguém que só se conhecia de vista, indicava que a figura da pesquisadora se tornara conhecida entre os moradores. Ou então, escutar um morador explicando a outro sobre a pesquisa, convencendo-o a participar da mesma, era muito interessante, uma vez que dava acesso a compreensão deste sobre o trabalho da pesquisadora – as palavras utilizadas, assim como a assertividade, não poderiam ser melhores.

Na medida em que a pesquisadora visitava o bairro, não tardaram a acontecer os convites: aniversário, festa junina, desfile da fanfarra, fazem parte dos inúmeros eventos em

que a pesquisadora fora convidada. Contribuíram ainda para o fortalecimento dos vínculos, o fato de estar presente tanto em situações corriqueiras – mudança domiciliar, preparação para festa, o jogo de futebol de várzea –, como em momentos extraordinários, marcado por dificuldades, como aconteceu com a família de Nair, uma das entrevistadas, a qual perdeu tudo num desmoronamento de terra.

Da “*moça do livro*” para “*minha amiga*” foi o resultado de um processo que se deu vagarosamente, embasado sobretudo no entendimento que para a apreensão das relações sociais no bairro era vital que estas se estendessem à figura do pesquisador, o que não poderia se dar sem a sintonia fina proporcionada pela pesquisa etnográfica. A convivência, mesmo que pontual, a qual se iniciava com um cafezinho no mercado, que com o tempo virou cortesia por parte do dono, e continuava com os cafés acompanhados por longas conversas sobre a vida, permitiu que as alteridades se abrandassem nestes vários momentos e geralmente finalizados com um: “*da próxima vez avisa, que eu faço um bolo pra você*”.

3. UMA PERIFERIA SINGULAR

3.1. QUEM CONHECE UMA, NÃO CONHECE TODAS

Se o conceito de periferia não se limita mais ao enfoque homogêneo que generaliza as periferias como áreas desassistidas de infraestrutura urbana, localizadas a grandes distâncias das regiões centrais da cidade, habitadas por pessoas com baixíssimos rendimentos e estigmatizadas pela prevalência da violência em determinadas áreas dessas periferias, que se sobrepõem e delineiam o cotidiano dos moradores, não se pode descartá-lo por completo.

Sem dúvida esta concepção de periferia, o qual estabelecia uma divisão clara entre centro e periferia, destituída de qualquer tipo de nuance, não dá conta de explicar as transformações e reconfigurações pelas quais estas áreas tem passado e que se estende ao tecido urbano de modo geral.

Tratar de periferia atualmente é ter em vista, como observa MARQUES e TORRES (2001)⁹, a existência de espaços heterogêneos, complexos, com níveis diferenciados de carências de infraestrutura urbana que se sobrepõem, apresentando inclusive, riscos ambientais decorrentes das características estruturais presentes – áreas sujeitas a inundações, desmoronamentos e até mesmo riscos de contaminação, como é o caso de ocupações em regiões com lixões –, localizadas nas franjas da cidade e que agravam ainda mais as condições de vida de seus respectivos moradores. É a “periferia da periferia”, assim denominado este tipo localidade pelos respectivos autores na análise sobre as condições de vida presentes em determinadas áreas do município de Mauá, região metropolitana de São Paulo.

Esta “periferia da periferia” apropriando-se do termo dos autores, também é denominada de “fronteira urbana” por TORRES (2004)¹⁰ em sua análise sobre a expansão destas áreas

⁹ Ver, MARQUES, Eduardo; TORRES, Haroldo. *Reflexões sobre a hiperperiferia: novas e velhas fases da pobreza no entorno municipal*. Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais, n.4. p.49-70, 2001.

¹⁰ Ver, TORRES, Haroldo. *Fronteira Paulistana*. Apresentado no XVI Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, realizado em Caxambu-MG de 20-24 de setembro. Disponível em: http://www.abep.nepo.unicamp.br/site_eventos_abep/PDF/ABEP2004_64.pdf. Acesso em: 11/11/2015

localizadas nos interstícios da região metropolitana de São Paulo. Estas, de acordo com o autor se caracterizam pelo déficit de infraestrutura, “onde tudo está por construir”, pelo acentuado crescimento populacional quando comparado com as demais regiões do município, decorrente, principalmente pela migração de nordestinos, pela existência de conflitos diversos relacionados ou a posse de terra ou por ocuparem áreas de proteção ambiental e, como assinala TORRES, por ser uma espécie de “válvula de escape” para aqueles que não tem para onde ir. O adensamento dessas áreas é resultante de um conjunto de fatores que pode implicar na diminuição de oportunidades dessas pessoas decorrentes, predominantemente, da reconfiguração produtiva acompanhada pela constante demanda de especialização, dos baixos níveis educacionais, além da dinâmica do mercado imobiliário.

Isto posto, não se trata mais da expulsão de trabalhadores que formam um contingente de reserva de mão-de-obra industrial, em conformidade com os processos de formação de periferia abordados pela literatura nas décadas de 1970 e 1980, em especial a noção de “espoliação urbana” (KOWARICK,1979), mas de deslocamentos de um contingente que, destituído das qualificações exigidas por um mercado em constante transformações, não conseguem se inserir por completo, cabendo-lhes ocupações com baixos rendimentos ou ainda, a condição de desemprego frequente, dependendo muitas vezes de suas redes de relacionamentos, como aponta MARQUES (2009)¹¹ para lidar com as condições de pobreza.

Novamente, o cenário também é marcado pelos efeitos das estratégias do mercado imobiliário, o qual perpetua os deslocamentos para estas regiões limítrofes da cidade, adensando-as, como chama atenção KOWARICK¹² sobre tais ocupações na cidade de São Paulo. Consequentemente, esta dinâmica corrobora com a manutenção da correlação direta entre consolidação de uma área mediante o incremento da infraestrutura urbana e o aumento da valoração da mesma e, indiretamente, no que diz respeito a exclusão dos mais pobres, ou seja, daqueles que não podem pagar pelo espaço melhor equipado. Os circuitos de exclusão se repetem no tecido urbano, dificultando a ascensão social daqueles que se encontram nas bases da população.

Por outro lado, compondo este cenário múltiplo, há periferias consolidadas, com considerável presença de bens e serviços públicos, decorrentes da ampliação da provisão de tais

¹¹ Ver, MARQUES, Eduardo. *Redes Sociais, Segregação e Pobreza*. São Paulo: Editora Unesp, Centro de Estudos da Metrópole, 2010.

¹² De acordo com o autor, na cidade de São Paulo, “ [...] a ocupação do solo não se fundamenta mais na produção de novas periferias, processo dominante até a década de 1980, mas no adensamento das áreas já existentes. ” (KOWARICK, 2009, p.278)

serviços, muito embora, estes se diferenciem em relação a qualidade, como acentua TORRES (2006, apud MARQUES, 2010, p.65), alterando assim o foco das reivindicações, as quais passam a girar em torno de questões como “a melhoria do ensino básico, melhor habitação, o acesso ao mercado de trabalho e a crédito” (TORRES, 2004, p.9).

Ademais, a ocupação de regiões distantes das principais centralidades da cidade, evidenciadas pelo déficit de infraestrutura não se dá mais pela população mais pobre – grupos localizados nos altos estratos da pirâmide social, passaram a residir nestas áreas, a despeito do grau de infraestrutura presente, isolando-se do entorno em condomínios fechados, os “enclaves fortificados” como fala CALDEIRA (2000, p.211).

A literatura recente tem corroborado com a heterogeneidade do espaço da cidade, em especial no município de São Paulo e demonstrado que nem sempre essa significa diminuição das desigualdades sociais. Os resultados da pesquisa de REQUENA, GODOY e SARUE (2015)¹³ em regiões onde os condomínios fechados de alto padrão coexistem com condições precárias no que concerne à infraestrutura do seu entorno, ressaltam que a universalidade de bens e serviços públicos nem sempre pode ser correlacionada com a elevação da renda.

Em suma, em concomitância com a heterogeneidade da configuração do espaço intra-urbano, chega-se ao distrito de Marsilac que contrasta não somente pela vasta extensão territorial, mas pela diversidade que incorpora num mesmo distrito áreas naturais protegidas, assentamentos rurais e pequenos núcleos populacionais cada vez mais urbanizados, assemelhando-se a outras periferias da cidade. O distrito também chama atenção pelos indicadores sociais, conforme será abordado na próxima seção, apontando para elevados índices de vulnerabilidade humana decorrente das condições de vida. Todavia, observa-se algumas melhorias nos núcleos urbanizados, com a ampliação da provisão de serviços de infraestrutura urbana na medida do possível, uma vez que se trata de uma área regularizada.

¹³ Ver, REQUENA, Carolina; GODOY, Samuel R.; SARUE, Betina. “Condições urbanas: desigualdades e heterogeneidade”. In MARQUES, Eduardo (org.). *A metrópole de São Paulo no século XXI: espaços, heterogeneidades e desigualdades*. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

3.2. O DISTRITO EM DADOS

Localizado no extremo sul da cidade de São Paulo, Marsilac, é o maior e menos denso distrito administrativo do município, com área territorial de cerca de 20.000 (ha) e densidade demográfica de 0,41 (pop/ha). Com 2.349 domicílios e população total de 8.258 habitantes¹⁴, seu território é ocupado desigualmente, por se tratar de uma área de proteção ambiental, adensando-se nos e em torno dos pequenos núcleos urbanizados existentes, como é o caso dos bairros de Embura e de Engenheiro Marsilac, por se tratar de áreas mais consolidadas, concentrando serviços públicos e privados.

Em Marsilac, somente 12% dos domicílios encontram-se ligados à rede geral de abastecimento de água em contraposição aos 99,8% do município. Já em relação ao esgotamento sanitário, ele é praticamente inexistente, os níveis do distrito estão entre os mais baixos do município, taxa de 0,2% frente a proporção municipal de 92%, de acordo com os dados do Censo Demográfico de 2010, do IBGE.

Vale lembrar que em decorrência da complexidade que envolve uma área protegida ambientalmente, a provisão de saneamento ambiental não é a mesma, devendo: “(...) obedecer aos critérios de infraestrutura rural definidos pelo órgão federal competente e atender à legislação referente às unidades de conservação, em especial seus planos de manejo.”, segundo o Artigo 199, parágrafo único do Plano Diretor Estratégico do Município de São Paulo (Lei nº 16.050/14)¹⁵

Portanto, no Distrito de Marsilac há o predomínio de fossas sépticas e poços artesianos individuais ou coletivos. Entretanto a falta de técnica adequada, uma vez que em muitos casos são os próprios moradores que cavam e instalam os poços, pode ocorrer contaminações no solo, acarretando malefícios para a própria população. Aliás, observa-se que o distrito apresentou elevado índice de ocorrências de doenças relacionadas às carências de infraestrutura urbana – inclusive a presença de esgoto correndo pelas ruas – o distrito tem um dos maiores índices de

¹⁴ Fonte: infocidade.prefeitura.sp.gov.br/htmls

¹⁵ Disponível em:

<http://www.docidadesp.imprensaoficial.com.br/NavegaEdicao.aspx?ClipID=49ES72VI1H4LQeAJIGOEHHC87AGO&PalavraChave=plano+diretor>.

doenças meningocócicas do município com taxa de incidência de 36,3 ocorrências por 100.000 habitantes, conforme os dados de 2011 da Municipal da Saúde de São Paulo.¹⁶

A existência de ocupações irregulares, onde os moradores abrem caminhos que acabam se tornando ruas, assim como em espaços já urbanizados, mas que ainda não foram oficializados, justifica a existência de ruas sem identificação de logradouro, onde é possível encontrar improvisos por meio da instalação de placas com nomes criados por seus moradores. Entretanto, a ausência de calçamento ou continuidade deste, assim como de pavimentação, encontradas até mesmo nestas áreas mais consolidadas do distrito, demonstra uma certa irregularidade na provisão dos serviços.

No que se refere a universalização do serviço de coleta de lixo domiciliar, o distrito apresentou um desempenho melhor, chegando a proporção de 89,7%. Todavia, quando comparado ao restante do município (99,1%), ele ainda se encontrava na base de índices mais baixos. O mesmo se verifica com os índices de domicílios ligados à rede de eletricidade, proporção de 68%, muito embora, como observado durante o trabalho de campo, seja comum na região a prática de ligações clandestinas, os conhecidos “gatos”, justificados pelos moradores mais pela ausência de atendimento público do que pela opção pela ilegalidade.

Prosseguindo com os indicadores, mais especificamente o crescimento populacional do distrito, verifica-se que após sucessivas elevações, com destaque para o período de 1991 a 2000, onde a taxa de crescimento de 3,83% ultrapassou a do município que foi de 0,88%, o número da população total decresceu. A população total, de acordo com os dados dos dois últimos recenseamentos realizados pelo IBGE diminuiu de 8.404 para 8.258 habitantes, conforme observado nas tabelas 1 e 2 (na página a seguir) que compilam respectivamente a quantidade populacional e a taxa de crescimento levantada pelos censos demográficos de 1980, 1991, 2000 e 2010:

¹⁶ Ver Atlas da Saúde Pública de São Paulo (2012).

Tabela 1 - Número total da população do Distrito de Marsilac nos períodos de 1980 e 2010.

Período	N
1980	4.439
1991	5.992
2000	8.404
2010	8.258

Fonte de dados: *Infocidade*
Tabela elaborada pela autora

Tabela 2 - Taxa da população do Distrito de Marsilac nos períodos de 1980 e 2010.

Período	N
1980/1991	2,76
1991/2000	3,83
2000/2010	-0,18

Fonte de dados: *Infocidade*
Tabela elaborada pela autora

Nota-se que este arrefecimento da taxa de crescimento apresentada pelos dados de 2010 abarca o período em que a maior parte do distrito foi declarado como área de proteção ambiental (APA), entretanto, não há como inferir o possível grau de influência que este tipo de mudança, a qual está atrelada a restrições espaciais decorrentes de legislação específica, possa ter tido sobre o decréscimo populacional. Como forma de evitar conclusões apressadas, é recomendável ter em vista que as dinâmicas demográficas do município tendem a diminuir, contudo de forma desigual entre as áreas da cidade, conforme MARQUES e REQUENA (2015)¹⁷ apontam na análise sobre a diversidade das trajetórias demográficas. Cabe destacar que esta heterogeneidade de crescimento demográfico também se estende à periferia, havendo determinadas áreas da periferia que, segundo os autores “continuam a alojar os processos atribuídos classicamente àqueles espaços” (MARQUES E REQUENA, 2015, p.170), ou seja, caracterizada por expressivas taxas de crescimento, enquanto em outras observa-se um menor crescimento, ocorrendo inclusive áreas de esvaziamento populacional. Que no intervalo dos últimos 10 anos, o Distrito de Marsilac diminuiu, é fato, contudo, não há como prever se tal tendência continuará.

O distrito é também marcado por elevados números decorrentes de violência, com uma das maiores taxas de homicídios por causas externas. A taxa desse tipo de mortalidade encontra-se acima de 65 óbitos por 100.000 habitantes, ultrapassando assim, a média do município, que é de 53,1 óbitos de acordo com dados de 2011, da Secretaria Municipal da Saúde¹⁸.

¹⁷ Ver, REQUENA, Carolina; MARQUES, Eduardo. “Trajetórias demográficas diversas e heterogeneidade”. In MARQUES, Eduardo (org.). *A metrópole de São Paulo no século XXI: espaços, heterogeneidades e desigualdades*. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

¹⁸ Ver Atlas da Saúde do Município de São Paulo (2012).

No que diz respeito aos indicadores de renda, o distrito apresentou os seguintes números compilados na Tabela 3 a seguir:

Tabela 3 - Número total de domicílios particulares permanentes por faixa de rendimento nominal mensal

Classes de rendimento (1)	N de domicílios (2)
Até ½	74
Mais de ½ a 1	415
Mais de 1 a 2	653
Mais de 2 a 5	787
Mais de 5 a 10	185
Mais de 10 a 20	26
Mais de 20	4
Sem rendimentos	205
Total	2.349

(1) Salário mínimo utilizado: R\$ 510,00 (2010).

(2) Incluindo domicílios com rendimento mensal domiciliar somente em benefícios.

Fonte de Dados: *Infocidade*. Tabela elaborada pela autora.

Do mesmo modo que ocorre em outras regiões da cidade, Marsilac, embora em escala menor, também não é um espaço totalmente homogêneo em relação ao indicador renda, contrapondo-se a concepção de BONDUKI e ROLNIK que definia periferia como “local onde as rendas diferenciais tendem a zero” (1982 apud MARQUES,2005).

Quanto aos indicadores de trabalho, o distrito estava entre os com menores proporções de trabalhadores formais, situando-se na faixa de 39,6% a 47,9% segundo os dados do Censo de 2010¹⁹. E, segundo os dados de 2013 da Prefeitura Municipal de São Paulo²⁰, o distrito contava com cerca de 157 postos de trabalho formais, excetuando os referentes a administração pública.

Se os números da economia formal são baixos, foi possível observar durante a pesquisa de campo a existência de várias atividades informais como revenda de roupas, “as sacoleiras”, produtos de beleza por catálogos, atividades de caseiro, catação e revenda de material reciclado,

¹⁹ Ver Atlas da Saúde Pública de São Paulo (2012).

²⁰ Ver site Infocidade: http://infocidade.prefeitura.sp.gov.br/htmls/18_empregos_segundo_raca_2013_476.html

padeiro, atividades recreativas e de guia turístico, o que chama atenção para o potencial da região para estas atividades desse tipo.

Por fim, no que diz respeito à Educação, o distrito apresenta os seguintes resultados em relação a distribuição da população em níveis de instrução apresentados na Tabela 4.

Tabela 4 – Número total da população com mais de 10 anos por nível de instrução

Nível de instrução	N
Sem instrução e fundamental incompleto	4.177
Fundamental completo e médio incompleto	1.240
Médio completo e superior incompleto	1.251
Superior completo	123
Não determinado	133
Total da amostra	6.925

Fonte de dados: *Infocidade*.
Tabela elaborada pela autora.

E, ao comparamos os números de população analfabeta acima de 5 anos no município, Marsilac apresentou novamente índices expressivos, ou seja, acima de 10,89%, situando-se entre os distritos com piores resultados, enquanto a média do município se encontrava nos 4,6%.

Algumas considerações devem ser levadas diante de alguns desses indicadores, especialmente quando confrontados com as visões dos moradores. Se os números mostraram que o Distrito tem diminuído seu tamanho populacional, na percepção dos moradores, isto não está ocorrendo, o que leva a pensar sobre a possibilidade do aumento de ocupações ilegais em áreas mais afastadas. Até mesmo porque alguns moradores já deram pistas sobre o assunto. Outro ponto que chama atenção refere-se aos indicadores de violência, os quais se contrapõem com a visão propagada de “*lugar calmo*”. Para alguns dos entrevistados, esta violência vem de fora e utilizam o lugar para descarte, o que contribuiria com a elevação dos números. Embora não seja possível constatar a veracidade de tais afirmações, sabe-se que este tipo de prática ocorre em outras regiões, não se restringindo como uma prática típica da região.

Não custa repetir que determinados dados se relacionam diretamente com a legislação ambiental vigente, em especial os referentes a infraestrutura, apesar que tais leis apresentem alternativas de implementação, como é o caso do saneamento ambiental. De qualquer forma é importante ressaltar o papel das políticas públicas tanto no controle da expansão urbana, como na provisão de alternativas que viabilizem condições de sustentabilidade para os moradores que residem em áreas já consolidadas.

3.3. O PROCESSO DE FORMAÇÃO E OCUPAÇÃO DO BAIRRO²¹

A fundação do bairro de Engenheiro Marsilac, deu-se com o advento da expansão da malha ferroviária paulistana no fim do século 19 e início do século 20. Antigo território pertencente aos índios Guaranis, a região onde se situa o bairro já era conhecida pelos portugueses no início da colonização do país, devido sua localização ser estratégica entre o planalto e o mar. Dividida em sesmarias, nestas terras foram instalados aldeamentos administrados pelos jesuítas, destacando-se o Aldeamento Ibirapuera, fundado em 1556, utilizado como local de defesa do recém-criado povoado de São Paulo de Piratininga em 1554.

Com o desenvolvimento da região, o referido aldeamento, passou para Freguesia de Santo Amaro em 1640, depois foi promovido à vila – Vila Ibirapuera de Santo Amaro e, finalmente em 1832, tornou-se o Município de Santo Amaro. A condição de município perdurou até 1935, quando este foi incorporado à cidade de São Paulo.

Com o desenvolvimento da cidade e conseqüentemente da necessidade de melhorias de infraestrutura relacionada aos transportes, inclusive para o escoamento de produtos, foi construída em 1870, a ferrovia que ligava o município de Sorocaba ao de São Paulo, a Estrada de Ferro Sorocabana, cuja expansão rumo ao porto de Santos, entre as décadas de 1920 e 1940, deu-se com a construção dos ramais Mairinque-Santos e Jurubatuba, passando então a incluir no trajeto e, conseqüentemente, desenvolvendo determinadas localidades que compõem o

²¹ Diante da dificuldade em encontrar dados históricos, trata-se de dados baseados em relatos de moradores e nas seguintes fontes: Caderno do Plano de Manejo da Área de Proteção Ambiental (APA) Municipal Capivari-Monos. Coord. Geral: MARIA LUCIA RAMOS BELLENZANI – Julho, 2012. São Paulo, SP. 2ª Edição / Ecoturismo e Agroecologia no Extremo Sul de São Paulo. Coord. Geral: Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente, 2012. São Paulo, SP.

extremo sul da cidade, entre elas, o vilarejo de Engenheiro Marsilac, que foi criado oficialmente em 1935.

A inauguração da Linha Mairinque-Santos em 1938, que teve a presença do então Presidente da República Getúlio Vargas, é relatada pelos herdeiros dos antigos moradores, os quais costumam enfatizar que foi *“uma verdadeira festa”, “um presidente no bairro!”, “foi ele que mandou construir a escola”* – referência à escola do bairro, a Escola Estadual Professora Regina Miranda Brant de Carvalho.

Independente das exaltações e da possibilidade de haver outras eventualidades e versões resultantes de tal evento, o fato exemplifica como as histórias sobre o bairro, ou vila, como costumam denominar seus habitantes, inter cruzam com as histórias de famílias que ainda habitam a região, como o registro de uma moradora descendente de um dos supostos fundadores não oficiais do bairro:

“Ele chegou aqui e disse que não tinha ninguém. Ali pra baixo da linha, tinha um córrego, não, um riozinho. Quando a gente era pequena a gente ia nadar lá, agora o pessoal faz de fossa aberta. Aí ele pegou e colocou o nome de Ribeirão Claro. Depois foi chegando mais pessoas e começou a construção da linha férrea. Acho que foi 47, 49 que começou a construir a linha férrea. Aí um engenheiro, o engenheiro Marsilac foi o engenheiro que projetou a linha, só que aí, minha mãe dizia que ele foi fazer uma trilha e sumiu na mata. O pessoal comenta que a onça comeu ele. Aí em homenagem a ele colocaram Engenheiro Marsilac (em relação ao nome do bairro), mas deveria ser Vila Pires, que é da família.”

A despeito das histórias familiares, a constituição oficial do bairro deu-se pela necessidade de moradias para os trabalhadores que participaram da construção dos referidos ramais e da estação de trem, a qual também recebeu o nome do engenheiro José Alfredo Marsillac, o seu mais famoso construtor. Durante a construção da linha ferroviária, assim como no início de seu funcionamento, o bairro destacava-se pelo seu desenvolvimento econômico devido à exploração de madeira para a produção de carvão vegetal e por ser um ponto de parada àqueles que se destinavam ao comércio de Santo Amaro.

De acordo com o depoimento da ex-líder comunitária e moradora, neste período o bairro era *“muito mais urbano do que hoje”*. Dessa época restaram somente alguns fornos que eram utilizados para a produção do carvão – possíveis de encontrar quando se entra na mata – e, o conjunto de construções conhecido como Casario de Engenheiro Marsilac, formado por casas

e uma capela, protegidos pelo patrimônio histórico²². Em relação à estação, esta foi derrubada para ser construída outra no lugar e demolida novamente no ano de 1988, em decorrência do término do transporte de passageiros no ano anterior – resultado do processo de desestatização da malha ferroviária. Desde então, a ferrovia passou a ser utilizada como corredor de exportação de cargas para o Porto de Santos e se encontra sob a gestão da empresa ALL (América Latina Logística).

O término da produção carvoeira, no fim da Segunda Grande Guerra, não significou apenas a interrupção de um ciclo econômico bem-sucedido, o qual era praticamente autossuficiente, mas como o início de mudanças no que se refere também a configuração espacial: a partir de então a região passa a ser reflorestada, restando somente os pequenos núcleos urbanos, como é o caso do bairro de Engenheiro Marsilac. Este, ladeado por matas, caracteriza-se pela existência de pequenos estabelecimentos comerciais, de alguns equipamentos públicos e por suas construções horizontais, inclusive sítios que se tornam mais frequentes na medida em que se aproxima dos limites do bairro.

No que tange a sua ocupação, a região passou principalmente por três processos de fluxos de chegada de pessoas:

Primeiro processo: No período do Império Brasileiro (1822-1889), com a devolução das sesmarias para o governo, qual decidiu criar em 1828 o bairro de Colônia (Parelheiros), que impulsionou a ocupação de outras áreas da região do extremo sul da cidade. Para tanto o governo promoveu a vinda de imigrantes alemães com o intuito de modernizar as técnicas agrícolas e industriais e seria uma forma de proteger a região em caso de ataque. É muito comum encontrarmos sobrenomes alemães em ruas, propriedades ou entre os moradores-descendentes, como Reimberg, Schunck, entre outros.

Segundo processo: se deu com a chegada dos japoneses na década de 1930, os quais contribuíram para o desenvolvimento da agricultura na região, especialmente em bairros como Colônia, Grajaú e Veleiros. Ademais, criaram associações e locais de preservação da cultura japonesa como é o caso do Solo Sagrado, instalado às margens da Represa Guarapiranga

Terceiro processo: deu-se em meados da década de 1940, com a chegada dos nordestinos na região, corroborando com o movimento em direção aos extremos, devido elevado preço da

²²Resolução 26/CONPRESP/2004. Disponível no Site da Prefeitura de São Paulo/ Subprefeitura de Parelheiros: <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/conpresp/noticias/?p=2265> . Acesso em: 20/01/2015.

terra nas áreas centrais da cidade. Não obstante a distância e a falta de infraestrutura, a existência de ocupações de trabalho específicas atreladas a configuração espacial do bairro, que ganhava cada vez mais contornos rurais, era um diferencial e um atrativo para uma força de trabalho desqualificada para as exigências da indústria e que muitas vezes provinham de áreas rurais.

No decurso das vidas, alguns desses migrantes, que geralmente trabalhavam como caseiros, prosperaram a ponto de adquirirem a propriedade de seus antigos patrões. Embora o fluxo de entrada de pessoas tenha se estabilizado ao longo do tempo, ainda chegam novos moradores, porém os motivos variam: das dificuldades decorrentes do elevado custo de vida nas regiões mais centrais da cidade, até mesmo pela fuga de lugares estigmatizados como é o caso de se morar na favela. Mas não só isso, pois a estas coexistem também outras modalidades de moradores que decidem viver no distrito, por conseguinte, no bairro de Engenheiro Marsilac, como é o caso dos que buscaram uma vida mais calma e próxima da natureza, remetendo inclusive os possíveis lugares de origem, como é o caso de aposentados, ou ainda, aqueles que decidiram mudar seu estilo de vida por completo, como jovens urbanizados que mudam para os sítios da região, mesmo que a contrapartida significa ir para o “mato” e “*longe de tudo*”, como relataram algumas das entrevistadas.

3.4. UM BAIRRO DENTRO DA APA

Que Engenheiro Marsilac está “*longe de tudo*”, não é mera força de expressão, uma vez que se encontra a 60 km do centro velho da cidade. O mesmo pode ser concluído em relação ao “*morar no mato*”, o bairro localiza-se totalmente no interior da APA Capivari-Monos, por conseguinte, marcado pela paisagem natural, com vasta vegetação, presença de nascentes, cachoeiras, principalmente na medida em que se afasta das ruas centrais do bairro.

Juntamente com o bairro de Embura, Engenheiro Marsilac é um dos pequenos núcleos populacionais mais urbanizados do Distrito de Marsilac, onde é possível encontrar alguns equipamentos de infraestrutura como escola, posto de saúde, creche, praça pública, além da concentração de pequenos estabelecimentos comerciais, sobretudo de composição familiar,

muitos dos quais se encontram improvisados em garagens das próprias residências, destinados a comercialização de produtos de primeira necessidade como alimentícios e de higiene.

O percurso até Marsilac, considerando como ponto de partida o centro da cidade, pode levar mais de 3 horas. E o trajeto é marcado pela diluição da paisagem urbana e seus componentes, evidenciando assim as discontinuidades que persistem na cidade, ou seja, corroborando com um processo de urbanização nada coeso, que se estrutura em construções espaciais e densidades diversas, onde se sobrepõem combinações variadas de tipos de assentamentos, práticas e de relações sociais incorporados pelo território urbano.

O principal acesso até o bairro é pela estrada de mesmo nome, a Estrada de Engenheiro Marsilac, a qual se inicia no distrito vizinho, o Distrito de Parelheiros, e finaliza no centro do bairro, “*o centrinho*”, como também é conhecido. É o local onde a estrada vira a rua, mais especificamente, a rua principal, que se destaca por ser tanto uma “mancha” pela presença dos estabelecimentos comerciais, equipamentos públicos, portanto é uma localidade de constante trânsito tanto entre os locais, como moradores de outras regiões do distrito, quanto um “pedaço”, utilizando-se das categorias de MAGNANI²³, pois também se trata de um local onde relações sociais se estabelecem e se reafirmam constantemente – lugar para ver e ser visto. Em suma, é a entrada e saída do bairro, sendo possível pegar o único ônibus que chega na região, o Marsilac/Terminal Varginha (6L01-10) e onde se situa a única área de lazer pública do bairro, a minúscula Praça Maria Nazareth da Costa, com suas mesinhas e bancos de concreto e aparelhos de ginástica.

Espacialmente o bairro se configura a partir da rua principal, a qual dá a sensação de dividi-lo em duas partes: a área localizada na parte inferior à rua, onde há a linha do trem e é destituída de qualquer tipo de infraestrutura urbana e, a superior, que se sobressai por ser mais densa e pela presença de equipamentos públicos. Na parte inferior, seguindo os trilhos da linha do trem, é possível avistar algumas moradias situadas num nível abaixo dos mesmos. Algumas vezes, encontra-se apenas a sugestão da presença de moradias, uma vez que estão ocultadas pela vasta vegetação que ladeia grande parte do caminho dos trilhos do trem. A paisagem é completada pela presença de espaços vazios, onde é possível encontrar vestígios de habitação

²³ De acordo com o autor, a categoria mancha são “*áreas contíguas do espaço urbano dotadas de equipamentos que marcam seus limites e viabilizam – cada qual com sua especificidade, competindo ou complementando – uma atividade ou prática predominante.*” (MAGNANI, 2012, p.94). Já a categoria pedaço se refere ao “*espaço intermediário entre o privado (a casa) e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla que a fundada nos laços familiares, porém mais densa, significativa e estável que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade.*” (1998, apud MAGNANI, 2012, p.88)

como portões ou pedaços de construções. A falta de uma infraestrutura mínima, faz com que os percursos não sejam fáceis, tanto pelo fato de se ter que dividir o espaço que resta com os veículos que passam, como pelo lamaçal que se forma nos dias chuvosos. Acrescenta-se que a travessia dos trilhos sempre implica em riscos de acidentes.

Na parte superior, mais consolidada no que diz respeito a área urbanizada, é possível encontrar ruas asfaltadas, com predomínio de casas de alvenaria e é onde se situam a escola, a creche, Igreja Adventista, a Paróquia da Comunidade São João Batista, o campo de futebol, além de pequenos comércios espaçados nas ladeiras e ruas paralelas. Todavia, apesar da maior densidade e de uma melhor estruturação no que concerne as características de infraestrutura, verifica-se que esta configuração mais urbanizada presente nesta área do bairro não é contínua, com a presença de ruas de terra, vegetação densa e alguns sítios, havendo inclusive ocupações irregulares em áreas de risco ambiental²⁴ na medida em que se distancia da rua principal.

Prosseguindo com as características do bairro, em Engenheiro Marsilac predominam as construções térreas, não havendo prédios residenciais. Apesar das casas antigas, do período em que o centrinho era uma vila de trabalhadores, o padrão de construção que predomina é a autoconstrução, caracterizada pela mistura de cores, pelo reaproveitamento de materiais, pela reutilização criativa de objetos, alterando inclusive seus usos. Soma-se ao mesmo, a junção de formas e o conhecido padrão tijolos ou cimento aparentes, típicos dessa forma de construção que geralmente é realizada pelo proprietário com a ajuda de parentes ou amigos.

O provisório aqui se estende indeterminadamente, tendo o capital como elemento continuador. E a ampliação das extensões das casas, ao contrário do padrão de ampliação observado com frequência em diversas regiões periféricas da cidade, o qual se caracteriza pela construção de lajes que se sobrepõem, criando novos cômodos ou até mesmo novas unidades residenciais, tende a se expandir horizontalmente, aproveitando os espaços dos vastos quintais. Aliás, os quintais com várias casas são frequentes na região, havendo alguns com famílias quase inteiras dividindo áreas comuns do terreno. Esta proximidade física, inclusive entre vizinhos, se por um lado, estreita os vínculos ao estabelecer uma rede dinâmica de reciprocidades, por

²⁴ No início do segundo ano de etnografia no bairro, no mês de janeiro de 2015, devido excesso de quantidade de chuvas, ocorreram desmoronamentos de terra nessas localidades mais íngremes, ocasionando o soterramento de duas casas localizadas ao pé dessas encostas, sendo que em uma delas vivia uma das entrevistadas com sua família. Felizmente os danos foram somente materiais.

outro diminui o grau da privacidade²⁵, conforme tratado no capítulo quarto, que aborda, entre outras coisas, a questão da sociabilidade do bairro.

Pelo fato do bairro estar totalmente inserido numa área de proteção ambiental, a APA Capivari-Monos, cabe algumas explanações sobre as características que influenciam o cotidiano das vidas em Engenheiro Marsilac, contribuindo também para quebrar alguns paradigmas que envolve a região, como é o caso dos aspectos de infraestrutura.

A APA Capivari-Monos é uma Unidade de Conservação de Uso Sustentável municipal, gestada por um Conselho Gestor formado pelo poder público e a sociedade civil, com membros da comunidade. Aliás, a sua criação e instituição foi resultante de movimentos dessas duas esferas, não sendo, portanto, uma lei que se deu somente de cima para baixo, mas compartilhada em sua feitura e implementação. Devido sua tipologia – conservação e uso sustentável – é permitido o uso dos recursos naturais de modo direto e sustentável, sendo regulado pelo Plano de Manejo e o Zoneamento Ambiental, elaborados a cada seis anos.

A APA Capivari-Monos é regida por leis das esferas federal, estadual e municipal, que regulam os usos e ocupações da região. Sumariamente, a legislação federal que compreende o Código Florestal, Lei nº 12.651/12, a legislação estadual que abrange a proteção aos mananciais, Lei nº 9.866/97, além de leis específicas para a Bacia hidrográfica do Capivari-Monos, Lei nº 898/75 e Lei nº 1.172/76. Por fim, o Plano Diretor Estratégico da cidade, que funciona como uma legislação incidente da Lei da APA (Lei nº 13.136/01)²⁶ e prever a atualização e adequação do Plano de Manejo e o Zoneamento Ambiental.

Em relação as diretrizes estabelecidas por esse Plano Diretor Estratégico, vale destacar a regulamentação das zonas rurais do município e a inclusão dos distritos de Parelheiros e Marsilac como zonas rurais, prevendo a criação de um Polo de Desenvolvimento Econômico Rural Sustentável (Seção V, art.189) na região, com o intuito de promover a agricultura familiar, incentivando a produção orgânica, compatível com as características ambientais

²⁵ Durante o trabalho de campo, foi possível observar várias situações que corroboram com este maior nível de proximidade entre a família e os que se consideram e são considerados como tal ou seja a rede de vizinhança muitas vezes são transpostas para o âmbito familiar.

²⁶ Ver: Lei nº 12.651/12: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112651.htm; Lei nº 9.866/97: http://www.saobernardo.sp.gov.br/documents/10181/25285/Lei_estadual_9866-97.pdf/1ba3fe32-b65e-459f-96c9-37cb814cf643; Lei nº 898/75 e Lei nº 1.172/76 respectivamente: https://www.socioambiental.org/esp/agua/doc/898_1975.pdf e https://www.socioambiental.org/esp/agua/doc/1172_1976.pdf, finalmente Lei nº 13.136/01: http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/seguranca_urbana/13_136.pdf

locais, além disso, prevê a implantação da Polo de Turismo de Parelheiros (Lei nº 15.953/14)²⁷, que engloba os dois distritos e estabelece o bairro de Engenheiro Marsilac como bairro turístico.

Esta estratégia adotada pelo plano diretor que une áreas rurais e paisagens naturais, difundindo simultaneamente aspectos que envolvem o potencial produtivo local, com a preservação e proteção do solo e de recursos da biodiversidade, além da promoção de atividades turísticas, são diretrizes, não se sabendo, portanto, como serão ou ainda, se serão implementadas, dependendo de vontade política, investimentos e a aderência dos locais. De qualquer modo, em 23 de março de 2016, foi sancionada pelo Prefeito Fernando Haddad, a lei de zoneamento do município (Lei nº 16.402 de 22 de março de 2016)²⁸ que normatizará as formas de ocupação e uso do solo, portanto, podendo colocar em prática algumas dessas diretrizes.

De qualquer forma, como se sabe, a existência da lei nem sempre garante que essa será respeitada, ainda mais quando são criados hiatos mediante a falta de fiscalização, como costuma acontecer nestas áreas de proteção, onde ocupações irregulares coexistem com uma implementação política deficitária. E, apesar da existência de ocupações desse tipo no local abordado, a distância em que se localiza esta região, tem sido capaz de evitar maiores avanços dessas ações. Como observa um morador que é guia turístico na região: *“Marsilac resiste ao desmatamento e ocupações pela distância. Muito longe do centro, senão aconteceria o que ocorreu com a zona leste, a região do Parque do Carmo”*.

Faz sentido, mas não só isso pelo o que pôde ser observado. O envolvimento por parte dos moradores também deve ser considerado como relevante para a manutenção da paisagem natural do bairro. Foi possível notar pelos discursos dos locais, que a APA qualifica o bairro, a despeito das regulações e impeditivos, indo além da ideia de “viver no mato”. Viver em Engenheiro Marsilac é estar numa área protegida por leis e considerada de extrema importância para o restante da cidade tanto pela natureza como por seu potencial produtivo. Mas, em termos práticos, quais são as implicações de se viver num bairro dentro da APA?

Por se tratar de uma área de contenção urbana e uso sustentável, há uma certa maleabilidade no uso e ocupação da área, sendo possível até mesmo construir, desde que as

²⁷ Disponível em: http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/upload/premiozerenato_1389285639.pdf

²⁸ Disponível em: <http://gestaourbana.prefeitura.sp.gov.br/wp-content/uploads/2016/03/PL-272-15-com-raz%C3%B5es-de-veto1.pdf>

construções sejam licenciadas pelos órgãos responsáveis. E, algumas atividades são proibidas como a caça e a pesca com rede ou tarrafas, por exemplo, além da interdição da fabricação e comercialização de material de construção²⁹ – entendida como uma forma de dificultar os processos de construções. Entre as tensões existentes em decorrência das interdições e das possíveis dificuldades de se adequar às regulamentações, em especial no que refere a legalização dos terrenos resididos, há um consenso em torno da qualidade e a regularidade da provisão dos serviços de infraestrutura.

Fato que vai ao encontro do que MARQUES (2015) assinala sobre o aumento do acesso ao bens e serviços públicos na cidade, mas com qualidades diferenciadas nas provisões. No caso do bairro, há de se levar em conta também as especificidades da regulamentação ambiental, em especial no que trata serviços como o de saneamento ambiental, inexistente até mesmo em áreas consolidadas, como é o caso da rua principal do centrinho de Engenheiro Marsilac.

Como uma das principais demandas da região, o saneamento dessa área está previsto tanto na lei da APA (Art. 14, incisos II, III e IV) como no referido Plano Diretor (Art. 20, parágrafo 3º, inciso IX) e, já ocorreram algumas movimentações dos órgãos responsáveis visando a implantação do mesmo, com estudos e visitas na região. Todavia não houve continuidade até então, deixando a questão a encargo dos moradores, os quais nem sempre têm condições financeiras ou a expertise necessária, o que pode acarretar contaminação do solo, como aconteceu em regiões vizinhas ao bairro.

A despeito das irregularidades no que se refere a provisão de diversos serviços e a infraestrutura urbana no bairro – como os serviços de fornecimento de energia elétrica, telecomunicações, a ausência de asfaltamento de algumas ruas e a falta de continuidade de calçadas –, o centrinho do bairro é organizado, sendo uma referência para outras áreas do distrito tanto pela concentração de equipamentos, como pelo engajamento dos moradores tanto no que se refere a APA, como na obtenção de infraestrutura na região.

São vários os exemplos de conquistas que partiram da iniciativa dos moradores do bairro, chamando atenção para a organização e as estratégias utilizadas. Entre estas se destacam a utilização da imprensa ou a recorrência às instâncias jurídicas, ou seja, por processos de judicialização, como foi o caso, conforme relatado por uma moradora, a obtenção de transporte

²⁹ Sobre permissões e proibições ver os artigos 5º, 6º e 7º da Lei nº 13.136.

escolar gratuito para os alunos da escola, atingindo inclusive as áreas mais longínquas do distrito, como é o caso de Mambu (Cf. capítulo sexto).

Ainda, destacam-se entre as conquistas provindas destas mobilizações populares, a instalação de uma base da Polícia Militar e a coleta de lixo, que passou a ser regular em muitas regiões do distrito. Vale chamar atenção para a coleta de lixo na região, que é diferenciada devido as irregularidades espaciais do distrito, uma vez que nem todas as ruas são asfaltadas, muitas das quais sequer ruas são no sentido literal, e sim, estradas de terra, o que implica na necessidade de veículos de tamanhos diferenciados capazes de transitar pelos diversos tamanhos e tipos de terreno.

O bairro conta também com uma Unidade Básica de Saúde, a UBS Marsilac que juntamente com o Programa Saúde da Família (PSF)³⁰ atende a população do bairro e adjacentes, um Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), que juntamente com a ONG Mão Cooperadora e a base da Polícia Militar, atuam com a comunidade, por meio de cursos de capacitação para jovens e adultos, recreação para crianças, aulas de ginásticas para as mulheres, além da participação de eventos como o desfile da fanfarra da escola do bairro e o Cultura de Garagem.

Por iniciativa de um grupo de jovens de Parelheiros e do Grajaú, o programa Cultura de Garagem³¹, desde agosto de 2014, tem promovido ações culturais para os jovens de Engenheiro Marsilac, por meio de oficinas de teatro e dança, além de shows, como a Mostra Cultura de Garagem, ocorrida no espaço da praça em 12 de setembro de 2015.

A escola do bairro, a Escola Estadual Professora Regina Miranda Brant de Carvalho, é uma referência na região tanto pela qualidade do ensino, como pelos cursos extracurriculares e por ser um importante espaço de socialização para as crianças e jovens. Abrangendo todas as séries dos ciclos Fundamental e Médio, a escola, com a instituição de parcerias, oferece curso profissionalizantes de educação financeira, gestão ambiental, panificação e artesanato. Também se destaca o Programa Escola da Família³², que funciona como um ponto de encontro e difusão

³⁰ Programa Saúde da Família formado por equipes compostas de um médico, um enfermeiro, dois auxiliares de enfermagem e seis agentes comunitários de saúde, baseados em uma unidade básica de saúde (UBS), o PSF tem como intuito promover atenção básica para as famílias de um determinado território. Entre as ações estão a promoção e a proteção da saúde, a prevenção de agravos, o diagnóstico, o tratamento, a reabilitação e a manutenção da saúde. Fonte: <http://www.saudedafamilia.org/projetos/psf/psf.htm>. Acesso em 21/10/2015.

³¹ Sobre o programa que é financiado pelo VAI – Programa de Valorização de Iniciativas Culturais da Secretaria Municipal de Cultura, ver: <https://www.facebook.com/culturadegaragem>. Acesso em 10/11/2015.

³² Criado em 2003, pela Secretaria de Estado da Educação, o programa segundo a página oficial, “*proporciona a abertura de escolas da Rede Estadual de Ensino, aos finais de semana, com o objetivo de criar uma cultura de*

de atividades culturais e esportivas para a comunidade. Visto como uma oportunidade para os jovens da região continuarem seus estudos, uma vez que o programa fornece bolsas de graduação em universidades particulares para os jovens voluntários. Ainda, a escola é a responsável pela manutenção e pelo desfile cívico da fanfarra que mobiliza todo o bairro desde 2000.

Do mesmo modo que a escola, a creche, o Centro de Educação Infantil São Lucas atende crianças da região e de outras localidades do distrito. Aliás, a qualidade dos serviços prestados por estas instituições atrai crianças até mesmo do distrito vizinho, Parelheiros, melhor servido em equipamentos públicos, demonstrando que os fluxos diários não se limitam às saídas de moradores do bairro, mas ocorrendo também entradas provenientes de diferentes regiões, impulsionadas pela qualidade dos serviços presentes em Engenheiro Marsilac. Fato que se contrapõem a noção do bairro isolado, marcado pelas ausências.

O que se observou em campo é que embora distante fisicamente e da ineficiente provisão de alguns serviços, os moradores dão um jeito, seja por meio de suas redes de relacionamentos, seja por arranjos criativos. A expansão do acesso à internet é só um exemplo de como os moradores não estão presos às possíveis limitações, encontrando meios de circular e, circular o “bairro” pela rede virtual. Este acesso, como pode se constatar com a convivência com os moradores, tem se espalhado para além dos jovens e sendo apreendido como importante ferramenta de uso cotidiano – o uso das redes sociais na internet como canal de reivindicações por melhorias do bairro, para divulgação de eventos e até mesmo na construção de redes de contatos profissionais³³, como é caso do uso do WhatsApp pela sacoleira que vai ao Brás³⁴.

Não obstante esta dinamicidade que envolve o cotidiano do bairro, como mencionado anteriormente, o mesmo só ganha visibilidade quando se trata dos extremos comparados a outras regiões da cidade – da ideia de paraíso natural e rural e um modo de vida “alternativo”, aos indicadores sociais que coloca o bairro como uma periferia violenta ou desassistida³⁵. Além

paz, despertar potencialidades e ampliar os horizontes culturais de seus participantes”. Fonte: Sítio oficial - www.escoladafamilia.fde.sp.gov.br. Acesso em 21/10/2015.

³³ Exemplos de comunidades formadas por moradores Facebook: <https://www.facebook.com/sos.marsilac>; <https://www.facebook.com/marsilac>; <https://www.facebook.com/ca.marsilac>. Acessos durante o ano de 2015.

³⁴ Conforme pode ser observado numa incursão à região do Brás, é prática recorrente a utilização do WhatsApp entre vendedoras e compradoras, agilizando o processo de venda, com a divulgação e pedidos gerados pela ferramenta.

³⁵ Alguns exemplos de reportagens, ver: “A Capital do Alface” em: Diário Popular, edição de 16/11/2014); “Rumo ao Sul” em: Folha de São Paulo, Caderno Cotidiano, edição de 16/08/2015); “Marsilac, o bairro esquecido de São Paulo” (Último Segundo, Portal do IG) em: <http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/sp/2014-07-06/marsilac-o-bairro-esquecido-de-sao-paulo.html>; “Marsilac é o distrito de SP com mais homicídios de jovens” (G1) em:

disso, a confusão em torno do bairro e do distrito, a qual ocorre até mesmo em órgãos oficiais do governo, como constatado durante as buscas por dados quantitativos, corrobora com homogeneização do bairro, simplificando-o. No entanto, na medida em que a pesquisa se desenvolvia, o bairro adquiria outros significados daqueles impostos pelos dados apresentados neste capítulo, demonstrando que há mais coisas em jogo em Engenheiro Marsilac que os efeitos socioeconômicos ou as leis que regulam o espaço.

3.5. O BAIRRO REVELADO

Em consonância com a temática do respectivo capítulo, o conjunto de imagens a seguir tem como premissa apresentar os aspectos físicos de Engenheiro Marsilac, inclusive elementos históricos que contribuem para o entendimento da constituição do bairro. Para tanto, utilizou-se de fontes diversas como fotografias provenientes de arquivos dos moradores, imagens de jornais, da fanpage do Facebook (Bairro Marsilac), além de registros próprios realizados durante o período do trabalho de campo³⁶.

As imagens não falam por si sós, mas dialogam constantemente com a escrita, acontecendo, até mesmo, de uma imagem suscitar novos questionamentos, ocasionando, portanto, retornos ao texto a fim de incluir estes novos insights à análise. O que vai ao encontro do que KNOWLES aponta sobre a utilização das fotografias. Essas, de acordo com a autora, devem ser entendidas como “outras formas de dados”, “parte do registro e parte da teorização” (2014a, p. 153-154). Desse modo, não se trata de uma fotoetnografia, mas da incorporação das imagens como parte de um processo maior.

Este conjunto apresenta imagens de ruas do centro de Engenheiro Marsilac, da paisagem arquitetônica do bairro, os equipamentos, além de registros do período de construção do ramal

<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2015/05/marsilac-e-o-distrito-de-sp-com-mais-homicidios-de-jovens-diz-estudo.html> . Acessos em 2014 e 2015.

³⁶ Cabe enfatizar que por não ser fotógrafa, o ato de fotografar inicialmente seguia livremente, deixando-se levar pelos acasos e oportunidades surgidas no campo. Dessa forma, sem se prender às condições físicas ou estéticas, a fotografia funcionava como mero registro de campo, nem sempre aproveitáveis, como é de se esperar, mas capazes de instigar. Porém, na medida que se tornava uma constante, o ato de fotografar foi se revelando uma operação tão cuidadosa como a etnografia, ou seja, o que parecia solto, foi incorporando um conjunto de elementos para melhor apreender o que estava sendo observado.

Marinque-Santos, lembrando que foi a partir desse advento que o bairro se organizou. Também foram incluídos registros de reportagens que tratam sobre as características local e imagens via satélite dos Distritos de Parelheiros e de Marsilac, com o objetivo de demonstrar os resultados de diferentes formas de ocupações.

Sobre a conjunto arquitetônico do bairro, além da citada diversidade nas construções, com a presença de edificações do início do século XX – como é o caso do casario da Estrada de Engenheiro Marsilac – e das casas autoconstruídas, o bairro se caracteriza pela predominância de construções horizontais e não possui prédios residenciais – o único da região se localiza entre o bairro de Embura e Engenheiro Marsilac e, mesmo assim, a construção não passa de dois andares.

Devido proximidade com áreas de vegetação mais fechadas e da presença de sítios, é recorrente encontrarmos animais transitando pelas ruas do centrinho de Engenheiro Marsilac – vide o caso de galinhas, lagartos, ouriços, entre outros. Não obstante, na medida em que se afasta das principais ruas do centro, o bairro vai se tornando menos denso, com as residências cada vez mais espaçadas umas das outras, adquirindo um aspecto mais rural. Basta observar a primeira imagem desse conjunto, que é uma fotografia aérea do centro do bairro, para notar a organização do mesmo, a qual se estrutura a partir do lado de cima da linha do trem, apesar da existência de moradias do outro lado da linha. Também é possível observar indícios de moradias nas áreas mais altas do bairro, onde há grande concentração de vegetação.

Em síntese, as imagens a seguir têm como objetivo o de aprofundar a compreensão de Engenheiro Marsilac, não se limitando a ilustração do que foi tratado, mas como documentação, ou melhor, como dados, consoante a observação de KNOWLES. Se as fotografias antigas contribuíram para o entendimento da constituição do bairro, corroborando com os registros e histórias orais, as imagens contemporâneas à investigação, poderão ser utilizadas em futuras pesquisas no local, podendo até mesmo servir como parâmetro para o acompanhamento de possíveis mudanças na configuração espacial.

Fig.1 - Vista aérea do Centro de Engenheiro Marsilac - Fonte: Bairro Marsilac (Facebook), 2015

Fig.2 - Vista/Entrada do bairro – Estrada de Engenheiro Marsilac e Fig.3 - Placa na Entrada – Fontes: Joelma Melo da Silva, 2015

Fig.4 - Estrada de Engenheiro Marsilac – UBS. Fonte: Joelma Melo da Silva, 2014

Fig.5 - Estrada de Engenheiro Marsilac – Posto Policial. Fonte: Joelma Melo da Silva, 2014

Fig.6– Rua Filomena Belmonte – Escola. Fonte: Joelma Melo da Silva, 2014

Fig.7 - Rua Henrique Silva – CRAS – Fonte: Joelma Melo da Silva, 2014

Fig.8 – Casa/ Rua Maria Farinha – Fonte: Joelma Melo da Silva, 2015

Fig.9 – Casa/Rua Pascoal Belmonte – Fonte: Joelma Melo da Silva, 2014

Fig. 10 – Casario/ Estrada de Engenheiro Marsilac – Fonte: Joelma Melo da Silva, 2015

Fig. 11 – Casa/ Rua Pascoal Belmonte I e Fig. 12- Casa “Recanto do Rock”/ Rua do Carvoeiro – Fonte: Joelma Melo da Silva - 2015

**Fig.13 – Prédio localizado entre os bairros de Embura e Engenheiro Marsilac –
Fonte: Joelma Melo da Silva, 2014**

**Fig.14 -
Improvise I –
Fonte: Joelma
Melo da Silva,
2014**

**Fig.15
Improvise II –
Fonte: Joelma
Melo da Silva,
2015**

**Fig.16
Improvise III –
Fonte: Joelma
Melo da Silva,
2015**

Fig.17 – Vista Rua Ana Rosa – Fonte: Joelma Melo da Silva, 2014

Fig.18 – Vista Estrada de Engenheiro Marsilac – Fonte: Joelma Melo da Silva, 2014

Fig.19 – Fim da Estrada de Engenheiro Marsilac – Fonte: Joelma Melo da Silva, 2015

Fig.20 – Construção do Ramal Maringue-Santos I – Fonte: Maria Lúcia Cirilo, década de 1930

Fig.21– Construção do Ramal Mairinque-Santos – Fonte: Maria Lúcia Cirilo, década de 1930

Fig.22 – A Capital do Alface (sic) – Fonte: Fernando Granato, Diário de São Paulo, 2014

Fig.23 – Destaque - A Capital do Alface (sic) – Fonte: Fernando Granato, Diário de São Paulo, 2014

**Fig.24 – Rumo ao Sul –
Fonte: Felipe Souza –
Folha de São Paulo,
2015**

Bairro Marsilac
5 de agosto de 2015 · 🌐

Mais uma reportagem de uma de nossas cachoeiras, a cachoeira do Jamil.

#Marsilac #Cachoeira #BairroMarsilac #Praia #LugaresDeMarsilac #R7 #Record #SPNoAr

Você sabia que existe uma praia paradisíaca dentro de São Paulo? Conheça! - Notícias - R7 SP no Ar

Poucas pessoas sabem, mas a cidade de São Paulo tem praia, sim, e ela é belíssima. Águas cristalinas, areia branquinha e vegetação por todo o lado. Essa...

NOTÍCIAS.R7.COM

🔄 Compartilhar

**Fig.25 – Você sabia que existe uma praia paradisíaca dentro de São Paulo?
Conheça! Notícias- R7 SP no Ar (Facebook – Bairro Marsilac)**

Fig.26 – Imagem/Satélite – Distrito de Marsilac – Fonte: Google Earth, 2002

Fig.27 – Imagem/Satélite – Distrito de Parelheiros – Fonte: Google Earth, 2002

4. A DIMENSÃO DO BAIRRO

“(...) Para eles apenas faz sentido varriscar o interior dos edifícios. Não lhes passa pela cabeça vassourar a areia solta do quintal. Os europeus não compreendem: para nós, o fora ainda é dentro. ” (Imani) ³⁷

Tendo como ponto de partida a questão sobre como era a vida em Engenheiro Marsilac, a pesquisa que visava apreender as várias práticas que compõem os modos de vida do bairro, foi ganhando outros contornos na medida em que esta pergunta inicial era respondida e se verificava a importância dada as relações sociais do bairro. Respostas seguidas por justificativas que enfatizavam a vida social no bairro tipo, “*gosto daqui, porque o povo daqui é muito bom*”, ou ainda, “*todos se conhecem*” ou “*todo mundo ajuda*”, “*aqui é bom, tirando algumas pessoas*”, eram repetidas com uma ou outra variação, mas no geral, era ressaltado tanto para o bem como para o mal o relacionamento entre as pessoas.

Isto posto, indo ao encontro da correlação realizada por MALOUTAS (2012)³⁸ entre os vínculos entre as pessoas e o bem-estar local, era necessário se ater sobre este aspecto em Engenheiro Marsilac, partindo do entendimento que os modos de vida do bairro se estruturam sobretudo em torno da sociabilidade local. Apesar das diferentes temáticas, trabalhos como o de BLOCKLAND (2003)³⁹, MARQUES (2010)⁴⁰, além do citado MALOUTAS, evidenciam a importância da sociabilidade em vários aspectos da vida urbana, contribuindo assim para o enquadramento teórico da presente pesquisa que, a partir de então, passou a se debruçar sobre esta característica marcante do bairro. Considerando tais aspectos, neste capítulo será tratado a questão da sociabilidade e como ela permeia práticas do cotidiano, além de contribuir para a pertença do lugar, entre outros aspectos da vida no bairro.

A memória do lugar é um elemento constante que se desdobra com o cotidiano do bairro por meio de práticas que se intercalam com usos contemporâneos, cadenciando-se entre escalas

³⁷ Imani é uma personagem do romance Mulheres de Cinza, da Trilogia As Areias do Imperador. Livro 1, do MIA COUTO. Editora Companhia das Letras, 2016.

³⁸ Para o autor, os vínculos com o lugar, assim como com as redes familiares podem ser um fator de imobilidade espacial, contrapondo-se a concepção de segregação residencial como resultado apenas de forças externas, como o efeito da globalização. (MALOUTAS, 2012). Ver: MALOUTAS, Thomas. Introduction: residential segregation in context. In FUJITA, Kunilo e MALOUTAS, Thomas (org.). *Residential segregation in comparative perspective: making sense of contextual*. Surrey, England: Ashgate Publishing Limited, 2012

³⁹ Conferir: BLOCKLAND, Talja. *Urban bonds: social relationships in an inner city neighbourhood*. Translated by Lee K. Mitzman – Cambridge: Polity Press, 2003.

⁴⁰ Conferir: MARQUES, E., *Redes Sociais, Segregação e Pobreza*, op.cit.

locais e globais, onde os jovens tão conectados com as tecnologias, saberes e com símbolos contemporâneos, não abrem mão das crendices para lidar com algumas situações do dia a dia, ao mesmo tempo que privilegiam este espaço demarcado por histórias.

Finalmente, viver num bairro onde os atributos físicos são evidenciados como um contraponto na cidade, demandam certas atitudes, conforme mencionado sumariamente no capítulo terceiro e, ocasionam certas visões externas que tendem a homogeneizar a vida no bairro, sem se aterem as especificidades presentes, o que desencadeia questionamentos dos moradores que não se enxergam do mesmo modo.

Para tanto o capítulo foi organizado em: as relações entre os moradores, evidenciando as proximidades, as reciprocidades e tensões que se espalham sobre o espaço do bairro, além das redes de sociabilidade, suas respectivas atuações e efeitos. Seguem as relações com o espaço do bairro, onde são abordadas as práticas de consumo, envolvendo tanto os comerciantes como os moradores e, como os valores sociais atravessam as mesmas. Somam-se as práticas que evidenciam as memórias do lugar, os afetos e, como estes se cruzam com as várias influências atuais. Por fim, serão tratados os significados de viver no bairro, atendo-se aos aspectos físicos dos mesmos e como os moradores lidam com as visões estereotipadas sobre a vida no bairro. Seguindo os preceitos de AGIER, que parafraseando a premissa de GEERTZ sobre a cultura, fala em ver a cidade “por cima do ombro” dos cidadãos (2011, p.38), a construção desse trabalho se deu seguindo as pistas dos moradores sobre o cotidiano do bairro, onde a “atribuição de um sentido familiar”, nos termos de AGIER, “ultrapassa o quadro residencial único da família” (2011, p.105), espalhando-se e privatizando o espaço público.

4.1. RELAÇÕES ENTRE SOLIDARIEDADES E TENSÕES

Enquanto em outras localidades da cidade “*não se tem vizinho*”, como nos chama atenção uma moradora, em outros, como o caso do bairro, isto não ocorre. Ser vizinho, em Engenheiro Marsilac, como observado e relatado, implica em envolvimento com o espaço físico e social, além da troca de reconhecimentos:

Aqui todo mundo conhece todo mundo. A gente aqui pode sair e não tem medo. Se acontecer alguma coisa é rapidinho que o povo no boca a boca, né? Um, pergunta pro outro. Tem meninos que sai, às vezes vai pra ONG, vai pra casa de um colega e a gente sai perguntando: “Não, não”... ou, “Eu vi...Ele tá na casa de fulano”. Então é rapidinho, né? (Trechos de relatos de Maria)

Delineadas por um elevado grau de pessoalidade, as relações entre os moradores se estendem para além dos espaços públicos do bairro: A incorporação de vizinhos e amigos aos domínios das relações familiares é prática comum no bairro, tornando-se recorrente a existência de membros anexados por “consideração”, como fala AGIER ao tratar da familiarização das relações sociais. Tais relações, de acordo com o autor, “utilizam a linguagem de uma relação institucionalizada (parentesco, aliança, apadrinhamento) para distinguir o caráter privilegiado de uma amizade ou uma dependência: um amigo querido é ‘um irmão de consideração’, um protetor é ‘um padrinho de consideração’, etc.” (2011, p.107).

Dessa forma, a questão da privacidade se maleabiliza ao incorporar outros parâmetros que ultrapassam os quesitos consanguíneos, estruturando-se em torno de relações travadas no cotidiano. Como se constatou em cenas corriqueiras, é o amigo do irmão que guarda a motocicleta no quintal, sem necessariamente ter que avisar com antecedência o uso de um espaço supostamente privado; é o portão aberto por uma vizinha que tem livre acesso aos interiores da casa, ou ainda, o pedir a benção para uma avó de consideração antes de sair para o trabalho. Estes e tantos outros exemplos que foram observados durante a pesquisa de campo, corroboram com o fator proximidade com que se dão as relações entre vizinhos e amigos a ponto de embaçar as possíveis demarcações de intimidades, além de estender os laços nos parâmetros da consanguinidade à elementos externos a esfera familiar.

Desse modo, relações caracterizadas pela superficialidade e brevidade dos contatos, causam estranheza – como pôde ser comprovado com a experiência relatada no próximo capítulo, de uma moradora ao cruzar outros espaços da cidade. O fato é que os moradores se relacionam intensamente, conhecendo a vida uns dos outros o que remete um acentuado nível de “curiosidade” em relação seu próximo, como salientou Ângela, uma moradora nascida e criada no bairro.

Curiosidade, aliás, que tem um papel importante no cotidiano. Este interesse acentuado por qualquer elemento que ainda não faça parte do contexto estabelecido, seja um novo vizinho, seja um novo estabelecimento comercial, por exemplo, é parte de um constante processo de

desvelamento social que objetiva retomar o equilíbrio vigente. Os olhares, as aproximações estratégicas e os comentários que circulam pelo bairro, buscam saber sobre aquilo ou quem difere. E, na medida em que as interações vão se tornando habituais, deixando de ser novidade, a situação se normaliza⁴¹. MAYOL em sua investigação sobre o cotidiano de Croix-Rousse, já chamava atenção para a curiosidade e também para a tagarelice, as quais, de acordo com o autor, “de uma parte, alimentam a motivação das relações de vizinhança e, da outra, tentam abolir sem cessar a estranheza contida no bairro” (2011, p.51)⁴².

A partir do momento em que o outro é neutralizado, ou seja, sendo aceito como parte do bairro, este passa a ser reconhecido como alguém a quem se deve cumprimentar nos encontros na rua, tendo em vista as regulações sociais impostas, as quais não consideram de bom tom ignorar um convivente no espaço público⁴³. Entretanto, esta aceitação não significa que o mesmo será considerado como um igual, especialmente àqueles que nasceram no bairro. Contudo, há de se chamar atenção para o fato que estas demarcações, entre os de dentro e os que vieram de fora, não são tão rígidas assim, podendo ser relaxadas, conforme constatado pelos relatos dos moradores, que deram pistas sobre quais elementos importam na incorporação social do bairro.

O montante de tempo vivido no local, o entrosamento social e a capacidade de melhorar as condições de vida – enxergadas como uma espécie de bônus ao bairro –, são enfatizados com frequência quando o assunto da conversa é o “outro”: “*Ah, já faz uns 20 anos que esta pessoa vive aqui*”, “*lembro do dia em que chegaram, das dificuldades enfrentadas, com a terra arrendada...E hoje os filhos estão na faculdade!*”, ou ainda, “*admiro muito ela, é uma batalhadora*”, são exemplos de comentários recorrentes e que devem ser apreendidos como qualificadores desses moradores destituídos de “*raiz*”. Além disso, estes reconhecimentos sociais provenientes diretamente das práticas e relações no bairro, expressam, acima de tudo, aspectos desejáveis e valorizados como é o caso da família, trabalho e “engajamento social” (MAYOL, 2011).

⁴¹ Pôde-se observar durante a pesquisa de campo esta movimentação entre os moradores frente a presença da pesquisadora. A cada visita, era recorrente um novo membro do bairro se aproximar e iniciar uma conversa. O que se iniciava com muitos rodeios, acabava resultando em preciosos relatos de histórias de vida ou sobre a realidade social do bairro após, é claro, saciarem a curiosidade em torno da figura da pesquisadora e os motivos da pesquisa no local. Como não poderia deixar de ser, tratou-se de trocas regidas por curiosidades mútuas, mas mediadas por diferentes intenções.

⁴² Cf. MAYOL, Pierre. Morar. In CERTEAU, Michel de, GIARD, Luce e MAYOL, Pierre. *A invenção do cotidiano 2: Morar, cozinhar*, op.cit.

⁴³ A menos que ocorra algum tipo de ofensa, como é o caso de cobranças, foi observado que as pessoas se esforçam para manter a cordialidade no espaço público, apesar da existência de algum tipo de discordância.

Em contraposição, quem muito destoa ou não se enquadra pelos mais variados motivos, torna-se alvo de falatórios, de desconfiança e, até mesmo, distanciamento. Ingratidão, falta de cumprimento com a palavra ou comportamentos desviantes fazem parte do rol de atitudes indesejáveis. Todavia, vale apontar que em momentos de dificuldades, estas querelas e/ou indiferenças podem ser suspensas ao se acionar o sistema de ajuda mútua em vigor no bairro.

Em suma, no que se refere aos comportamentos desejáveis ou não, a regulação social presente em Engenheiro Marsilac se destaca pela sua atuação densa, especialmente quando comparada a outros contextos da cidade. O que pode resultar em certos tipos de isolamentos ou encapsulamentos em torno do núcleo familiar, evitando certas interações ou circulações em determinados locais, conforme exposto por uma moradora que evita participar do grupo de ginástica feminina, pois *“isto acaba gerando comentários”*, uma vez que as aulas são ministradas pelos policiais militares da base policial do bairro, com o acréscimo de ocorrerem no espaço do campo de futebol, ou seja, expondo-se publicamente.

Expressões de valores e de regulações sociais, os comentários fazem parte do rol de tagarelices referidas por MAYOL, as quais, em consonância com o que o autor chama atenção, contribuem com a manutenção das relações entre os moradores. E mais, jogar conversa fora, é também uma prática de lazer. A visão de mulheres conversando nas soleiras das portas de suas residências, em seus momentos de folga, é recorrente, como também o de grupos de jovens sentados nas calçadas da rua principal papeando enquanto o tempo passa nos finais de semana de verão, quando não se tem nada para fazer além de se socializar com seus pares.

Remetendo a outras temporalidades, onde era comum a utilização dos espaços da rua como lugar de interações entre vizinhos, estas cenas de socialização pública são frequentes nas ruas do centrinho de Engenheiro Marsilac. O mesmo pode ser dito em relação as brincadeiras nas ruas que foram se dissolvendo no tempo e espaço das cidades, mas que tem resistido em periferias como o bairro abordado. O que é prática cotidiana no bairro, pode ser visto com encantamento ou estranheza quando se mudam as posições no jogo de escalas – como conta Ângela sobre uma amiga de outro bairro que veio visita-la: *“ela achou estranho eu cumprimentar todo mundo da rua”*.

A rua, portanto, é um caso à parte e um importante elemento para a dimensão social local. Mais que via de circulação, a rua é espaço de socialização e de apropriações diversas. Exemplo de lugar de afeto, como será abordado mais adiante, a rua também pode ser usada como extensão dos espaços domésticos, como se observou inúmeras vezes mediante o uso das

calçadas como local de armazenamento de material de construção. Também ocorre o contrário, de locais privados, como quintais que funcionam como vias de acesso para outras ruas. Tais fatos contribuem com a maleabilidade entre espaços públicos e privados já citada, não havendo um limite claro. No geral, é perceptível o aceite por parte dos moradores dessas extensões.

Nestes termos, a sociabilidade do bairro vai se delineando, reguladas pela proximidade física e social, pela “convenção tácita”, usando a expressão de MAYOL (2011) e consequentemente, pelos comportamentos. A figura do outro, como é evidenciada pelos moradores, sempre desperta interesse. No entanto, esta visibilidade na esfera social implica em um maior controle por parte de todos os atores, além da disseminação de fofocas, podendo acarretar as já referidas distâncias sociais. Este afastamento dos círculos sociais deve ser entendido como uma estratégia de proteção dos possíveis julgamentos, evitando assim, aborrecimentos:

É assim, aqui você não pode dar muita corda pra todo mundo, porque tem umas pessoas que você acha que é amigo e, no final das coisas, acaba não sendo. Se for pra viver sofrendo... Mas aqui é tudo bom. Tirando uns e outros. (Nair, trechos relato oral)

Ou seja, é bom desde que não ultrapassem os limites impostos por esta moradora. Vale ressaltar que estas duas dimensões – as pressões sociais e a solidariedade – não se anulam, mas coexistem nesta tessitura social modulada pelo adensamento das relações e situações. E este estreitamento das relações se espalha inclusive na economia do bairro, onde comprar e vender “fiado” é prática recorrente, como será abordado adiante.

Dessa forma, a proximidade potencializa a presença de conflitos cotidianos, os quais nem sempre são explicitados abertamente, mas se encontram em estado latente – pequenas atitudes como gestos e trocas de olhares diante da escuta de determinados nomes ou lugares, assim como mudanças abruptas de assuntos, fornecem pistas sobre possíveis contrariedades ou desaprovações sociais. Tais características vai ao encontro do que SIMMEL ressaltava sobre a vida nas cidades pequenas e no campo, onde predominam as “relações pautadas pelo sentimento” (2005, p.578).

4.1.1. As redes

Neste contexto composto por regularidades e instabilidades nem sempre tratáveis individualmente, a formação de diversos tipos de redes contribui tanto para a estabilização das situações no bairro como para a pertença local. O papel das redes formadas pelos moradores colabora para imprimir significados ou “sentidos”, apropriando-se do termo de AGIER (2011), ao bairro. De acordo com o autor, estas redes, assim como os “sistemas residenciais”, permitem além de demonstrar a articulação entre certas “âncoras espaço-temporais de sentidos e relações, certas mobilidades dos cidadãos”, nos apresenta em larga medida, “a familiaridade da cidade vivida”, ou seja, a “dimensão familiar” da cidade (2011, p.115).

Tendo em vista o caráter relacional ao qual o bairro se insere, compreender essa “dimensão familiar”, implica em apreender os elementos de seu funcionamento interno, onde solidariedade e conflito compõem o cotidiano, sendo que a primeira pode anular momentaneamente o segundo, a favor do restabelecimento da normalidade. Ou seja, como um compromisso moral, estas redes são regidas pela solidariedade e reciprocidade, podendo atuar em vários momentos, inclusive, em espaços de políticas públicas, podendo assim diminuir, como aponta MALOUTAS (2012), os impactos das ausências das mesmas nas vidas das pessoas, especialmente dos que se encontram em situações mais vulneráveis.

Outro aspecto no que se refere as redes do bairro que chamou atenção durante a pesquisa é a existência de redes de relações que atravessam o tempo e as mudanças decorrentes do mesmo. Estas redes são formadas por pessoas que se conhecem há anos e, no caso do bairro, muitas vezes foram criadas juntas, circulando entre diferentes núcleos familiares durante este período de vida, o que propicia a proximidade e a ocorrência do parentesco por consideração ressaltado por AGIER. Com interesses e valores similares, os componentes dessas redes, como ressalta BLOCKLAND em seu estudo sobre os diversos vínculos urbanos, “gastam muito tempo juntos” (2003, p.53), especialmente em socializações nas ruas. Entretanto, como verificado, no caso de Engenheiro Marsilac, estas redes não são tão fechadas como se supõem, havendo várias fissuras em sua estrutura frente às ações individuais de seus membros, que podem acarretar mudanças em sua composição.

Atendo-se ao exemplo de Ângela, verifica-se que sua trajetória é caracterizada pela existência de densas redes formadas por conhecidos de longa data, os quais compartilham histórias e valores, contribuindo para o sentimento de pertença em torno do que se conhece e é

reconhecível. Viver entre seus pares, é uma forma de Ângela transitar sobre uma margem de segurança que lhe garante apoios no seu cotidiano, além do bem-estar levantado por MALOUTAS. Ademais o acréscimo social pelo fato de pertencer a uma das famílias locais mais antigas, faz com que o bairro, como definido por MAYOL, esteja inscrito na história de Ângela, “como a marca de uma pertença indelével” (2011, p.44).

E, apesar da ênfase dada as redes entre pares, de caráter mais homofílico⁴⁴, as relações de Ângela têm se ampliado, com os contatos decorrentes do curso universitário e o estágio fora do bairro, o que de acordo com a mesma, “*muda tudo*”. Definitivamente ocorrem mudanças, incluindo as próprias relações sociais, as quais podem ser fracionadas situacionalmente ou, em casos extremados, substituídas – o lazer passa a ser feito com colegas do estágio, por consequência, o grupo de amigas do bairro pode ser cada vez mais evitado, como estratégia de não se envolver com as fofocas locais ou até mesmo, mudanças de interesses. Em resumo, as redes vão ganhando novos contornos, alargando-se. TELLES (2006), ao seguir diversas trajetórias pela cidade, trabalha com a questão, abordando exemplos de sociabilidades que passaram a girar em torno do trabalho, distanciando-se do ambiente social de origem.

Além disso, o aumento da variabilidade relacional pode ampliar o leque de oportunidades, como apontado por MARQUES (2010), seja pelo estabelecimento de relações diretas com pessoas de diferentes níveis sociais, seja pelo acesso a outras redes, com as quais não interage diretamente, mas que tem como ponto em comum, indivíduos, que tenham acesso as mesmas por frequentarem os locais onde estas se situam e que fazem, acima de tudo, as pontes necessárias aos respectivos acessos, estabelecendo o que o autor denomina de “janela de oportunidades”⁴⁵.

Oportunidades de emprego, o acesso a serviços fora do bairro, assim como redes de aspecto mais mezinho, como as redes de mulheres que se ajudam com os cuidados das crianças e com os afazeres domésticos, são recorrentes no espaço do bairro. Maria, por exemplo,

⁴⁴ Em consonância ao conceito de MARQUES (2010), Homofilia, são relações entre pessoas com características, ou melhor, “atributos” similares.

⁴⁵ De acordo com o MARQUES, “além das oportunidades relacionais encontradas quando da migração, construídas na trajetória de escolarização ou viabilizadas pela variação da sociabilidade, os indivíduos têm continuamente acesso a outras ‘janelas de oportunidade’ para padrões relacionais que lhes deem acesso a menores localismo e homofilia”. Ainda, segundo o autor, juntamente com as redes relacionais “há o efeito potencial de outras redes contatadas por um dado ego, mesmo sem a adição de novos contatos”. O autor sugere também a “existência de um mecanismo que possa produzir esse contato por meio da frequência a certos locais ou organizações onde circulem grandes quantidades de informações. Essa frequência dá acesso às informações que vêm pelas redes de outros indivíduos que frequentam esses locais ou organizações, e que nem sempre pertencem às redes dos egos em questão.” (2010, p.184)

conta que só conseguiu dar prosseguimento no seu tratamento de saúde por meio da articulação de uma rede de contatos que ultrapassou os limites do bairro. O mesmo ocorreu com Neuza, que conseguiu se tornar revendedora de produtos de beleza mediante esta conexão de conhecidos e contatos de outras redes. E, como relata uma moradora que trabalha como faxineira em uma grande importadora de serviços alimentícios localizada numa área nobre da cidade, a presença de moradores de Engenheiro Marsilac empregados na empresa, facilitou a obtenção do emprego, o qual seria difícil de obter caso não tivesse acesso a tais contatos capazes de ampliarem as suas chances.

Sendo assim, o mecanismo de ajuda interna no bairro, que se estabelece sobre vínculos e pertencas, amplia-se pelas ações de seus membros, em especial daqueles com maior variabilidade de circulações e contatos. E, apesar do envolvimento indiretamente de elementos que não fazem parte do conjunto de relações pessoais, ainda se trata de um sistema relacional, fortemente influenciado por aspectos de pessoalidade e, embasado na reciprocidade – o engajamento a favor do outro se dá na base da empatia, do afeto, do conhecimento, envolvendo um sistema de contraprestações, portanto, implicando em interesses mútuos. Por conseguinte, não estão isentos de racionalidades que calculam os ganhos decorrentes das ações prestadas.

Acrescenta-se também, as redes sociais virtuais, cada vez mais presentes na vida cotidiana do bairro, atuando tanto no âmbito individual dos moradores como coletivamente ao tratarem de assuntos referentes ao bairro, como notificações de eventos, de benfeitorias públicas e de aspectos referentes ao vínculo com o lugar, como será tratado adiante. Tendo em vista o alcance das mesmas, estas redes também têm contribuído para uma expansão extraterritorial de Engenheiro Marsilac.

No geral, os resultados da pesquisa evidenciaram a coexistência de redes momentâneas de ajudas mútuas e redes estruturadas temporalmente sobre diversos tipos de laços sociais que se inter-relacionam no dia a dia. Além de dinamizar, estas redes afetam até mesmo as percepções em torno da realidade do bairro, podendo amenizar ou não, as características do mesmo, dependendo do nível de afeto com o lugar. De imediato, a intensificação do fluxo de informações compartilhadas, especialmente entre os moradores mais jovens, os quais costumam ser os pioneiros quando se trata de novidades, tem resultado em mudanças no interior das próprias redes. Como observa Ângela em uma de suas ponderações sobre os modos de vida local: “*se você for comparar os jovens, bem mais jovens, de 16, 18, 20 anos, eles não têm nada a ver com aqui*”. De fato, se pensarmos no bairro como encerrado em si mesmo. No entanto, utilizando as palavras da mesma moradora, eles “*são urbanos*”, mas morando no bairro.

4.2. RELAÇÕES NO BAIRRO

Da mesma forma que as relações entre as pessoas, algumas das práticas cotidianas são permeadas de valores pessoais. Tendo em vista o caráter pessoal com que são tratadas as questões do consumo, tanto do ponto de vista dos comerciantes, como dos moradores/consumidores, optou-se por trabalhar com esta categoria, a qual muitas vezes pode se estender para outros espaços além do bairro. No entanto, considerando os estabelecimentos comerciais como lugares de proximidades e reconhecimentos sociais, em consonância com a afirmação de MAYOL sobre os mercados, neste momento o enfoque se aprofundará sobre as práticas internas.

Em seguida, o enfoque se deterá sobre os aspectos mais afetivos com o bairro, com destaque para os significados pessoais, os festejos, as ações dos moradores que valorizam as tradições locais e que se utilizam dos aparatos modernos para perpetuarem estas histórias no tempo, visando também, demonstrar a coexistência dessas camadas, aparentemente antagônicas, na realidade social do bairro.

4.2.1. Relações de consumo e solidariedade

Conforme especificado no capítulo anterior, o bairro não tem muitos estabelecimentos comerciais, resultando num fluxo intenso para fora do bairro de pessoas para comprar o que não encontra ou em busca de preços melhores. Mas não só isto. O fornecimento irregular de serviços de energia elétrica, também impulsiona este consumo externo, mais especificamente de produtos alimentícios, em decorrência da desconfiança gerada pela probabilidade desses alimentos se estragarem com o desabastecimento prolongado de energia.

Vale chamar atenção que estas ocorrências afetam até mesmo a racionalidade envolvida nas práticas de consumo, uma vez que a quantidade a ser comprada passa a ser calculada tendo em vista o risco gerado pelo armazenamento. “Compro para no máximo dois dias”, como relata uma moradora, evitando assim possíveis perdas em caso de falta de energia. Tais arranjos não se limitam aos moradores, estendendo-se aos comerciantes:

Mercadinho perto de casa, na esquina, tem gerador. Ele não é nada bobo, comprou um gerador para não perder as coisas dele. Acho que pagou uns seis mil reais. Igual ontem, dia inteiro sem luz. Ninguém vende frios, ninguém pesa nada. E ele, normalmente. Cartão, carrega celular, então acaba ganhando muito cliente. (Trechos do depoimento de Ângela)

No entanto, nos momentos de urgência, a desconfiança em torno da qualidade é colocada em suspenso, recorrendo-se aos mercados e vendas do centrinho. Até mesmo porque em muitos se pode contar com a flexibilidade proporcionada pelos caderninhos do fiado. Sobre a prática do fiado, tão comum no bairro, cabe alguns detalhamentos:

A economia do fiado que se caracteriza pelo adiamento do pagamento para uma data mais propícia para o comprador, tem nos referidos caderninhos, com anotações de compras e débitos individuais, um importante instrumento de gestão do negócio. Cada estabelecimento tem o seu, inclusive os mais formais, o que não significa a mesma regra de inclusão dos nomes, tendo em vista que estas relações se dão na base da proximidade e do reconhecimento.

O funcionamento da prática do fiado é regulado pela confiança. Partindo do entendimento de confiança conforme definido por MARQUES (2010) como: “a segurança no cumprimento das expectativas de uma dada relação, quaisquer que sejam as expectativas.” (2010, p.158). E, esta forma de comercializar, que se destaca pelo fato de ser destituída de garantias físicas e embasada sobretudo na força da palavra, tenta se garantir por meio da análise do histórico de bom pagador do cliente, ou ainda, pelo conhecimento da família do mesmo, tendo como premissa que não se vende fiado para quem não se conhece direito.

No entanto, como sempre envolve risco, o funcionamento do fiado é marcado pela falta de continuidade, sofrendo indiretamente os efeitos das exterioridades que possam atingir seus clientes, assim como a falta de cumprimento da palavra – traduzidos tanto pelo atraso dos pagamentos, além da possibilidade do não recebimento. Ademais, produz contratempos que atuam diretamente no tecido social, como é o caso dos desgastes decorrentes das cobranças, as quais, como Neuza, dona de um brechó no bairro, deixou transparecer em sua fala, podem ser percebidas como uma espécie de ofensa pessoal, mesmo quando a razão se encontra ao lado do comerciante. O questionamento do devedor com o “*por que você está me cobrando*”, pode até mesmo ter sido pensado como uma estratégia para se escapar do compromisso, entretanto, no caso citado, transformou-se num jogo de soma zero, onde os dois lados perderam com a quebra da relação comercial e social.

Se a flexibilidade é a chave de entendimento do mecanismo do fiado, ela também se estende entre os próprios estabelecimentos, por meio do empréstimo de funcionários ou o trânsito dos mesmos pelos estabelecimentos em diferentes dias da semana – João, por exemplo, atua como atendente e padeiro no mercadinho do final da rua, mas pode acontecer de encontrá-lo em um mercado vizinho, nos finais de semana para ajudar o dono que é seu amigo. Sem causar qualquer tipo de ônus para os envolvidos, tal prática é recorrente e dá conta dos espaços provocados pela falta de funcionários.

Pode-se afirmar, portanto, que a concorrência, tão presente no ramo do comércio, em Engenheiro Marsilac, não é tão rigorosa assim, sendo possível observar relações de camaradagem entre os pares, principalmente nos momentos de urgência, como é o caso das quedas e desabastecimentos de energia. Nestes momentos, quem tem gerador armazena os produtos dos que não tem, numa clara repetição do padrão de convívio embasado na proximidade e solidariedade observado entre os moradores. Novamente, nestas situações, as diferenças e, no caso específico, as possíveis concorrências, são colocadas à parte em nome da consideração e reciprocidade.

Esta troca de favores também é comum entre as sacoleiras que podem passar de revendedoras à fornecedoras, dependendo da demanda. Ou seja, elas vendem para supostamente suas concorrentes, as quais revenderão os produtos comprados em outras regiões do bairro. E mais, elas próprias indicam o melhor preço a ser revendido, calculando a margem de lucro. Tudo às claras, numa espécie de economia colaborativa por onde as mercadorias circulam pelos espaços do bairro, trocando de mãos e de preços. Não fugindo a regra, quanto maior a proximidade, maior a possibilidade de descontos e de protelar o pagamento após o recebimento final. Na maior parte do tempo, o negócio funciona, entretanto, como já foi apontado, o não pagamento pode acarretar discórdias e distanciamento entre as partes.

Os moradores também consomem pela internet, sendo que a ausência de nomes das ruas, por conseguinte, do CEP (Código de Endereçamento Postal), não impedem que os moradores desses locais se beneficiem desse tipo de comércio que costuma ser mais vantajoso tanto pela variedade, como pelo preço. Qual o arranjo nestes casos? Contar com sua rede de amigos ou parentes para emprestar o endereço. Contudo, a falta de consentimento ou até mesmo, conhecimento do dono do endereço oficial, pode causar discórdias, como foi observado durante a pesquisa de campo, com a recusa do recebimento de uma mercadoria por desconhecimento, por considerar este ato um “*abuso*”. De qualquer forma, tal eventualidade manifesta o outro

lado dessa proximidade entre os pares, que pode invadir o espaço privado nem sempre bem delimitado.

De uma forma ou de outra, tanto os moradores como os comerciantes criam seus arranjos de consumo cotidiano. Sair do bairro aos pares e ir até à região da 25 de Março ou o centro de Santo Amaro é prática comum aos sábados, assim como os shoppings que também funcionam como opções para o lazer. Independente se o pagamento for para o final do mês, como o caso do “fiado” ou dividir “tudo no cartão”, os moradores não deixam de dar seus “jeitos” para adquirir o que precisam ou desejam. De igual forma, o incremento de alguns estabelecimentos com a instalação de geradores elétrico, máquinas de pagamento de cartão e reformas buscando modernizar o ambiente, contribuem com a movimentação do comércio interno que, segundo uma moradora: “A gente tem que ajudar quem está aqui, não é verdade? Que senão, nunca vai ter nada melhor”.

4.2.2. Guardamos o lugar⁴⁶

A experiência de caminhar com alguns moradores pelas ruas do bairro é ter contato com o espaço subjetivado por outras temporalidades e significados que ultrapassam a racionalidade física do mesmo. Os nomes das ruas principais do centrinho, não são subtraídos a mero indicador de endereçamento, mas são personagens próximos do cotidiano, havendo até mesmo descendentes circulando pelo bairro, o que é motivo de orgulho e oferece um certo tipo de status local. Do mesmo modo, algumas das casas visitadas, são permeadas de lembranças e elementos simbólicos como bibelôs ou quadros de fotografia antigas que dividem espaço com as tevês de tela plana e aparelhos de videogames.

Este passado compartilhado no cotidiano por meio de histórias é repassado sucessivamente ao longo de várias gerações, compondo um imaginário coletivo em torno das raízes do bairro e de seus moradores longínquos. Não obstante a existência de várias versões sobre uma mesma história, isto parece não causar maiores danos ao fato, ou promover algum tipo de disputa sobre a autenticidade do mesmo. O que se verificou é que a circulação das

⁴⁶ “Guardamos o lugar” é o nome de um capítulo do livro de contos O céu não sabe dançar sozinho de Ondjaki. Editora Língua Geral, 2014.

histórias locais contribui para a reafirmação de posições sociais, um tanto simbólicas, diga-se de passagem, provenientes da descendência dos pioneiros em Engenheiro Marsilac. Ademais, estas histórias reforçam aspectos provenientes de culturas de cunho tradicional que se superpõem ao dia a dia dos moradores, agregando outros significados ao convívio social.

Entre histórias, práticas e crendices, jovens e velhos se relacionam embasados na perpetuação de um Ethos que atravessa tempos, resistindo as modas e modos incorporados pelas constantes circulações. Por conseguinte, tais relações fortalecem os vínculos no espaço. Da prática de “pedir benção” aos mais velhos quando se cruzam pelas ruas, às histórias permeadas de aspectos fantasiosos, assim como as várias práticas referentes aos cuidados pessoais que são passadas por gerações, ganham espaço nas rotinas dos moradores. E, apesar da difusão de conhecimento e tecnologias entre os jovens, muitos admitem que seguem estes saberes provenientes de outros tempos: *“olha, não tem base científica, mas se o povo mais velho fala pra fazer, eu faço.”* (Relato oral de José, irmão de Nair)

A conservação de muitas das características arquitetônicas reforça a valorização com as histórias do bairro. Entrar nos mais antigos estabelecimentos comerciais na rua principal dá a sensação de voltar em tempos passados. Ademais, no caso de mudanças desses locais simbólicos, os moradores ficam de prontidão para reclamar sobre possíveis modificações na estrutura desses lugares detentores de memória e objeto de afeto.

Embora a agenda de eventos do bairro seja pequena, três eventos mobilizam a população do bairro e chama atenção pelas características tradicionais: a festa junina, o desfile anual da fanfarra da escola e os jogos de futebol do Clube Atlético Marcilac, o CAM – com destaque especial para um dos jogos no final do ano, onde o time se veste com roupas femininas e colocam maquiagem. Antes do jogo, os jogadores transvestidos percorrem o centrinho do bairro, convocando os moradores para assistir à partida de futebol, que já se transformou em uma tradição anual. Fundado em 1938, o CAM é o principal time do bairro e se destaca pela sua organização e pela participação de vários campeonatos de futebol de várzea.

Em homenagem ao santo padroeiro do bairro, São João Batista, a festa junina costuma ocorrer no final de semana mais próximo ao dia 24 de junho, considerado o dia de Engenheiro Marsilac, ora no terreno ao lado da igreja, ora nas dependências da escola. Apesar de não chamar tanta atenção como a fanfarra, a festa não deixa de ser um momento de descontração, unindo atividades de entretenimento, além de ações solidárias, como distribuição de cobertores para os moradores.

A fanfarra da escola Regina Miranda se tornou uma tradição na região. Criada em 2000, o desfile cívico que ocorre em um sábado de setembro próximo a Semana da Pátria, atualmente conta com inúmeros apoios, como da prefeitura, políticos, além da Polícia Militar que costuma contribuir com a apresentação de sua banda de músicos. Após os discursos de praxe de algumas autoridades locais, o trajeto se inicia em frente à escola, a Rua Filomena Belmonte, desce pela Rua Henrique Silva até a rua Engenheiro Marsilac, para retornar ao seu ponto de partida pela Rua Pascoal Belmonte. O curto trajeto que engloba o quadrante principal do centrinho do bairro é acompanhado pelos moradores que seguem o cortejo ou assistem pelas janelas. Apresentando um tema a cada ano, a fanfarra é acompanhada por moradores de várias localidades, tendo em vista a importância da escola.

Conforme mencionado, a fanfarra mobiliza a população do bairro e isso implica não somente a participação como espectadores, mas também participando ativamente do desfile, como é o caso do desfile de 2014 que contou com a presença das crianças da creche, das moradoras que participam do grupo de ginástica e um grupo folclórico de dança alemã do bairro de Colônia (Parelheiros). Após o desfile, este grupo se apresentou, seguidos de apresentações de um grupo de b-boys⁴⁷, que empolgou os jovens moradores.

Esta mistura de tempos e estilos é uma constante no bairro, superpondo-se no cotidiano. O local aproveita-se do global para nuançar suas características. Vide o caso das já citadas páginas do Facebook sobre o bairro (Bairro Marsilac) e sobre o time de futebol (CA Marsilac), que têm contribuído para a memória do local. Criada em 2015 por Andrey Klein, um jovem descendente de uma das famílias mais antigas da região, a página aborda aspectos cotidianos presentes e passados do bairro: fotos de antigos moradores são curtidas e comentadas pelos moradores, que complementam com histórias pessoais relacionadas.

Se as redes virtuais têm colaborado para a circulação de afetos e nostalgias envolvendo o cotidiano do bairro, as fotografias antigas ainda se fazem presentes no bairro, com a manutenção dos álbuns das famílias e com fotos afixadas em locais de grande circulação, como o mercado, a sede do time do CAM e no mais novo estabelecimento comercial, o Café da Cleuza. O café, aliás, o mais moderno do centrinho, faz questão de manter e ressaltar as tradições do bairro, com a reprodução dessas fotos nas paredes do mesmo.

Isto posto, como uma “relação amorosa”, apropriando-se dos termos de ANGILELI (2012), estas relações com e no bairro estruturam-se sobre afetos decorrentes da memória, da

⁴⁷ Os b-boys, é um estilo de dança de rua, também conhecida como Breakdance, proveniente da cultura Hip-Hop.

proximidade, e da paisagem, as quais, do ponto de vista dos moradores, é uma espécie de capital que justificam a permanência no local. Neste sentido Ângela pondera que é “*mais fácil as pessoas vir aqui e gostar, do que a gente ir para lá e gostar*” – partindo do entendimento que esse “aqui” é mais que uma circunscrição espacial, mas um conjunto de fatores que englobam racionalidades e afetos que faz com que o bairro não seja apenas uma locação ou um estilo de morar, mas um local de significados, um lugar onde se encontra a sua raiz:

Eu sou assim mesmo. Muito família. Eu gosto da minha raiz. Eu já criei raiz. Eu não penso em sair daqui. Nunca me passou pela cabeça. Minha irmã fala: “Não pode criar raiz...” “Depois que você estiver formada, para você morar em outro lugar”. Aí eu falo: “Não vou. Mas não se sabe o dia de amanhã, né?” (Trechos do relato de Ângela)

4.3. OS SIGNIFICADOS DE MORAR EM ENGENHEIRO MARSILAC

“Como faço para chegar à São Paulo?” Então a gente diz: “Você já está em São Paulo.” (Fala de um policial de Engenheiro Marsilac)

Entre a dimensão social e os movimentos de temporalidades e escalas de influência, um outro elemento atravessa esses componentes que organizam a vida cotidiana em Engenheiro Marsilac: o meio ambiente. Retomando alguns pontos levantados na caracterização física do bairro (Cf. capítulo terceiro), o bairro se encontra dentro de uma unidade de conservação ambiental, ou seja, uma APA (Cativari-Monos), regulada por um conjunto de leis que impõem regras referentes ao uso e ocupação do solo.

Tendo em vista o escopo do trabalho, não cabe esmiuçar os aspectos práticos que envolve a questão, porém não há como se abster de alguns pontos observados, em especial sobre o valor local de se viver dentro de uma área de proteção ambiental frequentemente apontados pelos moradores.

Conforme mencionado, o bairro se organiza em torno de seu núcleo urbanizado, permeado pela vegetação e pela linha do trem e é onde se concentra grande parte de seus habitantes. Ao contrário do bairro vizinho, Embura, que se adensou de modo irregular e com a

destruição até mesmo de edificações históricas, ele tem obtido melhor empenho na conservação de seu patrimônio cultural e natural.

Todavia, pode-se argumentar que o fato do bairro se manter mais preservado que o outro se deva por Engenheiro Marsilac se encontrar sob a legislação ambiental, enquanto o bairro vizinho não. Sem dúvida a questão da APA é um importante condicionante, mas não só isso. Atendo-se sobretudo as questões de fiscalização, a qual não é regular, verifica-se que só a lei não é suficiente para a manutenção do espaço:

Quando cheguei aqui, achei que era um lugar gostoso, parecia com Mauá (onde residia). Não tinha nem o posto policial. Achei que Marsilac estava em outro tempo, num tempo paralelo. A APA passou a ser a minha missão. Hoje o bairro está cada vez mais urbanizado. Não é problema das leis. As leis são boas, mas ninguém respeita, pois não tem fiscalização. (Trechos de relato de Lúcia, moradora há mais de 15 anos e uma das participantes do processo de criação da APA)

E complementa:

Hoje não luto mais por nada, já fiz minha parte, até porque percebi que em vez de aumentar a preservação, eu estava divulgando o lugar e trazendo mais pessoas para cá.

Com ou sem razão, realmente tem ocorrido cada vez mais ocupações irregulares na região. O bairro de Mambu (Cf. capítulo sexto), por exemplo, é resultante de muitas dessas ocupações e, quando se indaga sobre o mesmo e o movimento do respectivo local reivindicando transporte para a região, alguns moradores são taxativos em apontar que “*eles não deveriam estar na região*”, “*que a culpa é deles*”, complementando com “*eles vão para lá, trabalhar em sítios, muitas vezes vivendo em situações de penúria e acabam ficando*”.

O mesmo ocorre quando o assunto é sobre a contaminação da água, em especial sobre o bairro 47, conhecido pelo problema. As ocupações irregulares juntamente com o desconhecimento do manejo das fossas são as possíveis causas, corroboradas com a observação de uma moradora de Engenheiro Marsilac, para a qual a culpa não se deve somente pela ausência de políticas públicas, mas também de “*pessoas que não têm conhecimento*”.

Tensões à parte, as quais se estendem até mesmo entre os próprios moradores do bairro, embora de modo mais velado, considerando a proximidade social que envolve o cotidiano, estas se estendem ao uso turístico da região como fala Ângela: “*O problema de muita gente assim é*

que acaba sujando, o pessoal não tem consciência, né? O pessoal deixa lixo, deixa um monte de coisa”.

Entretanto, cabe ressaltar que a questão da preservação evocada nestes pequenos relatos encontra-se atrelada tanto aos aspectos afetivos com o bairro, o que envolve a manutenção de suas características locais, como no “capital” produzido por se viver numa área de proteção, o que é ressaltado em inúmeras falas quando se compara com a vida em outras regiões da cidade, como será tratado no próximo capítulo, sobre os trajetos.

A paisagem natural, o ar puro, a ausência de poluição e ruídos, são elementos presentes e evidenciados nas falas. Voltar da “cidade”, como costumam referir às áreas centrais da cidade, é um “alívio”, na fala de Joana que, como conta, sua chegada ao bairro foi marcada pelo susto e contrariedades com o marido “*você me trouxe para viver no mato*” e hoje, passados mais de 20 anos, não se vê morando em outro local: “*Eu gosto muito de Marsilac. Não tem poluição. A gente sente o ar, quando você chega em Parelheiros, você vê a diferença do ar, pra cidade e pra aqui. Porque lá é muita poluição, muita.*”

E as falas seguem repetindo sobre as qualidades da vida no bairro: “*Olha, minha família é toda espalhada, tem até em Diadema e, quando vou para lá, fico logo querendo voltar para Marsilac. Você acorda, abre a janela e olha a vista: o ar puro, o sossego. Então, eu gosto de morar aqui.*” (Fala de Leonardo, rapper local).

Na articulação entre os espaços, o bairro que parece se deslocar do restante da cidade, vai sendo delineado num jogo de comparações e contraposições, onde a beleza da paisagem e suas benesses contribuem para o sentimento de pertença com o lugar. As sensações presentes nos caminhos até o bairro, assim como ao “alívio”, apropriando-se da fala de Joana, assemelha-se a bela descrição de MAYOL sobre o retorno dos moradores à Croix-Rousse.

Quando volta de lá para o seu bairro, é como se entrasse num espaço que contém as palavras de reconhecimento, conhecido pelo coração, surpreendente como as coisas que amamos, como um poema, “uma música”. O trajeto do retorno das partes “modernas” da cidade é escandido pela superação das etapas que levam progressivamente “ao lar”: começa-se a respirar [...] (2011, p.156-157).

E para que este “alívio” perdure, os moradores estão atentos: “*dia desses, dois rapazes queriam pregar, com ‘pregos’, uma faixa sobre a feira orgânica nos coqueiros. Então eu gritei daqui: ‘se pregar nos coqueiros, eu ligo para prefeitura agora, eu chamo a Globo’, então eles desistiram.*” (Relato de Lúcia).

4.3.1. Quem é “caipira” aqui?

Se morar em Engenheiro Marsilac é “ *muito bom*”, “*todo mundo se ajuda*”, “*não tem poluição*”, por outro lado, os moradores têm que lidar com visões generalistas que qualificam o bairro como rural, descolado das “práticas urbanas” (MAYOL, 2011). Fato esse corroborado pela configuração espacial e a persistência de alguns costumes que se mesclam no cotidiano. Entretanto, como pudemos constatar à medida que se ultrapassa as visões iniciais, a manutenção desses elementos pertencentes de outras temporalidades, digamos assim, é um acréscimo a sua identidade. O convívio no bairro mostrou muitos pontos em comuns com outras localidades da cidade.

Ademais, a instituição pelo Plano Diretor de regiões do Distrito de Marsilac como zona rural contribui para o aumento das generalizações sobre o bairro. Todavia, vale ressaltar que não cabe aqui discutir sobre o que é o rural, até mesmo pela diversidade que o termo acarreta, mas demonstrar como o imaginário social é capaz de reduzir um local e sua população a uma categoria específica, sem problematizar sobre o mesmo. Assim como alguns termos podem ser apropriados e utilizados nos discursos dos residentes, contudo com significações mais abrangentes.⁴⁸

É claro que os modos de vida no bairro acentuam estes resíduos de costumes provenientes de uma cultura rural ou mesmo tradições que se perderam em outras localidades, porém considerar tais resquícios como regra geral, é não se ater a realidade social e econômica do bairro – tendo em vista que o objeto de estudo se trata do bairro de Engenheiro Marsilac, e não do Distrito de Marsilac. Aproveitando, pode-se afirmar que a confusão se inicia nestes termos, sendo recorrentes até mesmo órgãos oficiais não se aterem a divisão organizacional do espaço. Soma-se ainda o fato dos moradores do bairro o chamarem de Marsilac, o que pode acarretar confusões para quem for de fora. De qualquer modo, no Distrito de Marsilac é possível encontrar áreas com predomínio de assentamentos rurais, com destaque para agricultura familiar, porém, mesmo nestes locais, não se trata de lugares encerrados em si mesmo, desalinhados com as influências externas.

⁴⁸ Exemplo disso é a apropriação do termo “caipira” para justificar a falta de habilidade em lidar com algumas operações cotidianas, como é o caso das interconexões de modais de transporte público, como será abordado no próximo capítulo.

De qualquer forma, assim como as coisas e pessoas, os costumes, as crenças e valores também circulam, melhor, transitam, adaptando-se aos espaços e realidades sociais vigentes, podendo ser revivescidos quando necessários e/ou ressignificados. Ao seguir pela cidade o caderninho do fiado, por exemplo, que é um objeto bastante presente no cotidiano do bairro, será possível verificar variações do mesmo espalhadas pelo tecido urbano, e não somente naqueles espaços marcados por arranjos informais, como é o caso de Engenheiro Marsilac. Afinal, o que é a prática do fiado senão uma visão pessoalizada do vender à crédito, onde a certeza da formalidade do cartão da instituição financeira (objeto de confiança) é substituída pela incerteza da palavra (símbolo de confiança)?

Apesar dos estranhamentos em relação as regiões mais centrais da cidade, como será abordado no próximo capítulo, percebendo-se, em determinadas vezes, como à parte da mesma, conforme relatado, ao ser indagados sobre a questão da ruralidade do local, os moradores a deslocam temporal ou territorialmente, como indica os trechos da entrevista com Ângela:

Eu acho que as pessoas não são mais. Eu acho que se perdeu muito aqui. Tinha (o modo de vida rural). Tinha sim, há pouco tempo atrás. Mas agora eu não sinto. São poucas pessoas. É lógico que tem pessoas que moram lá pra baixo, por exemplo, que era tudo conhecido da minha mãe, assim. Eles são bem caipiras, mas são muito poucos.

E como são estes caipiras?

No jeito de falar. Fala bem puxado. São bem calados. Tem uma mulher lá embaixo, que assim, ela vinha muito aqui em casa, para ver minha mãe. Mas acaba perdendo um pouco porque a referência era minha mãe. Mas, outro dia eu estava lá na praça, para trabalhar e aí ela tava lá, levando a filha dela pro ponto, para pegar ônibus. Aí eu conversei com ela. Mas ela é beeem “xucra” assim. Aqui mesmo, bem nativa de Marsilac.

É interessante notar na fala de Ângela, a indicação da figura do “caipira” como um elemento presente na região, corroborando com o imaginário vigente, o qual, segundo a mesma “acham que aqui só tem pobre, só matuto”. Além disso, este caipira é demarcado espacialmente, o “lá embaixo”, onde as características urbanas se diluem entre sítios e a maior presença da natureza, também denominado como “fundão”, independente se este fundão ainda se encontra circunscrito nos limites do bairro ou não.

Aliás, como ressaltado anteriormente, esta definição de “fundão” é móvel, marcada por percepções individuais que atuam como elemento de distinção social, estabelecendo fronteiras

entre um modo de vida mais urbanizado e um modo de vida supostamente mais rústico e sem os traquejos sociais apreciados, situando-se, portanto, no âmbito da xucrice. Exemplo disso foi a constatação que tal denominação, também é aplicada ao bairro, como justifica uma moradora de um bairro vizinho quando questionada se frequentava Engenheiro Marsilac – “*tenho a impressão que lá é o fim. O fundão. E prefiro ir pra frente*”.

Retomando os efeitos deste imaginário homogeneizante sobre as vidas dos moradores, os entrevistados se queixam dos comentários, de manifestações jocosas e até mesmo, preconceituosas, como explica a jovem sobrinha de Ângela, a Liliane, que faz curso profissionalizante no SENAC de Santo Amaro:

Não pelo fato que você é do mato... Mas ficam com piadinha tipo: “Ah, você viaja para vir para cá. Você vem de pau-de-arara. Você pega rio, vem de canoa, vem de carroça. Então eu trouxe eles para cá (os colegas do curso), para fazer um projeto. Projeto Saúde na Comunidade. Aí todo mundo quis vir para cá. E eles viram que não é aquela realidade que eles pensavam. É que pensam que aqui todo mundo fica assim, sentadinho na rua, com matinho na boca. Tipo “Boa Tarrre” (reproduz o que considera como sotaque do interior). Não é assim. Não é assim, eu expliquei pra todo mundo, até que sentei com a professora e falei: Você viu que não é aquela realidade.

Ângela até justifica esta percepção dos colegas da sobrinha como sendo uma consequência da definição do lugar – “*é porque é zona rural*”, porém os mais jovens da região se incomodam e criticam abertamente esta falta de conhecimento da realidade social do bairro. Como retratado pela postagem de um jovem morador do bairro, em sua página numa rede social, onde questiona estas visões distorcidas, por meio de uma figura que indica o cotidiano de um jovem nestas regiões longínquas. Nesta, um rapaz com chapéu de palha, sem camisa, num claro estereótipo de um “caboclo”, encontra-se sentado à frente de um computador, rodeado de objetos e elementos da natureza que remete a uma visão do rural que não condiz com a realidade dos jovens do bairro. Embora o texto da figura especifique Parelheiros, o morador e os comentários gerados, incorporaram-na ao contexto de Engenheiro Marsilac.

A despeito dessa dualidade rural/urbano fortalecida por estas visões que eliminam o que difere, a favor de um padrão espacial, como se este fosse isento de influências, por conseguinte de mudanças, o cotidiano de Engenheiro Marsilac é marcado por uma multiplicidade de elementos que são incorporados ou descartados em decorrência de ganhos que estes possam trazer. Enquanto se discutem padrões do lado de fora do bairro, os moradores circulam, cruzam

os espaços da cidade e, conectados em redes virtuais, ultrapassam os limites territoriais. A incorporação de modas e modos coexistem com os costumes de “pedir a benção para os mais velhos”, de “seguir as crendices dos antepassados”. A imitação do visual dos rappers; os músicos de bandas de rock – alguns formados pela tradicional fanfarra –, as tatuagens, os smartphones, os “rolês” pelos shoppings da cidade, entre tantos outros sinais, que demonstram que estes moradores “*seguem o fluxo*”, apropriando do linguajar dos mesmos, não sendo tão “*matutos*” assim.

O que leva a questionar a observação da moradora que diz que “*eles não têm nada a ver com aqui*”. Talvez, se o sentido da fala se ater a concepção do bairro como apartado no tempo, caracterizado por um modo de vida rural um tanto “nostálgico” e idealizado. Entretanto, entende-se que se realmente existir um padrão de “ser rural”, este vai além de reviver algumas práticas. Como chama atenção Maria em suas considerações sobre as características espaciais do bairro. Para a respectiva moradora, a vocação de Engenheiro Marsilac está muito mais atrelada a questão ambiental que a rural:

Ah, eu não acho que aqui é bem rural, aqui não, viu? Acho que aqui tem mais jeito pra turismo, né? Polo turístico. É que o pessoal não quer investir. Não é área rural. Tem cada coisa linda! Tem um monte de coisa linda! Tem o verde, né? A natureza, né? É muito rica em várias coisas, então aqui não é rural.

Em síntese, esta questão, que não se iniciou com o estabelecimento das diretrizes do Plano Diretor, mas que contribui com as generalizações sobre esse bairro localizado numa região emblemática da cidade, deve ser problematizada, pela sua capacidade de estigmatizar áreas, vide o exemplo extremo do senso comum sobre os moradores de favelas. A ideia do espaço urbano como isento de incongruências não condiz com a realidade observada. O bairro como observado, é permeado de gestos que nos termos de CERTEAU⁴⁹, são reproduzidos por práticas cotidianas, enquanto estas tiverem significados para os moradores. Trata-se, portanto de enxergar o bairro e, em extensão, a cidade, pelo o que é vivido e não por idealizações atreladas a olhares situados longe da realidade abordada. Como relata um morador quando questionado se não gostava de ir ao forró como outros de seus familiares: “*Não gosto de forró,*

⁴⁹ De acordo com o autor, os “gestos são verdadeiros arquivos da cidade”, entendendo-os como “o passado selecionado e reempregado em função de usos presentes”, refazendo “diariamente a paisagem urbana” (CERTEAU, 2011a, p.199)

não bebo, não fumo. Gosto de chegar em casa, assistir minha televisão e dormir” “Gosto de assistir a Discovery Channel”.

4.4. FLAGRANTES DO COTIDIANO

As fotos a seguir tratam dos elementos do cotidiano dos moradores de Engenheiro Marsilac – os usos da rua, a praça, os estabelecimentos comerciais, as festas, o futebol, assim como a utilização do espaço virtual – cada vez mais presente no cotidiano – por meio de avisos, convites, notícias e questões referentes ao bairro, corroboram com os pontos levantados anteriormente.

Espaço de contato nos termos de CHOAY (1994, apud. AGIER, 2011, p.108), a rua é lugar de reconhecimento pessoal e pertença, conforme tratado. Pública, ela se privatiza momentaneamente pelo espraiamento da esfera doméstica, sendo possível se deparar com pertences individuais sobre calçadas e muros. A imagem do tapete estendido sobre o muro de frente à rua, nos conta que naquele momento há faxina naquela residência. E mais, revela um pouco sobre o gosto do respectivo (a) dono (a) da mesma. É um pequeno pedaço do espaço privado invadindo o espaço público.

A rua do centrinho de Engenheiro Marsilac é também lugar das crianças, que brincam livremente sob a vigília de adultos, em especial das mulheres, que atuam como verdadeiras “mães” postíças nos cuidados com os pequenos. Estendendo-se além das “situações ordinárias” (AGIER, 2011), este compartilhamento dos cuidados ocorre em vários momentos da vida no bairro: a observação, por conseguinte, o registro de uma moradora distribuindo copos de água para os garotos que participavam do desfile junto à fanfarra, contribui para o entendimento desse cuidado coletivo e nos fornece pistas sobre o grau de pessoalidade com que são concebidas as relações no e com o bairro.

De igual modo, a praça, a única do bairro, além de parada final do ônibus, é lugar das mais variadas trocas sociais – de mulheres que buscam suas crianças após os turnos da escola e da creche, aos moradores que esperam a partida do ônibus, e os jovens nos finais de semana que gastam o tempo jogando conversa fora ou paquerando. A despeito do tamanho, este

pequeno espaço, onde foram implantados equipamentos de ginástica – aumentando assim sua variabilidade de uso – também é usado como local para eventos, como é o caso do Cultura de Garagem. Em suma, pode-se dizer que é a partir dela que se começa as relações com o bairro quando se desembarca do ônibus.

Ainda sobre o espaço físico e o cotidiano do bairro, vale ressaltar as reproduções e, até mesmo, a transposição, em menor proporção, de outras localizações da cidade na região estudada: A fotografia do estabelecimento comercial que reproduz a disposição das mercadorias das lojas do Brás, assim como o registro de uma feira de roupas do “Brás” no caminho de Engenheiro Marsilac, contribuem com a compreensão dessas incorporações diárias, demonstrando a relações entre as partes.

A criação das fanpages no Facebook sobre o bairro tem expandido os modos de comunicação do cotidiano local, que antes se restringia aos cartazes nos estabelecimentos comerciais locais. Os registros sobre as postagens são alguns exemplos dos muitos assuntos tratados pela página do Facebook, Bairro Marsilac. Ademais, não poderia faltar neste conjunto de imagens, a relatada montagem que retrata a visão externa dos modos de vida na região, compartilhada por um morador do bairro⁵⁰. Carregada de elementos estereotipados, a imagem critica a falta de conhecimento e um imaginário bastante comum sobre a região.

Por fim, cabe chamar atenção para a fotografia da concentração do time de futebol, o Clube Atlético Marsilac. Dentro do vestiário, os jogadores se encontram abraçados em círculo, com os olhos fechados, orando. Apesar de não se saber ao certo quem comanda a oração, supõe-se que seja o jogador do meio, localizado à direita, pela forma como suas mãos se encontram. Independente do conteúdo da oração, o modo como alguns dos jogadores se inclinam ou apertam os olhos, como se tal atitude elevassem o grau do louvor, leva a pensar, em menor escala, na questão da pertença e como essa se estende em vários aspectos da vida no bairro. De igual modo, desfilar da fanfarra é motivo de orgulho e corroboram com os significados locais.

⁵⁰ Por se tratar de uma página individual e fechada, optou-se por não identificar o nome de seu responsável – apesar do mesmo ter autorizado a utilização da figura.

Fig.28 – Muro/ Rua Henrique Silva – Fonte: Joelma Melo da Silva, 2014

**Fig.29 – Cena criança brincando - Estrada de Engenheiro Marsilac –
Fonte: Joelma Melo da Silva - 2015**

Fig.30 – Cortejo da Fanfarra/ Rua Pascoal Belmonte – Fonte: Joelma Melo da Silva, 2014

Fig.31 – Porta do mercado/Estrada de Engenheiro Marsilac II – Fonte: Joelma Melo da Silva, 2014

Fig.32 – Cultura de Garagem – Pça Maria Nazareth da Costa – Fonte: Andrey Klein / Bairro Marsilac (Facebook)

Figuras 33 e 34 – Cenas da Praça I e II – Fonte: Joelma Melo da Silva, 2014

Fig.35 – Dança /Desfile da Fanfarra – Fonte: Joelma Melo da Silva, 2014

Fig.36 - Desfile da Fanfarra I – Fonte: Joelma Melo da Silva, 2014

Fig.37 - Desfile da Fanfarra II – Fonte: Joelma Melo da Silva, 2014

Fig. 38 - Banda da Polícia Militar/ Desfile da Fanfarra – Fonte: Joelma Melo da Silva, 2014

**Fig.39 - Sede do
CAM (1938)
Fonte: Joelma
Melo da
Silva,
2014**

**Fig.40 – Futebol
Fonte: Joelma
Melo da Silva,
2014**

**Fig.41 - A concentração
Fonte: Andrey Klein/
Bairro Marsilac
(Facebook),2015**

Fig.42 – Postagem/ Festa Junina – Fonte: Andrey Klein/ Bairro Marsilac (Facebook), 2015

**Fig.43
Postagem/
Convite – Fonte:
Andrey Klein/
Bairro Marsilac
(Facebook),2015**

**Fig.44
Postagem/
Infraestrutura–
Fonte: Andrey
Klein/ Bairro
Marsilac
(Facebook),**

Fig.45 – Postagem/Visão sobre o modo de vida na região
Fonte: Fanpage fechada/Facebook (autorizada)

Fig.46 - Bazar da Creuza – Rua Henrique Silva –Fonte: Joelma Melo da Silva, 2014

Figuras 47 e 48 – Cenas do Brás – Ruas Miller e Barão de Ladário (respectivamente) – Fonte: Joelma Melo da Silva, 2016

Fig.49 - Feirinha da Madrugada do Brás em Parelheiros – Fonte: Joelma Melo da Silva, 2015

Fig.50 – Feirinha da Concórdia (Brás) – Fonte: Joelma Melo da Silva, 2016

5. OS TRAJETOS

O fio proporcionado pelos deslocamentos articula mundos, territórios aparentemente díspares, os quais separados muitas vezes por dicotomias que não dão conta de explicar a dinâmica da cidade, acabam corroborando com a visão da cidade fragmentada, onde as partes não se comunicam. Entretanto tal concepção, salvo as exceções dos condomínios fechados que buscam selecionar abertamente quem entra em seu território, não condiz com a realidade observada no restante da cidade. Os trajetos como os de trabalho, de lazer, de “agenciamentos cotidianos”, utilizando-se da expressão de TELLES (2006), promovem experimentações da cidade, tecendo relações, as quais nem sempre estão isentas de conflitos e/ou demarcações, como se pode constatar, porém não endossam a ideia de espaços encerrados em si mesmo.

Seguir os movimentos dos moradores de Engenheiro Marsilac é se deparar com uma parcela da cidade que vive em um ritmo mais desacelerado que, ao cruzar o tecido urbano, estranha a densidade e a velocidade com que as pessoas se movimentam – qualificando como lugares “*onde as pessoas não olham*”, como chama atenção uma moradora, sobre o comportamento resultante da atitude de “reserva” (SIMMEL, 2005, p.585) das pessoas que circulam por pelos grandes centros urbanos.

O verde, tão ressaltado como uma das qualidades de se viver em Engenheiro Marsilac é diluído no trajeto até as centralidades da cidade e, substituído pela predominância de um “cinza”, nas palavras de uma jovem moradora, que completa com um “*não vejo graça nenhuma*”. O excesso de construções, assim como a diminuição de espaço para circulação acentuam as distinções sinestésicas. Afinal, diferentemente de caminhar pelas ruas do bairro, cujos nomes, nos termos de CERTEAU⁵¹ fazem sentido no cotidiano e a paisagem é reconhecível, andar por outras localidades, em especial aquelas por onde nunca se havia passado, exigem habilidades.

Mas não só isso, um outro fenômeno é colocado em pauta, marcado sobretudo por distinções provenientes de diversos fatores individuais, resultando na criação de fronteiras

⁵¹ De acordo com o autor, “os nomes próprios cavam reservas de significações escondidas e familiares” (2011:171). “(...) eles tornam habitável ou crível o lugar que vestem com uma palavra”, “(...) lembram ou evocam os fantasmas (mortos supostamente desaparecidos) que ainda, perambulam, escondidos nos gestos e nos corpos que caminham. [...]” (2011:172a).

subjetivas, que qualifica tais localidades como lugares de não pertença, da impessoalidade e, de certo modo, de exclusão.

Este grau de descolamento é maior entre aqueles que nasceram no bairro, onde a cidade constantemente parece apartada do mesmo, sendo recorrente falas como “*parece cidade*”, “*ir para cidade*” “*você, da cidade*”. Ato falho ou não, a “cidade” que é o lugar das desejadas “*comodidades*”, leia-se determinados serviços, em especial privados, do trabalho e de estudo, nestas percepções, é o lugar de agitação, da “*muvuca*” e de distanciamento.

Neste contexto de diferenças, referindo-se especialmente a questão da paisagem, cabe, portanto, aos transportes públicos, também o papel de facilitador neste processo de conjugação e experimentação dos variados territórios citadinos. Vale destacar que as viagens de ônibus em Engenheiro Marsilac são marcadas pela “extensão do bairro”, como chama atenção AGIER (2011, p.96), em sua etnografia sobre o bairro da Liberdade, na Bahia, opondo-se, dessa forma, ao contexto marcado pela relação direta entre proximidade física e estranhamento frente o outro, apontada por SIMMEL⁵² ao tratar dos transportes nas grandes cidades.

Prova disso foi a observação durante os vários trajetos realizados no período da pesquisa etnográfica, de um contexto marcado por socializações e relações de reconhecimentos no interior dos ônibus que fazem o trajeto até o bairro. Nestes, é recorrente encontrar vizinhos, amigos e personalidades que se destacam na comunidade, como o diretor da escola, a vice-diretora da creche, professores, entre outros, dividindo os espaços e conversas com alunos e outros moradores, havendo poucos espaços para a referida “reserva”. O fato do ponto final se localizar na rua principal, contribui também para a interação direta entre os moradores e os funcionários dos transportes, estes, conhecidos pelos nomes, são considerados como partes das relações cotidianas do bairro. Dessa forma, ao entrar no ônibus da linha Marsilac/ Terminal Varginha, é possível se deparar com uma micro cena do quadro social do bairro.

Prosseguindo com a questão da mobilidade urbana esta, embora esta não signifique mobilidade social, pode ampliar a margem de manobra desses moradores, tendo em vista que se encontra diretamente atrelada a questão da acessibilidade aos locais de emprego e de diferentes consumos. Ou seja, em uma região, como a abordada, marcada por grandes distâncias das principais centralidades e ausências de determinados equipamentos, a ampliação dos meios

⁵² Segundo Waizbort, no interior dos transportes públicos modernos para Simmel o “indivíduo se vê numa situação de proximidade enorme e relativamente demorada frente a outros, mas são tantos, e a cada vez variáveis, que lhe é impossível manter contato com eles. Eles permanecem estranhos: algo distante que está próximo.” (WAIZBORT, 2000:323)

de transporte, com mais opções de ônibus ou a expansão de outros modais, como a linha ferroviária⁵³ - no caso de Engenheiro Marsilac –, somadas ainda, a melhorias de infraestrutura, como as vias de acesso para veículos e pedestres, elevam a possibilidade de se transitar com maior facilidade e menor tempo nos espaços da cidade, corroborando com o acesso a determinadas regiões.

Enquanto isso, os moradores de Engenheiro Marsilac vão trilhando seus caminhos por meio de um conhecimento provindo de estratégias diárias de locomoção pela cidade, de atalhos e de novas combinações de modais com o intuito de se “ganhar tempo”. Verdadeiros mapas individualizados, estes percursos diários ou não, são compartilhados e modificados de acordo com as vicissitudes da cidade. Sendo assim, considerar estes diferentes trajetos, contribui para o entendimento de como as pessoas se deslocam pela cidade, o porquê das escolhas, quais os melhores caminhos para cada necessidade individual. Tais trajetos, portanto, envolvem uma “lógica” (MAGNANI, 2012, p.95) e “habilidades de navegação” (KNOWLES, 2014 a, p.109). Ainda, consoante ao que KNOWLES sugere, alguns desses percursos são tão “rotineiros que não se pensam sobre eles” (2014a, p.107), até que sejam provocados a isto.

Em suma, tratar dos diferentes trajetos dos moradores de Engenheiro Marsilac, permite que a análise se estenda para além do espaço do bairro, demonstrando que, a despeito da distância, os espaços da cidade se conectam mediante os vários percursos e práticas dos moradores, gerando, portanto, outras relações espaciais e sociais. Nos trajetos entre “lá” e “cá” há uma gama de valores e percepções em jogo, onde as distâncias sociais e espaciais, podem diminuir ou aumentar na medida em que se locomove, e cujos possíveis resultados são o fortalecimento de identidades locais, demarcações sociais impostas pelas diferenças encontradas, além de apropriações que se estendem ao longo do tecido urbano.

⁵³ No período da pesquisa, foi possível acompanhar as obras de expansão da linha 9 - Esmeralda, da CPTM, até o Terminal Varginha, durante os trajetos até o campo de estudo. A expansão contribuirá com os moradores dessas localidades do extremo sul. Entretanto a obra que tinha como previsão de janeiro de 2016 teve a entrega adiada para 2017. Fonte: Ribeiro, Bruno, Extensão da linha 9 da CPTM do Grajaú até o Terminal Varginha fica para 2017. *O Estado de São Paulo*, 11 de janeiro de 2016.

5.1. OS TRAJETOS, ESTRATÉGIAS E A CIDADE QUE SE REVELA

Os trajetos abordados na pesquisa em Engenheiro Marsilac implicam na combinação de diferentes modais – trajetos a pé, ônibus, trem, metrô – a qual está associada diretamente com a condição econômica individual e as habilidades em transitar entre os diferentes modais. Tempo e conforto são categorias que só entram em pauta para os iniciados, ou seja, para os que já conhecem as regras em torno de cada modal e, principalmente, àqueles que podem gastar um pouco mais de seu orçamento com uma tarifa a mais. Relatos sobre desorientação tanto ao fazer as baldeações nas estações do metrô e como pelo elevado fluxos de pessoas, além do estranhamento ocasionado pelas viagens subterrâneas, são algumas das justificativas por não optarem pelo modal, esticando assim, o tempo de viagem.

Esta área do extremo sul da cidade, a qual engloba os distritos do Grajaú, Parelheiros e Marsilac, é servida por três terminais municipais de ônibus, o Grajaú, o Parelheiros e o Varginha, com destaque para o primeiro, por fazer a integração com a linha 9 (Esmeralda) da CPTM (Companhia Paulista de Trens Metropolitanos), que por sua vez, faz integração na estação Pinheiros, com a linha amarela do Metrô, sendo possível, a partir desse ponto se dispersar para as mais diversas localidades da cidade.

Embora os percursos de ônibus atinjam um raio de menor distância em comparação a outros modais, a importância desses três terminais, de onde partem ônibus para importantes localidades da cidade, são enfatizadas nas falas dos moradores abordados, dado que conseguem chegar aos locais com maiores concentrações de empregos, de equipamentos públicos e privados, especialmente no que concerne aos equipamentos de saúde, além de importantes locais de lazer e consumo, sem necessariamente ter que fazer complicadas integrações e gastar mais, como observado acima.

Para os moradores de Engenheiro Marsilac que dependem do transporte público para seus compromissos, as opções mais próximas são o centro de Parelheiros, cujo percurso dura em torno de 40 a 60 minutos e o Terminal Varginha, que pode ultrapassar mais de uma hora. Tendo em vista que na maior parte das vezes, tais lugares não correspondem ao destino final, é recorrente ultrapassarem o tempo médio gasto de deslocamento na cidade, que é de 1 hora e 44 minutos, conforme levantado pela pesquisa de mobilidade urbana realizada pelo instituto de

pesquisa IBOPE Inteligência⁵⁴. Ademais, nem todos os moradores residem próximo ao centrinho do bairro, sendo necessário longas caminhadas a pé para poderem tomar o ônibus que parte em direção as citadas localidades. Isto posto, os moradores despendem boa parte de seu tempo no ir e vir diário, incluindo os finais de semana, quando saem principalmente para o lazer.

Independente da longa distância, do tempo perdido e do custo monetário, os moradores circulam a todo momento pelo tecido urbano, em diversas velocidades e os mais variados motivos, conforme mencionado. Nestas circulações, rotineiras ou não, a cidade se revela em outras perspectivas. As articulações decorrentes de tais trajetos demonstram outras relações que compõem a vida dos moradores. Relações comerciais, relações com o espaço, relações conflitivas ao se deparar com as diferenças de outras espacialidades, são trazidas à tona na medida em que se acompanha seus relatos. Tal fato, complementa inclusive os caminhos que levaram até Engenheiro Marsilac, os quais contribuem pela diversidade de relações e percepções durante os vários percursos cotidianos.

5.1.1. O Brás e os percursos entre escolhas e cálculos

Região de comércio popular, localizada no centro da cidade, o Brás atrai compradores de diversas regiões do país em busca dos preços baixos para revenda de roupas ou para a compra de produtos específicos como material para estofamento, sapataria, entre outros. De fácil acesso, a área é bem servida por linhas de ônibus provindas de várias partes da cidade, pela estação de Metrô Brás, onde é possível fazer conexões com as linhas da CPTM 10 (Turquesa), 12 (Safira), e o Expresso Leste, que faz parte da linha 11 (Coral), as quais atingem o extremo leste e parte oeste da região metropolitana, além do corredor de ônibus que facilita o trajeto até a localidade.

⁵⁴ De acordo com a pesquisa, esta quantidade de tempo refere-se ao tempo médio diário de deslocamento para realizar a atividade principal, de acordo com os dados levantados no ano de 2014. Ver: <http://www.nossasaopaulo.org.br/portal/files/apresentacao-mobilidade-ibope-2014.pdf>

No que tange aos percursos das moradoras de Engenheiro Marsilac sobre o Brás, estes se concentram em torno das áreas destinadas ao comércio de roupas, iniciando-se pela entrada oficial do bairro, o Largo da Concórdia e adentrando pelas estreitas ruas em busca das encomendas feitas por suas clientes. Apesar da disponibilidade de opções de acesso à região, somente aquelas com conhecimento dos códigos de locomoção entre os diferentes modais se apropriam das facilidades desses meios, especialmente no que refere aos ganhos de tempo no decorrer do percurso. No geral, o receio diante do que se desconhece, além da vergonha no caso de se perderem, faz jus a fala de uma moradora que justifica as longas viagens de ônibus ao Brás com um *“eu sou caipirona e não sei andar de metrô”*. De qualquer forma, cabe novamente apontar que este ganho real de tempo está correlacionado a um adicional de gastos com a viagem, o que é levado em conta nas tomadas de decisões sobre as formas de “navegação”.

Numa subdivisão nem sempre bem demarcada, no bairro há ruas com predomínio de lojas especializadas em peças fabricadas em jeans, aglomerações de lojas destinadas ao público evangélico e, até mesmo, algumas áreas que objetivam um outro tipo de público, menos popular, cujas lojas se destacam pelas fachadas e vitrines suntuosas, assemelhando-se aos estabelecimentos comerciais do comércio de luxo da cidade. Estas, subvertem o imaginário do Brás, mudando desde a densidade – são ruas mais vazias –, às vestimentas dos frequentadores e vendedores, os ambientes das lojas, as calçadas que se alargam, e especialmente, os preços das mercadorias e a obrigatoriedade de apresentar o CNPJ (Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica), somadas à quantidade mínima de compras.

Apesar desse comércio mais sofisticado não fazer parte dos percursos das moradoras de Engenheiro Marsilac, é importante localizar tais áreas, uma vez que demonstram a dinamicidade e complexidade que envolvem as diversas e diferenciadas áreas da cidade, onde são sobrepostos num mesmo espaço, outros contextos, que buscam se diferenciar, estabelecendo, portanto, outras percepções. O que, em paralelo, também pode ser aplicado a Engenheiro Marsilac, a respeito da superposição de modos de vida e temporalidades coexistentes no mesmo espaço.

De qualquer forma, retomando a questão dos percursos das moradoras de Engenheiro Marsilac pela região do Brás, em especial os trajetos de Maria, é o Brás reconhecido pelo imaginário geral, o Brás popular, que será enfatizado a seguir. Neste, Maria circula com desenvoltura, tendo ciência de onde encontrará a junção que garante sua freguesia: mercadoria, qualidade e preço.

Geralmente acompanhada do genro ou algum outro parente, para ajudá-la a carregar as encomendas, Maria gasta mais ou menos 2 horas e 30 minutos para chegar até o Brás. Para tanto, pega o ônibus na praça no centrinho de Engenheiro Marsilac até o primeiro ponto do centro de Parelheiros, para tomar mais um coletivo, agora até o Terminal Grajaú para a partir de então realizar o percurso com o trem e com metrô. Pelas contas, até a chegada ao Largo da Concordia foram cinco conduções diferentes, com quatro baldeações consecutivas.

Com a mesma habilidade que transita entre as várias interligações dos meios de transportes, Maria percorre as ruas do Brás. Não gosta de comprar na famosa Feirinha da Madrugada no Brás, apontando como motivo, o receio decorrente da configuração espacial desses espaços: *“parece um labirinto. É tudo fechado. É um box aqui, outro box ali. Aqueles box pequeninhos. Um pouquinho maior que esta geladeira. Então você fica até com medo.”* E que prefere comprar nos galpões e nas lojinhas:

Ó, o galpão tem na Barão de Ladário, tem perto do shopping da Juta, ele fica atrás da Barão de Ladário. Tem vários galpão. Então eu prefiro comprar em galpão. Em galpão, em galeria, sabe, que é mais fácil de você trocar se tiver algum problema. Porque se você compra em feirinha e a maioria estão com banquinha – porque é feirinha – e, em cada dia eles estão em algum lugar. Então eu já tive problema, sabe, para trocar. Eu gosto de ir em lojinhas também. Sabe, tem várias lojinhas.

Na medida em que vai relatando suas escolhas, Maria vai delineando mapas próprios, onde cada indicação deve ser entendida como componente de sua estratégia de comerciante. Do início ao fim, Maria revela um vasto conhecimento e controle desse processo que envolve várias etapas – as encomendas, as escolhas de lugares e das peças que agradarão seus clientes, qualidade do produto, formas de pagamento e a revenda. Tamaña expertise pode ser conferida nos trechos da entrevista abaixo:

Como são realizados o pagamento das peças?

Dinheiro. Eu tenho medo também de passar cartão. Eu tenho medo porque com este negócio de clonar cartão, então neste lugar você não sabe se é confiável. Tem estes pontos. Eu mesmo, tem dois lugares lá que eu passo cartão faz muito tempo. Uma lojinha que eu compro blusinhas, né. E o depósito de meia, que eu não trabalho com meia do “Paraguai”, eu trabalho mesmo com meia de algodão, sabe. Meus clientes quer uma meia melhor. Então, tem na banca aquelas de poliamida, mas a turma prefere aquelas de algodão. Aí já tem um galpão que eu

compro. Galpão não. É um depósito. Um depósito que tem lingerie, meia, cueca, até tem tudo, roupa de bebê.

Quais peças estão saindo mais neste ano?

Tá saindo bem meia. Por causa do tempo. Calça sai também. Calça leggings, calça de veludo sabe, blusa de moletom. Eu trabalho com tudo um pouquinho. Tudo que me pedem...

E como a senhora escolhe?

Lá mesmo. O que o pessoal tá usando por aqui, eu vejo na vitrine. Aí falam assim: “Ai eu queria uma calça assim dona Maria”. Aí eu falo: “de qual?” “Ah, eu quero dessa calça leggings que tá usando agora que tem zíper.” Ou, “eu quero daquela calça montaria que tem zíper”. Agora eu já tenho até umas moças lá que eu peguei telefone pra elas poderem me mandar fotos. Eu tô até com um telefone aí. Eu vou ligar pra elas e vou pedir pra elas me mandarem para o WhatsApp, né? Aí elas mandam. Aí eu posso mostrar pras freguesas. Aí fica mais fácil de vender, né?

Também, eu vou muito assim pelo meu gosto. Pelo o que eu conheço assim e o que o pessoal fala. Eu tenho um bom gosto sabe? Eu posso me vestir mal, mas... Geralmente sei as coisas que estão na moda. Agora, ultimamente tá usando muito esta calça de moletom que é tipo saruel: larga em cima e apertada em baixo. Tem da Hollister, tem da Nike. Esta calça, no mês retrasado, eu fui lá, tava 40 reais, aqui ela tava 80. Agora eu voltei lá e tá 25. Então dá para você pegar lá por 25 e vender a 80, porque é o que tá vendendo aqui.

Dessa forma, Maria vai trilhando seus caminhos como vendedora, ligando o Brás à Engenheiro Marsilac. Como se constata, as relações comerciais, como em Engenheiro Marsilac, ainda se dão sob o caráter da confiança – a utilização do cartão somente em lojas conhecidas, assim como a prioridade por estabelecimentos onde é garantido a troca de produtos, evidenciam tal característica. Ao ser indagada se o lucro gerado pela atividade compensa todo o esforço, Maria diz que sim e explica que a margem de lucro pode variar de 10% a 90% sobre o valor bruto.

A definição do preço também não é aleatória, faz pesquisa, “*para não explorar o povo, senão eu perco a clientela*”. Para tanto se desloca às áreas mais próximas ao bairro, como Santo Amaro e Parelheiros, utilizando-os como referência de preço, podendo cobrar até um pouco menos, fazendo com que compense também para seus clientes do bairro. E, em algumas vezes, o imprevisto pode contribuir para o aumento dos rendimentos:

Nestes dias eu passei numa loja que estava fechando e tinha peças de roupas à 4 reais! Sainha, sabe? Tinha bermuda, bermuda legging. Tinha bermuda, tinha shortinhos, tinha blusa de moletom à 4 reais de adulto. Eu trouxe, eu trouxe meia dúzia porque não tava com muito dinheiro e não podia usar meu cartão. Eu vendi tudo. Vendi por 20 reais. Era blusa assim que se você olha ‘ah, é 25 reais!’

A despeito da informalidade, o negócio de Maria, aparentemente simples, se caracteriza pela sofisticação, envolvendo um conjunto de fatores que devem ser considerados. Desse modo, não se trata de uma operação aleatória, mas de uma atividade que demanda habilidades de logística, análise de mercado e da usabilidade no contexto envolvido, no caso, Engenheiro Marsilac. Em resumo, o sucesso e a perduração de seu negócio depende da capacidade de articular os desejos dos clientes com o que está exposto nas vitrines, contrabalanceado a um preço capaz de produzir uma margem de lucro que compense o dispêndio de energia, tempo e investimento, em suma, que produza o menor risco possível.

Ao transitar por vários espaços da cidade, Maria segue as melhores alternativas para seu negócio. E nesta empreitada, segue também as várias tendências que compõem o universo relacionado ao mundo da moda, cujos efeitos, em maior ou menor grau, articulam-se em escalas globais. As marcas citadas pela moradora, as norte-americanas Nike e a Hollister, ultrapassam fronteiras, atingindo, inclusive, os jovens clientes de Engenheiro Marsilac, os quais, tanto quanto a Maria, estão conectados com o que está ocorrendo em outros espaços, muito mais distantes que o bairro do Brás. Mesmo diante da impossibilidade de adquirir uma peça original, a aquisição de uma peça genérica, proveniente do Brás, não diminui a carga simbólica que a marca carrega. Portanto, como “objetos viajantes”, usando a expressão de KNOWLES (2014, p.292), tais produtos, assim como os símbolos em torno dos mesmos, circulam nos mais variados contextos, expandindo-se por escalas de diferentes tamanhos.

Isto posto, Maria não somente encurta as distâncias entre o Brás e Engenheiro Marsilac, por meio de suas encomendas, mas, estendendo o quadro analítico, contribui para a movimentação de gostos, de modas, de jeitos, articulando escalas e, por conseguinte, incorporando-os a realidade social do bairro. A qualificação presente na fala “*tem da Hollister, tem da Nike*”, deve ser entendida como estratégia de venda, onde tais simbologias podem acarretar outros preços e elevação da demanda, contribuindo com o seu negócio. Em síntese, o que se diferencia não é tanto os gostos ou desejos de consumo, mas as mediações em torno destes e os modos como são apropriados, mantendo os seus respectivos significados.

5.1.2. Movimentando-se entre diferenças

“Você olha assim, e fala: ‘Eu moro aqui mesmo?’ ‘Você se acha um ET.’” (Relato oral de Ângela)

Se a trajetória de Maria é marcada pela movimentação constante pelos vários espaços da cidade, apropriando-se dos mesmos, para Ângela, circular para além do extremo sul da cidade, é uma eventualidade. Sua rotina centrada no movimento casa-trabalho, o que significa não ir muito além do distrito de Cidade Dutra, pode se estender até o centro de Santo Amaro, quando os “agenciamentos cotidianos” (TELLES, 2006.), assim exigirem. Chegar até a Estação da Luz para uma visita ao museu, ou à Avenida Paulista para a resolução de uma pendência profissional, são marcos em sua trajetória de vida, onde a cidade revelada em tais trajetos, passa a ser apreendida no âmbito do que difere e do que desconhece. A falta de habilidade em circular sobre outras sinalizações visuais e em outros contextos sociais parece contribuir para com este estranhamento em torno de tais localidades, onde, conforme citação da moradora acima, considera-se um “ET”.

Apesar de já ter ido a algumas regiões da cidade como o bairro da Mooca – que considerou “*meio parecido*” com Engenheiro Marsilac, por haver muitas “*casinhas*” – e as regiões centrais como a Praça da Sé e o Rua 25 de Março, Ângela nunca havia caminhado pela Avenida Paulista, até os seus 32 anos de idade. Tendo somente atravessado a avenida de carro, uma vez, no período de Natal. Entretanto, o caminhar pela Paulista foi um evento marcado pelo deslumbre e distinção, como relata abaixo:

Ah, eu acho lindo. Acho a coisa mais linda, porque eu via muito na televisão, né? Parece outro mundo, parece outra cidade. Não parece que estou na mesma cidade que eu moro. Parece outro lugar. Eu me sinto como se fosse um extraterrestre. É muita gente e as pessoas são muito diferentes. Mas assim, na Paulista por ter sido só uma vez, eu fiquei encantada, porque é bonito. É muita diferença abrir a janela e olhar aqui e olhar lá.

A imagem da cidade grande se materializa para Ângela na avenida Paulista, contudo, na medida em que problematiza sua percepção sobre a mesma, o encantamento vai sendo progressivamente substituído por uma visão crítica dos contrastes desse espaço caracterizado por relações delineadas pela velocidade que impõe outros ritmos, assim como pela

impessoalidade e reserva, contrapondo-se a intensa sociabilidade presente nas ruas de Engenheiro Marsilac como pode ser verificado nos trechos a seguir da entrevista:

Assim, eu não sei se é porque eu fico muito aqui ou porque eu nasci aqui. Por exemplo, as pessoas daqui tem um olhar diferente, olha diferente pro outro. Você olha, você cumprimenta mesmo se não conhece. Você olha para pessoa. Agora no centro da cidade não. Que as pessoas não se olham, não tem interesse de saber se...

Agora, eu acho pra lá, na Paulista, é muita gente. Só que tem gente daqui que trabalha lá, eu sei. Mas, então tem gente, pessoas de todos os lugares, né? Estão lá, concentradas. Mas chegando lá, parecem que são diferentes, eu não sei.... Por conta da roupa. Eu me sinto com um pouco de vergonha, porque lá a maioria das pessoas trabalham de social, né? Então é muito diferente de nós aqui, pensa?

Então a diferença começa na aparência, na roupa?

Sim. Até o olhar da pessoa. Porque lá ninguém olha pra ninguém. Não sei se você sente esta diferença. Acho que não sei se é porque eu moro aqui. Hum, sei lá. Que a gente olha diferente. Apesar de ter umas pessoas aqui muito “antenas” com tecnologia, mas mesmo assim, ainda é diferente.

A despeito do constrangimento provocado pela vestimenta, considerando-se inadequada ao contexto onde predominava a formalidade do mundo do trabalho corporativo, a ausência do olhar é o principal fator de diferenciação segundo as falas da moradora. Partindo do entendimento que este olhar vai além da capacidade fisiológica, estabelecendo-se num contexto dos reconhecimentos mútuos tão constantes no cotidiano das ruas de Engenheiro Marsilac, Ângela estranha esta falta de interesse ou, nos termos de SIMMEL, este “embotamento frente à distinção das coisas” (2005, p.581), típico da “atitude blasé”.

Embora Ângela chame atenção sobre a densidade existente na avenida Paulista, expressando-se por “muita gente”, este aspecto não parece causar o mesmo impacto em outras localidades, a qual costuma transitar, como é o caso do centro de Santo Amaro. Ao ser indagada a respeito, Ângela concorda: “Sim. Tem muita gente ali, também é muito cheio para você andar”. Contudo, ao contrário de circular na Paulista, enfatiza que não se sente “tão estranha”, ou, perceba “tanta diferença”, levantando a hipótese que talvez se frequentasse mais tais regiões, não estranhasse tanto. E, como não poderia deixar de ser, completa seu raciocínio engendrando novas comparações:

Claro que, quando eu saio daqui e vou para Cidade Dutra ou Santo Amaro, a maior diferença que sinto aqui é o ar, porque a poluição, né? O que aqui não tem. Então, até quando eu comecei a trabalhar lá mesmo, na Cidade Dutra, demorou um pouco para eu me acostumar, porque lá, mesmo sendo periferia é muito poluído. Porque o fluxo de pessoas é muito maior.

Dessa forma, quando Ângela elenca os lugares que diferem entre seus micro e macro deslocamentos pela cidade, há algo a mais que a simples comparação entre o bairro de origem e tais localidades. A despeito das diferenças em torno dos fatores espaciais – a paisagem, o fluxo de pessoas e os efeitos ambientais, como é o caso da poluição – quando indagada se é a configuração espacial da avenida que provoca tamanho estranhamento, ela nega, acentuando a beleza do lugar, contudo enfatizando que não se imagina morando ou trabalhando no local, “*acho que não tem a minha cara, sabe. É muito diferente.*”

Portanto, não é só espaço, mas o que o envolve. Na medida em que se analisa as falas de Ângela, torna-se claro que circular por tais localidades implica em relações espaciais e sociais marcadas pela falta de reconhecimento, pela inadequação pessoal, pelo não pertencimento, o que ocasiona um deslocamento pessoal marcado por subjetividades. Sua percepção espacial e, em maior grau, sua incapacidade de apreensão dos vários códigos vigentes, conforme se verifica, resultam em demarcações mais profundas, sentidas de modo total pela moradora, que, neste jogo entre as diferentes escalas da cidade, sente-se alheia, conforme confessa “*A gente se sente um peixinho [...]*”.

Desse modo, é possível inferir que o desconhecimento assim como a dificuldade de lidar com códigos de outros contextos, impulsionam a criação de impedimentos marcados sobretudo por estas percepções individuais que se estendem pelo espaço físico da cidade. As autoanálises de Ângela, que inclui a inadequação da vestimenta, como se sente em tais lugares – um extraterrestre –, e o modo de agir das pessoas, acentuam a presença dessas barreiras. Barreiras que podem estar relacionadas inclusive com as condições socioeconômicas da moradora, como pode ser verificado quando conta sobre a visita que realizou à Pinacoteca do Estado de São Paulo: “*Eu acho que sou muito caipira mesmo, porque não vi graça nenhuma. Eu não gosto de exposição. Não sou acostumada. Pobre não tem acesso à cultura. Ainda mais pobre que mora aqui em Marsilac. Piorou. Não tem.*”

Ao enumerar as justificativas por não ter gostado da visita à Pinacoteca, Ângela consegue analisar com maior clareza os motivos pelos quais não gostou do lugar, ao contrário do sentimento de inadequação quando se trata da Avenida Paulista. Para tanto, sua explicação

se embasa na inter-relação dos seguintes fatores: a capacidade de apreensão, nos termos de BOURDIEU⁵⁵ se correlaciona diretamente à assiduidade a tais espaços, ou seja, na chave do “costume”. Já a assiduidade, seguindo o raciocínio da moradora, encontra-se atrelada a condição econômica, onde ser “pobre” subteme-se em um número menor de visitas, estando relacionadas mais ao acaso ou a obrigação que ao gosto e, de igual modo, em menores habilidades para desvelar os códigos existentes. Soma-se ainda a questão do local de onde se parte, cuja distância, “*longe de tudo*”, corresponde a um maior dispêndio de tempo e custos, corroborando com a menor acessibilidade a tais lugares.

Ademais, esta falta de habilidade para lidar com alguns códigos impostos nestas localidades, é estendida em suas formas de transitar pela cidade, optando por realizar seus trajetos na segurança do que conhece:

Mas acho que é “caipira” mesmo. Eu não sou muito fã de andar de trem e de metrô, por mais que seja rápido. Se fosse para ir sozinha, porque é assim, eu até me viro, de ônibus. Se fosse para ir sozinha eu acho que não teria ido de trem e metrô, eu teria ido de ônibus mesmo, parecendo uma “mula”, andando 3 horas, 4 horas de ônibus.

Isto posto, ao cruzar pelos vários espaços da cidade, mesmo que de forma mais eventual do que Maria, por exemplo, Ângela também articula as diferentes escalas da cidade, mas, contrariamente à sua companheira de bairro, não com a mesma desenvoltura, demarcando, sobretudo, as diferenças que envolvem tais espaços. Com a predominância de movimentos mais curtos pela cidade, sua trajetória é composta por uma tessitura social caracterizada pelo localismo e por relações sociais densas, onde as demarcações como “*minha família*”, “*minha história*”, “*e andar pelas ruas cumprimentando todo mundo*”, esvazia de sentido as relações impessoais do cotidiano de certas localizações.

⁵⁵ De acordo com o autor, ao contrário desse tipo de visita, marcado pela eventualidade, “a prática regular exprime e pressupõe uma adequação, mais ou menos completa, entre as obras oferecidas e o grau de competência pictural dos visitantes, entendido como capacidade para apreender as informações propostas e decifrá-las, vislumbrá-las como significações ou, melhor ainda, formas significantes.” (BOURDIEU e DABEL, 2007:113)

5.1.3. Movimentando-se entre pertencas e distinções

A diversidade de trajetos pela cidade se amplia ao seguir as trilhas da população mais jovem do bairro. Com uma rede de relacionamento mais abrangente, sobretudo pela variedade de interesses, os jovens abordados pela pesquisa, cruzam o tecido urbano com maior liberdade e intensidade, o que não significa que não sintam os efeitos das diferentes realidades sociais com as quais se deparam. Os motivos que impulsionam os trajetos para fora do bairro se repetem, como trabalho, estudo, consumos, entretanto, diferentemente dos mais velhos, saem com maior frequência para se divertirem, em especial para os shoppings da região.

Os shoppings mais próximos ao bairro – o que não significa que percursos levem menos de uma hora com a utilização de transporte público – são os shoppings Interlagos e o SP Market, os quais, assim como os outros lugares abordados, podem gerar relações de reconhecimentos ou de distinção. Não obstante, o Interlagos é o mais citado entre os moradores, incluindo os mais velhos, quando indagados qual dos dois costumam frequentar mais. Como Ângela brinca: “*Sabe qual é a cultura daqui?*”. “*Ir para o shopping Interlagos*”, responde Liliane, sua sobrinha.

Localizado na avenida de mesmo nome, o Shopping Interlagos⁵⁶ faz parte de um complexo formado pelo Shopping Interlar Interlagos, Hipermercado Carrefour, Atacadista Makro, Leroy Merlin, Hotel Íbis, Cobasi e uma Unidade do Detran, oferecendo, portanto, um grande gama de serviços e comércio para os moradores localizados no extremo sul da cidade. Com o número de 300 lojas, as quais se destacam pelo caráter mais popular como Casas Bahia, Marisa, Magazine Luiza, entre outras, além de cinema e praça de alimentação. Já o Shopping SP Market, localizado na Avenida da Nações Unidas, é composto por quase 250 lojas⁵⁷, que mistura lojas populares com outras mais sofisticadas, de grifes nacionais e estrangeiras, atraindo, portanto, um público de nível econômico mais elevado. Também possui um conjunto de cinemas, 3 praças de alimentação e serviços.

Mais próximo de Engenheiro Marsilac, o Interlagos é alcunhado por Liliane como “*Shopping Coquinho*” ou “*Shopping Povão*”, devido sua vocação popular. E, ao ser indagada

⁵⁶ Fonte: Site oficial do Shopping Interlagos: <http://www.interlagos.com.br/institucional.php#.Vp6hbVJoCTE>

⁵⁷ Fonte: Site oficial do Shopping SP Market: <http://shoppingspmarket.com.br/oShopping>

se é um “Shopping do Oi”, numa referência ao termo utilizado por SCIRÉ (2012)⁵⁸, a jovem concorda dizendo que “*no Shopping Interlagos você vai e encontra até o papagaio da vizinha lá. É muita gente conhecida lá.*” E estica o braço, fazendo um aceno de cumprimento. E estabelecendo, juntamente com Ângela, um conjunto de diferenças entre os dois centros de compras e lazer:

Ângela: O SP Market já não me agrada. Tem muita grife.

Liliane: Calvin Klein. E o Shopping Morumbi então?

Ângela: Então no shopping SP Market eu já sinto esta diferença em relação ao Interlagos.

Liliane: Eu entrei no Morumbi e falei: “não, vamo embora.”

Ângela: Tem umas lojas que nunca vi (SP Market). No Interlagos tem umas lojas que você conhece...

Liliane: De pobre.

Ângela: É. C&A.

Liliane: Marisa, Pernambucanas, Riachuelo, Americanas.

Ângela: É. Então, por isto me sinto melhor no Shopping Interlagos, porque é mais a nossa cara assim.

Liliane: Você vai de chinelo, vai de qualquer jeito.

Ângela: Eu já fui de Havaianas (chinelos). Agora o shopping SP Market eu não gosto, não vejo qualquer graça. Eu falei para minha amiga.

Liliane: Tipo o shopping Interlagos é muvuca: ‘Ahhh’ (reprodução de sons de gritaria). Agora o SP Market é ‘tchutchuchu’ (reprodução de murmúrios).

Ângela: É tem muita gente que se acha rico no SP Market.

É possível verificar com base nas comparações das moradoras sobre os respectivos shoppings, que não trata somente de descrições sobre as características físicas desses locais,

⁵⁸ Em seu trabalho sobre as práticas de consumo popular na região do Campo Limpo, SCIRÉ chama atenção para o termo, “Shopping do Oi”, usados pelos moradores para elucidar para as características populares do Shopping Campo Limpo. Cf. SCIRÉ, Claudia, *Consumo Popular e Fluxos Globais: Práticas e artefatos na interface entre a riqueza e a pobreza*, op.cit.

estendendo-se estas para as relações sociais existentes, assim como uma definição de lugares a qual se pertence. Verifica-se um padrão de homofilia, onde se prioriza a circulação entre aqueles considerados como iguais, ou seja, grupos de pares.

Isto posto, enquanto o Shopping Interlagos pode ser considerado como uma extensão do bairro, onde as relações são marcadas por vários tipos de reconhecimentos – pessoas, lojas e comportamentos – e, portanto, com maior liberdade de circulação por parte dos moradores abordados, o Shopping SP Market é caracterizado pelo o que destoa, por conseguinte, implicando em outros tipos de relações e comportamentos. Há ainda o Shopping Morumbi, citado por Liliane, o qual, no topo da hierarquia estabelecida e com a predominância de lojas de grifes famosas, além de um outro tipo de público, com maior poder aquisitivo, é definido pela moradora como um lugar proibitivo, até mesmo para a circulação.

Assim como os códigos sociais estabelecidos na convivência do bairro, os quais se inscrevem no âmbito dos costumes, os códigos percebidos nos shoppings, não são delimitados por regras institucionais, mas estabelecidos pelas relações interpessoais, onde a variedade eleva a possibilidade da existência de comportamentos díspares e até concorrentes. No caso dos shoppings, o enfoque em torno do tipo de público, estabelece distinções expressadas pela circulação dos produtos, das pessoas e dos símbolos – se usar chinelos ou falar alto não é entendido como uma transgressão aos códigos sociais no Interlagos, no SP Market não é de bom tom, exigindo adequações.

Embora Liliane se movimente com maior frequência pelos espaços da cidade, elegendo os passeios aos shoppings como principal atividade de lazer fora do bairro, ela delimita seus percursos em torno do que reconhece. Assim como aconteceu com Ângela em sua ida ao museu, a visita de Liliane ao Museu Brasileiro da Escultura (MUBE), localizado no Jardim Paulistano, área nobre da cidade, foi destituída de sentido, “*muito chato*”.

Dessa forma, a despeito dos trajetos proporcionarem contatos entre as diferentes realidades da cidade, nem sempre estes se transformam relações por completo, restringindo em situações de contatos pontuais, muitas vezes marcados por distinções decorrentes de fatores socioeconômicos, como insinua Eduardo, o filho de Maria, que atravessa a cidade devido seu trabalho com eventos para a classe alta: “*Assim, é diferente. As pessoas me tratam do mesmo jeito deles. Mas muda, né? Bastante coisa. De andar, de vestir, de conversar.*”

5.1.4. Algumas reflexões

As diferentes experiências com os espaços da cidade, assim como as sensações e entendimentos proporcionados pelas mesmas, são resultados de um conjunto de fatores como trajetórias de vida, rotinas e a capacidade de mediar os diversos espaços durante os percursos individuais, delineando um tecido social urbano complexo, que se desdobra entre fricções, pertencas e limitações. Ao revelar as diferentes escalas dos movimentos, os trajetos dos moradores não apenas demonstram as articulações e apropriações na cidade, e também, como aponta KNOWLES, “um modo de pensar sobre o social nele mesmo” (KNOWLES, 2014a, p. 113), onde “as vidas são vividas e narradas por meio das jornadas”.

Ao alongar os percursos urbanos para além das centralidades, utilizando como referência o bairro de Engenheiro Marsilac, partindo-se, portanto, de outras escalas da cidade, a análise sobre a mesma ganha outras velocidades, estruturadas em estratégias individuais de locomoção, onde as variáveis custos, tempos e meios enfatizam as habilidades de planejamento e utilização dos diferentes meios de locomoção. Não se limitando as tecnologias envolvidas, tais trajetos também indicam, as direções pelos espaços da cidade, em como estes podem ser apropriados ou não pelos moradores e, como a cidade vai sendo modificada não apenas pelas grandes ações, mas no dia-a-dia, por moradores que circulam pela cidade, em suas relações de trabalho, consumo e lazer sobre a mesma.

A vida segue para Maria numa constante movimentação pela cidade em busca não somente por mercadorias com preços melhores para revenda, mas, sobretudo, por melhores condições de vida para sua família. Num esforço contínuo para mudar sua trajetória de vida, Maria constrói mapas próprios na cidade, motivados pelas ameaças provenientes das inúmeras incertezas que permeiam seu cotidiano.

Ao circular pela cidade, Maria tece novas possibilidades, apropriando-se do que cada espaço possa lhe oferecer – do abastecimento no Brás às idas à Santo Amaro e Parelheiros para a precificação de seus produtos, a moradora vai trilhando seu caminho como vendedora e principal provedora da família. A conjunção de conhecimentos decorrentes de suas experiências sociais, faz com que Maria não estranhe por onde circula, limitando suas comparações em torno dos aspectos ambientais, como é o caso da poluição. Entretanto, tem consciência que isto muda para outros moradores, ressaltando a dificuldades desses em transitar por outros espaços da cidade, assim como o estranhamento: *“Mas o pessoal que é daqui mesmo estranha muito.*

Estranha porque pra eles é um mundo diferente. O Varginha pra lá, pra eles, já é um mundo diferente. Nunca andaram de metrô. Tem cara que vai para Santo Amaro daqui e se perde.”

Exagero ou não, é fato que alguns espaços públicos de transporte são evitados por moradores abordados. Em especial o metrô, onde se deixam transparecer receios tanto de se perder durante a circulação por suas passagens internas, como pelo fato da viagem ser subterrânea, onde não se vê nada, sendo “*tudo fechado*”, como observa uma moradora. Desse modo, é possível inferir que este tipo de transporte não se encontra tão naturalizado como se supõe, uma vez que envolve tanto habilidades na sua utilização, como promove uma “nova experiência do espaço na cidade”, como observa WAIZBORT (2000, p. 323), onde o espaço é “uma coleção de buracos”.

Se tais espaços subterrâneos são evitados por alguns, a velocidade com que determinadas áreas da cidade podem se reconfigurar em um mesmo dia, são capazes de provocar desorientação, especialmente se a densidade aumenta e modifica a realidade até então vigente. A narrativa de uma moradora sobre seu desespero ao não reconhecer o lugar de onde iniciou o seu percurso, após um longo período no interior de um prédio situado na Praça da Sé, confirma tal suposição. E, torna-se compreensível quando se desloca a análise para a escala do bairro onde, exceto pela possibilidade de ocorrências ambientais, a velocidade que impulsiona as dinâmicas do bairro é outra.

No que tange aos espaços centrais da cidade, por onde circulam os moradores abordados, tais áreas são definidas como lugar de “*prédio, prédio e carros*”, como fala uma moradora que trabalha na Avenida Cidade Jardim (Zona Sul). Por conseguinte, é lugar da poluição, da “*mistura de cheiros*” da Rua 25 de Março, e da agitação. Frequentemente denominados como “*cidade*”, os percursos por tais espaços, conforme demonstrado por alguns relatos, foram marcados por estranhamentos diante do que destoa e/ou não se consegue apreender – Ângela, ao caminhar por uma área da Avenida Paulista, acha bonito, porém não se sente parte do que vê.

O que parece contradição, tendo em vista o caráter democrático do tecido social da avenida, o qual incorpora no seu espaço, os mais diversos tipos de pessoas, torna-se compreensível, quando se atém ao contexto de onde a moradora partiu, que é caracterizado pela predominância de relações profundas entre o espaço e os grupos sociais existentes, estruturadas sobre reconhecimentos e pelo domínio em torno do espaço em que vive. A reciprocidade dos olhares e o conhecimento das trajetórias de seus vizinhos importa e contrasta com a exacerbação

da individualidade nos grandes centros. Como aponta Maria: *“Você mora lá numa metrópole que nem São Paulo, você não tem vizinho, né? A maioria do pessoal sai de manhã e chega à noite, né? Então é difícil.”*

Vale destacar ainda, tendo em vista a temática do capítulo, os deslocamentos pela cidade, que até mesmo o próprio espaço pode se movimentar pelo tecido urbano, mesmo que simbolicamente, reproduzindo e/ou readaptando um lugar em outro. Mostra disso é a feira de roupas que ocorre no bairro do Brás (região central da cidade), a famosa “Feirinha da Madrugada”, como já citada. Esta é reproduzida em um terreno em Parelheiros em alguns finais de semana do ano, mantendo o nome, numa clara alusão a preços baixos que a denominação “Brás” carrega consigo – o Brás vai até Parelheiros. Aliás, cadenciando a análise num movimento de distâncias e proximidades, o referido espaço onde abriga a feirinha, também pode ocorrer a presença de feiras de carros usados, circos e parques de diversão, demonstrando, em menor escala, que a cidade, mesmo quando parece congelada no tempo, também modifica-se, mesmo que em outra velocidade.

Em suma, os caminhos pela cidade por onde circulam pessoas, coisas e símbolos delineiam novos traçados e percepções sobre a mesma. A despeito das distâncias e diferenças existentes, as partes se tocam pelas diversas práticas rotineiras. Os moradores do bairro ao circularem pela cidade, deparam-se com outras realidades, estabelecendo relações de trocas comerciais (o Brás), de identificação (o Shopping Interlagos) e de distinção de classes e modos de vida (Avenida Paulista e Shopping SP Market). Neste jogo entre as partes proporcionado especialmente pelos trajetos, a cidade grande compõe cotidianamente seu tecido sobre antagonismos e tensões, mas não só isso, sendo cenário para novas possibilidades, desejos e sonhos individuais.

6. MAMBU E A QUESTÃO DO TRANSPORTE

Partindo dos preceitos da etnografia multi-situada (MARCUS, 1995) e do trabalho de KNOWLES (2014), a chegada até o bairro de Mambu, nos meses iniciais da pesquisa de campo, justifica-se pela premissa de seguir as pessoas, as coisas ou, no caso do bairro, os fatos. Apesar do recorte espacial da pesquisa ter sido definido, o movimento formado por moradores da região, reivindicando a implantação de linhas de ônibus, chamou atenção de todos, especialmente por suas ações e eventos que organizaram após o apoio dado pelo MPL (Movimento Passe Livre). Ademais, seria uma possibilidade tanto de conhecer mais o distrito, estendendo as visitas de exploração espacial, como de acompanhar a movimentação do grupo de residentes, numa espécie de exercício etnográfico.

Também situado no interior da APA Capivari-Monos, o bairro que faz divisa com o município de Embu-Guaçu, tem uma população de cerca de dois mil habitantes, sobretudo composta por migrantes nordestinos que chegaram à região nas décadas de 80 e 90 para trabalhar principalmente como caseiros dos vários sítios existentes. Acabaram ficando e a área foi sendo ocupada por meio da compra de outras propriedades, sedição de terrenos dos patrões ou trocas de terrenos. Dessa forma, a configuração espacial do bairro é formada principalmente por sítios, alguns com pequenas criações de animais e/ou hortas, destinadas ao consumo próprio e também para trocas entre os vizinhos em momentos de necessidade. Além disso, durante a incursão ao campo, foi constatado presença de costumes ligados a uma cultura rural, como a alimentação, os modos à mesa, os provérbios, alguns itens de vestuário, os quais migraram junto com seus portadores, o que acentua a vocação rural da região.

Vale chamar atenção para a existência de casas de campo, destinadas ao lazer, em Mambu e seus arredores, reforçando assim a constatação que a ocorrência de ocupações irregulares não se restringe à população de baixa renda, mas também ocorrendo entre a população de classes mais abastadas. Fatos que apontam para a omissão do poder público, devido falta de fiscalização. Durante estas caminhadas exploratórias não era raro encontrar estradas abertas, algumas bem estruturadas, que adentravam pela mata, fornecendo indícios de ocupações naquele local.

Retomando às características de Mambu, a região conta com a provisão de serviços de coleta de lixo e com a presença de uma Unidade Básica de Saúde. Atendo-se a prática etnográfica e estabelecendo um hiato nos questionamentos sobre a irregularidade desses grupos

nesta região, não há como negar os custos que envolvem em viver num lugar como Mambu, em especial para aqueles com menor renda.

Como não há escola no bairro, os moradores têm que se dirigir para outras localidades, sendo o bairro de Engenheiro Marsilac o principal destino. Aliás, as relações não param por aí, tendo como exemplo da influência dos residentes de Engenheiro Marsilac sobre a região, a circulação de ônibus escolares nesta e em outras áreas rurais do distrito, conforme abordado no terceiro capítulo desse trabalho. Antes, como conta um jovem morador, só se conseguia ir à escola devido a iniciativa de seu avô, o qual *“levava a criançada de charrete”*.

No que concerne aos aspectos de Saúde, conforme mencionado, o bairro conta com uma Unidade Básica de Saúde, a UBS Luciano Bergamin, de onde o movimento pelo transporte público se organizou, dado que seus agentes de saúde são afetados pessoal e profissionalmente pelas dificuldades decorrentes da ausência de transporte. Como conta Luiz, agente de saúde e um dos organizadores do movimento, suas visitas nas áreas sob sua responsabilidade só são possíveis pelo fato de possuir uma motocicleta. Além disso, para este estudante universitário, que no período da abordagem cursava enfermagem em uma faculdade na região de Santo Amaro, a questão do transporte, *“faz parte da qualidade de vida das pessoas.”* Não havendo sentido, de acordo com o mesmo, decisões políticas que permitam a circulação dos ônibus escolares, porém não admitam o trânsito dos micro-ônibus pleiteados pelo movimento.

Assim como Engenheiro Marsilac, Mambu é marcado pela natureza exuberante, porém em maior proporção, inclusive de matas fechadas, de difícil acesso, além de espaços desabitados, não sendo raro encontrar animais pelo caminho. Todavia, ao contrário do bairro abordado pela pesquisa, Mambu não possui nenhum tipo de organização urbana, como concentração de comércio ou ruas com infraestrutura, havendo somente pequenos estabelecimentos como bares e vendas de alimentos que se espalham pelas localidades com maior presença de assentamentos.

Entre similitudes e diferenças encontradas nos dois bairros, alguns efeitos se repetem, como é o caso do consumo externo e dos jeitos individuais para dar conta de algumas contingências. As questões em torno da realidade social do bairro, embora menos evidenciadas nos discursos, estão presentes nas ações cotidianas – a igreja, o grupo de mulheres que fazem caminhadas no período da manhã, as visitas entre amigos, são alguns exemplos observados e relatados. E, da mesma forma que Engenheiro Marsilac, as redes embasadas na solidariedade dão conta de algumas situações.

De qualquer forma, diferentemente da pesquisa em Engenheiro Marsilac, a qual concentra-se nas relações do e com o bairro, as idas até Mambu foram marcadas pela pontualidade das ações desse movimento de moradores pelo transporte público, abstendo-se, portanto, de um maior aprofundamento sobre os aspectos da tessitura social que envolvem o mesmo. E, como estas ações não se restringiram ao bairro, abriu-se a primeira oportunidade de seguir os percursos de moradores, observando in loco as estratégias e os significados presentes nesta articulação de escalas caracterizadas por tensões e negociações.

Das primeiras mobilizações em Mambu, em março de 2013, à manifestação defronte ao prédio da Prefeitura Municipal de São Paulo, na região central da cidade, o movimento organizou-se – Luta do Transporte no Extremo Sul⁵⁹ – e foi ganhando corpo e projeção com a intensificação e o ineditismo de suas ações entre abril e maio de 2014. Ao chamar atenção da imprensa para a inexistência de transporte na região, especialmente em Mambu, o movimento revelou o cotidiano de moradores que caminham em torno de 8 a 15 quilômetros por uma estrada de terra, todos os dias, para chegar à parada final do ônibus, em Engenheiro Marsilac, que segue para o Terminal Varginha.

Ademais, deixavam a mostra estes percursos destituídos de qualquer tipo de infraestrutura, marcados por imprevistos e perigos, especialmente pela falta de iluminação em várias partes do percurso. O que corrobora com a fala do Luiz que, ao trazer à tona a questão da qualidade de vida ao se referir aos transportes. Não se tratava, portanto, de repetições de um discurso pronto, mas da vivência e testemunho dos encargos de um dia a dia marcado por penosos percursos a pé tanto dentro como fora do bairro. Como desabafa uma moradora sobre as distâncias e o grau de isolamento do bairro: “*as coisas não chegam até a gente*”.

Prosseguindo, por meio da realização de assembleias com os moradores em várias localidades do bairro, incluindo as igrejas, e a criação de uma página no Facebook – demonstrando uma vez mais que a dificuldade do acesso à internet não impede a utilização desses meios de largo alcance –, o movimento, apoiado pelo MPL, realizou no dia 05 de abril de 2014 um bingo com os moradores, visando arrecadar fundos para a primeira ação de destaque: alugar um micro-ônibus por um dia e fazer circular uma linha gratuita que percorreria o trajeto de Mambu à Engenheiro Marsilac, a fim de demonstrar que é possível um micro-ônibus circular, sem necessariamente devastar a região, pois o caminho já existia.

⁵⁹ Ver: <https://pt-br.facebook.com/LutaTransporteExtremoSul>

A somatória do valor arrecadado com o evento, juntamente com uma doação de um empresário local e os esforços de várias pessoas, perfizeram a quantia de 600 reais, permitindo assim, em 11 de abril, a circulação da Linha Popular a partir das 5h30 da manhã, que levava os moradores de Mambu à Engenheiro Marsilac e vice-versa. Perfazendo o total de 6 viagens lotadas, como conta uma moradora, o movimento conseguiu chamar atenção da mídia que documentou o feito. De igual forma, outra estratégia adotada para chamar a atenção foi a documentação de uma dessas viagens por meio de vídeos⁶⁰ postados na internet.

Após chamar atenção, o movimento desencadeou sucessivas ações com o intuito de fortalecer as reivindicações, com destaque para o ato em frente ao prédio da Prefeitura. Além disso, promoveram a própria versão de Virada Cultural⁶¹, a Virada Popular Cultural, ocorrida no mesmo sábado em que se iniciou a virada oficial daquele ano. Relatados pela imprensa⁶², inclusive por veículos oficiais de comunicação, os eventos foram acompanhados de perto também pela pesquisadora, que já seguia as trilhas dos moradores de Mambu, documentando as ações organizadas, como pode ser lido a seguir:

Na manhã do dia 28 de abril, uma segunda-feira, estava previsto uma manifestação em frente à sede da Prefeitura, no Viaduto do Chá, centro antigo da cidade. Cheguei após as 11 horas e não havia ninguém até então. De repente foi possível observar uma correria dos seguranças em frente à entrada do edifício. Rapidamente instalaram grades em torno do mesmo, impedindo o acesso ao mesmo. Não deu para entender o que estava acontecendo. Nisto, chega o grupo de pessoas vindo, cantando e gritando palavras de ordem. Era o grupo de moradores de Mambu. Com a chegada deles, juntamente com membros do MPL, descobri que três moradores se acorrentaram nas portas de entrada do edifício e só saíam de lá após serem recebidos pelo prefeito. Num instante, o lugar estava tomado por fotógrafos e repórteres. E, enquanto os funcionários da prefeitura e os representantes do grupo tentavam negociar a situação, os demais, acompanhavam do lado de fora... (Trechos caderno de campo)

⁶⁰ Sobre a viagem e depoimentos, ver: https://youtu.be/73kx_UL-vL4 e <https://youtu.be/w2ixqX453cc>

⁶¹ Evento anual promovido pela Prefeitura da Cidade de São Paulo desde 2005, com o intuito de promover 24 horas ininterruptas de eventos culturais pela cidade.

⁶² Exemplos de reportagens que circularam no período, ver: <http://ultimosegundo.ig.com.br/eleicoes/estado/sp/2014-05-25/o-povo-age-onde-o-estado-falha-moradores-criam-posto-de-saude-e-linha-de-onibus.html>, <http://www.vice.com/pt-br/read/prefeitura-moradores-marsilac-linha-de-onibus> e <http://www.revistaforum.com.br/blog/2014/04/sp-moradores-de-marsilac-se-acorrentam-predio-da-prefeitura/>

Entre os presentes no ato, foi possível encontrar alguns rostos conhecidos tanto pelos vídeos e reportagens, como é o caso de Fernanda, a jovem agente de saúde e integrante do Luta do Transporte no Extremo Sul, e de moradores com os quais já se havia conversado. Formado por jovens, donas de casa e idosos, o grupo gritava palavras de ordem e ameaçava dizendo que um novo morador se acorrentaria a cada hora passada. Todavia, diante da probabilidade do agravamento da situação, as autoridades responsáveis concordaram em conversar e, no mesmo dia, ocorreu uma reunião entre os representantes dos moradores e alguns funcionários do governo municipal.

A despeito da ausência do prefeito, os moradores retornaram à Mambu com a promessa que a linha Mambu-Marsilac estaria funcionando em dentro de 20 dias, em horários limitados, após a autorização da Secretaria do Verde e do Meio Ambiente. Todavia, o que sinalizava como um começo em direção a concretização das reivindicações dos moradores, deixou de ser, com vencimento do prazo. E com o não cumprimento da promessa, o movimento em Mambu, juntamente com o MPL, promoveram no dia 17 de maio, a Virada Cultural Popular, também denominada de “*Cadê o Busão?*”, que misturou shows com uma assembleia para decidirem sobre os próximos passos do movimento.

Numa alusão à Virada Cultural que ocorreu na cidade no mesmo final de semana e que os moradores faziam questão de ressaltar, alegando a impossibilidade de usufruírem do evento pela dificuldade de acesso, a virada em Mambu contou com a presença de artistas da região como o grupo de rock “Sem Nome”, com integrantes provenientes de diversas partes do distrito, incluindo o Luiz, o trio de Rap “OBG” de Engenheiro Marsilac e um rapper local, o “Vulgo RG”. Após as apresentações, as quais detiveram mais atenção dos jovens presentes que dos senhores, os quais reclamavam dizendo que deveria ser um “forró”, o microfone foi aberto para os moradores se manifestarem com observações ou propostas de novas ações.

De opiniões mais incisivas às mais moderadas, os moradores eram mediados pelos integrantes do MPL. Entre reclamações em relação a baixa adesão dos moradores e a falta de comprometimento, “*se eu passar o caderno, um monte de gente assina, mas depois ninguém aparece*”, assim como da necessidade de se unirem, “*uma andorinha não faz um verão*”, à medida que os moradores iam tomando a palavra, tornavam-se nítidas as diferenças em torno dos modos de ação. Enquanto os mais velhos optavam por falas mais conciliadoras, ressaltando o diálogo ou manifestações “*sem bagunça*”, os mais jovens sugeriam ações de maior impacto, buscando parar a cidade como forma de chamar a atenção: “*se os adolescentes conseguem*

mobilizar milhares para quebrar tudo nos shoppings⁶³ ou fecharem ruas com a ostentação, eles deveriam parar o Terminal Varginha, queimando pneus, para mostrar a posição” (Fala de um dos jovens participantes).

Sem uma posição clara sobre as próximas manifestações, na semana seguinte organizaram um novo evento similar a virada cultural de Mambu, entretanto o movimento pelo transporte público de Mambu, aparentemente foi se esvaziando. Talvez por desacordo em relação das ações. De qualquer forma, o movimento foi perdendo destaque da mídia, tornando-se notícia novamente em 2015, num ato que uniu moradores de Marsilac e Parelheiros.

Com caixas de som e microfone, o grupo interrompeu uma aula do Prefeito Fernando Haddad na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, em 27 de abril, apresentando um documento em que requeria cinco linhas de ônibus que cobrissem alguns bairros desses dois distritos. Diante da situação e com o acirramento de discussões entre os manifestantes e os alunos, o prefeito deixou a sala, levando consigo os manifestantes. Apesar de não ter assinado o documento, Fernando Haddad se comprometeu em se reunir com os moradores para discutir a possibilidade de implantação das respectivas linhas. O que de fato ocorreu.

Em 23 de maio de 2015, na Subprefeitura de Parelheiros, o prefeito se reuniu com os moradores e prometeu implantar uma das linhas solicitadas, a linha referente ao Bosque do Sol, Parelheiros. Quanto as demais, deveriam ser analisadas e para tanto seria solicitado um laudo da CETESB (Companhia Ambiental do Estado de São Paulo) por se tratar de áreas de proteção ambiental. Até o final da pesquisa, a linha do Bosque do Sol começou a operar, mas em fase de testes, o que significa circular em horários limitados. Em relação as demais linhas, até então não haviam sido inauguradas, provavelmente pela complexidade que envolve os territórios das APAs.

Por fim, a experiência de acompanhar as jornadas dos moradores de Mambu na luta pelo transporte público, mais que um exercício etnográfico em uma área rural do distrito, permitiu acompanhar este movimento que se destacou e surpreendeu pela organização e pelas ações ousadas. Se os resultados ainda não foram os desejados, o que se conseguiu já pode ser considerado uma vitória em decorrência da complexidade que envolve a região. Se eles devem

⁶³ Numa alusão aos rolezinhos – encontros marcados pelas redes sociais capazes de reunir milhares de jovens da periferia em shoppings centers, especialmente da cidade de São Paulo, em decorrência da ausência de opções e lugares de lazer. Alguns desses eventos foram marcados pela ocorrência de tumultos.

ou não permanecer em Mambu, não cabe aqui discutir este dilema tão frequente no que toca as áreas de proteção ambiental das cidades. O que se pode constatar é que algumas dessas áreas são comercializadas, o que parece ser incongruente, tendo em vista as características da localidade. No entanto, há de se levar em conta que a ausência estatal e o relaxamento da fiscalização abrem possibilidades para a difusão e consolidação de ocupações.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“Há coisas que só nos chegam se as quisermos ouvir. E se o nível de ruído circundante o permitir”.*⁶⁴

Em de 31 de julho de 2015, foi divulgada na página oficial da Prefeitura Municipal de São Paulo⁶⁵, uma notícia sobre a inauguração da primeira creche pública de Marsilac. O texto que tratava da presença do Prefeito Fernando Haddad e sua comitiva, chama atenção pela forma como a região foi apresentada, o que remete a forma homogeneizante com que a região geralmente é apreendida:

A começar pelo título da notícia *“Prefeitura inaugura a primeira creche pública de Marsilac”*. Considerando que Marsilac é um distrito e não um bairro, esta não é a primeira creche pública na região, pois há o CEI São Lucas no bairro de Engenheiro Marsilac. Ademais a creche inaugurada se situa em Embura, um dos núcleos populacionais do Distrito de Marsilac, localizado entre o Distrito de Parelheiros e o bairro de Engenheiro Marsilac. Esta confusão sobre os nomes e a falta de clareza no que diz respeito ao distrito e os bairros do mesmo, misturando-os, não se restringe à Secretaria Executiva de Comunicação, estendendo-se a outros órgãos públicos, como pode ser constatado durante a execução da pesquisa e já relatado.

Mais que uma questão de denominações, este engano retrata o desconhecimento recorrente quando se referem a região, resultando na difusão de visões homogeneizantes, como a de Engenheiro Marsilac como um “bairro rural”, e outras carregadas de estereótipos, vide a postagem do Facebook com a figura de um garoto “caipira”, sentado ao computador rodeado de animais e referências rurais, conforme mencionado, ou ainda as percepções relatadas no capítulo quatro.

Cabe também chamar atenção para o conteúdo da fala do prefeito: ao enfatizar que a área tem o “pior IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) de São Paulo”. O que de fato se confirma, apresentando o valor de 0,680 frente os 0,805 do município, segundo os dados do último levantamento realizado pelo IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) em 2010. No entanto, sem desconsiderar sua importância por incorporar outros fatores além do

⁶⁴ Fala da “mulher”, personagem do conto Nairobi, do livro de contos O Céu não sabe dançar sozinho de Ondjaki, op.cit.

⁶⁵ Conferir página oficial: <http://www.capital.sp.gov.br/portal/noticia/5872#adimage0>

econômico como medida de desenvolvimento, há de se questionar sobre o significado dessa medida no contexto local.

De forma sumária o IDH⁶⁶ tem como objetivo principal medir o desenvolvimento humano mediante o padrão de vida (renda), a longevidade (expectativa de vida) e a educação, abstendo-se, portanto, de outros fatores como a democracia, a equidade e a sustentabilidade, por exemplo. É claro que no contexto do discurso do prefeito, o qual enfatizou os aspectos da educação e saúde, falar sobre IDH, faz sentido, entretanto, alguns pontos de devem ser levados em conta:

Primeiro o IDH da região, melhor, IDHM⁶⁷, foi calculado pela soma dos indicadores de dois distritos, Parelheiros e Marsilac, provavelmente em decorrência da densidade populacional da região, dado que se concentram sob administração da mesma estrutura organizativa, a subprefeitura de Parelheiros. E, apesar da proximidade física e algumas semelhanças, não se trata de áreas homogêneas, diferenciando-se tanto externa como internamente, como já sinalizado no presente estudo.

Segundo, a medição do IDHM desconsidera um aspecto extremamente importante para entender a região, que é o meio ambiente e a sustentabilidade. Os dois distritos condensados pelo índice se encontram inseridos (em parte ou totalmente), em áreas de proteção ambiental, a APA Bororé-Colônia em Parelheiros e a APA Capivari-Monos em Marsilac, portanto medir o desenvolvimento humano, por conseguinte, a qualidade de vida, considerando apenas bens e serviços públicos, é insistir num modelo de desenvolvimento incompleto, onde o ambiente se restringe a mero cenário e não produtor de qualidade de vida.

Uma das respostas mais frequentes dos moradores do bairro de Engenheiro Marsilac tratava da questão ambiental, ressaltando a ausência de poluição, o contato com a natureza e a calmaria. Afinal, a natureza em Engenheiro Marsilac é contraponto tanto no que se refere a paisagem, como pelos seus efeitos: até o presente momento, não há registros de casos autóctones de Dengue⁶⁸, pelo fato do clima ser mais frio que as demais regiões da cidade.

⁶⁶ Considerando a descrição do PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento). Ver: http://www.pnud.org.br/IDH/IDH.aspx?indiceAccordion=0&li=li_IDH

⁶⁷ IDHM é um “ajuste do IDH para a realidade dos municípios e reflete as especificidades e desafios regionais no alcance do desenvolvimento humano no Brasil”. Ver: http://www.pnud.org.br/IDH/IDHM.aspx?indiceAccordion=0&li=li_IDHM

⁶⁸ Sobre reportagens que abordam o assunto. Ver: <http://www.agora.uol.com.br/saopaulo/2016/02/1741561-longe-de-dengue-e-zika-marsilac-vive-dias-de-orgulho.shtml>;

Terceiro, ao acompanhar os dois últimos indicadores do IDHM, comparando 2000 e 2010, verifica-se que houve uma mudança significativa nos índices da região, situando-se na terceira posição em crescimento no ranking geral e com especial destaque para o índice referente à Educação, onde ficou em primeiro lugar, com a expressiva taxa de crescimento de 39,91%. Dados que vai ao encontro dos resultados levantados por MARQUES (2015), sobre a melhoria de maneira geral dos indicadores de infraestrutura e socioeconômicos das periferias do município, neste decênio. Ademais, atesta uma melhora nas condições de vida na região.

Isto posto, usar o IDH é medir a realidade local com uma régua que desconsidera outros componentes que se relacionam e afetam os três pilares utilizados pelo respectivo índice, como o meio ambiente, e até mesmo os aspectos da sociabilidade local, os quais nesta pesquisa sobre o cotidiano do bairro de Engenheiro Marsilac, constituem um importante fator para entender os modos de vida existentes.

Retomando o desenvolvimento da pesquisa, esta investigação que se iniciou no período em que foi instituída a lei de criação do Polo de Ecoturismo (Lei nº 15.953), em janeiro de 2014, a qual evidenciava a paisagem natural da região, foi ganhando outros contornos, na medida em que o foco foi se distanciando das visões generalistas ou restritas dos dados estatísticos e, sendo ajustado em torno do tecido social de Engenheiro Marsilac, em especial sobre a sociabilidade local, assim como a sua importância na formação de redes de ajudas mútuas, de significados para com o bairro, corroborando com o sentimento de pertença e, de certo modo, com o ambiente natural do bairro, onde todos se mostram atentos.

Esta mudança de escala implicou também em alterações no que concerne ao objeto em si e, por conseguinte, ao modo como foi conduzida a pesquisa, sendo necessário se debruçar sobre a atuação e os efeitos desses laços sociais presentes no bairro. O resultado dessa diretriz foi o estabelecimento de um enquadramento analítico composto por uma série de micro cenas, que se espalham pelo espaço do bairro, estruturadas por relações marcadas por um elevado grau de pessoalidade, evidenciando os vínculos com o lugar e a atuação de redes de apoio. Tais características delineiam não só a dinâmica do bairro, mas também a percepção deste – no geral, como um lugar de reconhecimentos sociais e proximidades, valorizando as relações sociais.

Ainda, a decisão de seguir os moradores dentro e fora do bairro, buscou-se mostrar as articulações entre o local e outras partes da cidade, além de abordar as subjetividades envolvidas nestes percursos, demonstrando assim, que as relações e os efeitos decorrentes dessas saídas são incorporados diariamente seja por meio de demarcações, seja mediante qualificações estabelecidas no âmbito dos sentidos, dos afetos e dos significados para com o bairro. Acrescenta-se que a opção por trabalhar com esta variação de escalas foi uma forma de não cair no risco de se perder em torno de aspectos mezinhos locais, demonstrando que, mesmo num espaço onde os vínculos com as memórias locais são revivescidos em práticas diárias, paralelamente circulam outros valores, modos e gostos provenientes de outros espaços, de escalas muito maiores, mas que são apreendidos e incorporados na rotina visando o melhor aproveitamento destes para com os interesses locais, como é o caso das páginas do Facebook.

Dessa forma, a sensação de isolamento, provocada principalmente pela distância em relação a outras centralidades e, a dificuldade de obtenção de acessos a serviços de telecomunicação, o que contribui para a falsa impressão que o bairro se encontra isento das circulações promovidas pela globalização, é posta em xeque ao observar o fluxo de consumos que permeiam o cotidiano – produtos eletrônicos, marcas internacionais, música, a utilização das redes sociais para diversos fins, entre outros aspectos, colaboram para com o que KNOWLES (2014) chama atenção: a presença de “vias secundárias” no contexto da globalização, as quais são formadas por outras texturas sociais, micro cenas, onde se apropriam e incorporam estes elementos circulantes à realidade existente.

Vale repetir que nesta articulação entre escalas e a junção da teoria com os dados empíricos, não se buscou por uma universalidade capaz de dar conta de todas as questões que envolvem o bairro, mas por regularidades existentes e que se destacam no dia a dia desses moradores, promovendo assim, uma maior consistência em torno do ponto de vista analítico, o qual, além de revisitar alguns conceitos, desencadeou outros diálogos com o todo cidade, demonstrando que nesta cabe outras formas de assentamento, por conseguinte, outras realidades sociais, que se diferenciam não somente por questões materiais e de acessos a bens e serviços, mas decorrentes de outras formas de provisão de bem-estar social, atreladas especialmente em torno dos vínculos do lugar.

Lugar este onde a natureza é incorporada aos modos de vida e não apenas como mero cenário. A aderência dos moradores, seja como participante do conselho gestor da APA Capivari-Monos, seja por atitudes no cotidiano, mostram que temos muito a aprender com

Engenheiro Marsilac, tanto no trato com a natureza, assim como nas relações entre as pessoas, onde ainda é possível encontrar algumas gentilezas que pareciam perdidas no espaço da cidade.

Ainda sobre a questão ambiental, acredita-se que a ação dos moradores pela proteção da natureza, assim como possibilidade de perduração do decréscimo populacional, como apontado pelo último recenseamento, contribuirão para com a preservação do meio ambiente local, independentemente do funcionamento da lei ou das ausências da fiscalização. Vale enfatizar que a preservação ambiental do bairro, estendendo-se ao distrito, é vital para o equilíbrio ambiental da cidade, que se beneficia com os seus atributos naturais, além da possibilidade de abastecimento tendo em vista as áreas destinadas a produção agrícola sustentável.

8. REFERÊNCIAS

- AGIER, Michel. *Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2011, Coleção Antropologia Hoje.
- ANGILELI, Cecília Maria de Moraes Machado. *Chão*. Tese de Doutorado apresentada à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 2012.
- ASSOCIAÇÃO SAÚDE DA FAMÍLIA (ASF). Programa Saúde da Família (PSF). Disponível em: <http://www.saudedafamilia.org/projetos/psf/psf.htm>. Acessado em: 20 de fevereiro de 2016.
- BELLENZANI, Maria Lúcia Ramos (Coord.Geral). *Caderno do plano de manejo da área de proteção ambiental (APA) municipal Capivari-Monos*. São Paulo. SP. 2ª edição, julho de 2012.
- BIAZZI, Renato. Duas regiões da grande São Paulo não têm registro de dengue. *Portal G1*. Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2016/01/duas-regioes-da-grande-sao-paulo-nao-tem-registro-de-dengue.html>. Acessado em 02/02/2016.
- BLOKLAND, Talja. *Urban bonds: social relationships in na inner city neighbourhood*. Translated by Lee K. Mitzman – Cambridge: Polity Press, 2003.
- BOURDIEU, Pierre e DARBEL, Alain. *O amor pela arte: os museus de arte na Europa e seu público*. 2ª ed. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Porto Alegre: Zouk, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. *A distinção - crítica do julgamento social* – Porto Alegre: Zouk, 2008.
- BRASIL. Lei nº. 12.651 de 25 de maio de 2012. Dispõe sobre a proteção da vegetação nativa. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112651.htm. Acessado em: 20 de fevereiro de 2016.
- BRASIL. Fundação para o desenvolvimento da educação (FDE). Programa Escola da Família. Disponível em: <http://escoladafamilia.fde.sp.gov.br/v2/default.html>. Acessado em 20 de novembro de 2015.
- CA Marcilac. *FanPage*. Disponível em: <https://www.facebook.com.br/ca.marsilac/>. Acessado em: 01/02/2016.
- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. *Cidade de muros: violência, segregação e cidadania na cidade de São Paulo*. São Paulo: Editora 34, 2000.
- CARVALHO, Igor. Manifestantes esperam ser recebidos por Haddad e querem uma linha de ônibus no local. *Revista Forum*. Disponível em: <http://www.revistaforum.com.br/2014/04/28/sp-moradores-de-marsilac-se-acorrentam-predio-da-prefeitura/>. Acessado em 01/05/2014.
- CERTEAU, Michel de GIARD, Luce e MAYOL, Pierre. *A invenção do cotidiano 1: Artes de Fazer*. 17.ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

CERTEAU, Michel de GIARD, Luce e MAYOL, Pierre. *A invenção do cotidiano 2: Morar, cozinhar*. 10.ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2011a.

GOFFMAN, Erving. *On Fieldwork*. Journal of Contemporary Ethnography, University of Michigan, v.18, pp.123-132, July 1989. Disponível em: <http://introculanthrpi2010.wikispaces.com/file/view/Goffman+On+Fieldwork.pdf>. Acessado em: 13 de agosto de 2014.

GRANATO, Fernando. A capital do alface. *Diário de São Paulo*. 16 de novembro de 2014.

IBOPE INTELIGENCIA e REDE NOSSA SÃO PAULO. *Pesquisa: Dia mundial sem carro*. Disponível em: <http://www.nossasaopaulo.org.br/portal/files/apresentacao-mobilidade-ibope-2014.pdf>. Acessado em: 12/12/2015.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA). *IDH por Subprefeituras*. Documento fornecido pela Assessoria de Imprensa. Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano, Prefeitura Municipal de São Paulo. Fornecido em 02/03/2016.

KAUFMANN, Jean-Claude. *A entrevista compreensiva: um guia para pesquisa de campo*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes; Maceió, AL: Edufal, 2013.

KLEIN, Andrey (org.). *Bairro Marsilac*. Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/marsilac>. Acessado em: 20 de novembro de 2015.

KNOWLES, Caroline. *Trajetórias de um chinelo: microcenos da globalização*. Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar. São Carlos, v.4, nº.2, pp.289-310, jul-dez 2014.

KNOWLES, Caroline. *Flip-Flop: A journey through globalisation's backroads*. London, UK: Pluto Press, 2014a.

KOWARICK, Lúcio. *A espoliação urbana*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

KOWARICK, Lúcio. *Viver em Risco: sobre a vulnerabilidade socioeconômica e civil*. Fotografias de Antônio Saggese. São Paulo: Editora 34, 2009.

KUSENBACH, Margarethe. *Street phenomenology: The go-along as ethnographic research tool*. Ethnography, Londres, v.4, nº3, pp.455-485, 2003. Disponível em: <http://www.healthcity2013.be/psaa2013/sites/default/files/theoretical%20files/Kusenbach%20-%20Street%20phenomenology.pdf>. Acessado em 13 de agosto de 2014.

LEPETIT, Bernard. Sobre a escala na história. In REVEL, Jacques (org.). *Jogo de Escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

MACEDO, Letícia. Conheça Marsilac – o único distrito de São Paulo sem casos de dengue em 2015. In: *Portal G1*. Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2015/04/nao-consegue-bater-asas-ate-aqui-diz-morador-de-marsilac-sobre-dengue.html>. Acessado em 02/05/2015.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. *A Rua Quinze, de praça a praça: um exercício antropológico*. Núcleo de Antropologia Urbana, Universidade São Paulo, 1991. Disponível

em: http://nau.fflch.usp.br/sites/nau.fflch.usp.br/files/upload/paginas/rua_quinze.pdf.
Acessado em: 20 de julho de 2014.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Da periferia ao centro: trajetórias de pesquisa em Antropologia Urbana*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2012.

MALOUTAS, Thomas. Introduction: residential segregation in context. In FUJITA, Kunilo e MALOUTAS, Thomas (org.). *Residential segregation in comparative perspective: making sense of contextual*. Surrey, England: Ashgate Publishing Limited, 2012.

MARCUS, George E. *Ethnography in/on the world system: the emergence of multi-sited ethnography*. Annual Review of Anthropology, v.24, p.95-117. Palo Alto, California, 1995. Disponível em: <http://www.dourish.com/classes/readings/Marcus-MultiSitedEthnography-ARA.pdf> . Acessado em: 11 de novembro de 2015.

MARQUES, Eduardo. Elementos conceituais da segregação urbana e da ação do Estado. In MARQUES, Eduardo e TORRES, Haroldo (orgs.). *São Paulo – Segregação, pobreza urbana e desigualdade social*. São Paulo: Editora Senac, 2005.

MARQUES, Eduardo. *As redes sociais importam para a pobreza urbana?* DADOS – Revista de Ciências Sociais. Rio de Janeiro, v. 52, nº 2, pp.471-505. 2009.

MARQUES, Eduardo. *Redes Sociais, Segregação e Pobreza*. São Paulo: Editora Unesp, Centro de Estudos da Metrópole, 2010.

MARQUES, Eduardo (org.). *A metrópole de São Paulo no século XXI: espaços, heterogeneidades e desigualdades*. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

MARQUES, Eduardo e TORRES, Haroldo. *Reflexões sobre a hiperperiferia: novas e velhas fases da pobreza no entorno municipal*. Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais, n.4, p.49-79, 2001.

MARQUES, Eduardo e REQUENA, Carolina. Trajetórias demográficas diversas e heterogeneidade. In MARQUES, Eduardo (org.). *A metrópole de São Paulo no século XXI: espaços, heterogeneidades e desigualdades*. São Paulo: Editora Unesp, 2015, pp.147-171.

MAYOL, Pierre. Morar. In CERTEAU, Michel de GIARD, Luce e MAYOL, Pierre. *A invenção do cotidiano 2: Morar, cozinhar*. 10.ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. *O que é IDH*. Disponível em: http://www.pnud.org.br/IDH/IDH.aspx?indiceAccordion=0&li=li_IDH. Acessado em: 01 de março de 2016.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. *O que é IDMH*. Disponível em: http://www.pnud.org.br/idh/IDHM.aspx?indiceAccordion=0&li=li_IDHM. Acessado em: 01 de março de 2016.

REQUENA, Carolina, GODOY e Samuel R.; SARUE, Betina. Condições urbanas: desigualdades e heterogeneidade. In MARQUES, Eduardo (org.). *A metrópole de São Paulo no século XXI: espaços, heterogeneidades e desigualdades*. São Paulo: Editora Unesp, 2015, pp. 199-222.

RIBEIRO, Bruno. Extensão da linha 9 da CPTM do Grajaú até o Terminal Varginha fica para 2017. *O Estado de São Paulo*. Versão eletrônica Disponível em: <http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,extensao-da-linha-9-da-cptm-do-grajau-ate-varginha-fica-para-2017,10000006712>. Acessado em 12/01/2016.

RIGAMONTE, Rosani. *Sertanejos contemporâneos: entre a metrópole e o sertão*. São Paulo: Humanistas/Fapesp, 2001.

SÃO PAULO (Estado). Lei nº 898 de 18 de dezembro de 1975. Disciplina o uso do solo para a proteção dos mananciais, cursos e reservatórios de água e demais recursos hídricos de interesse da região metropolitana da grande São Paulo. Disponível em: https://www.socioambiental.org/esp/agua/doc/898_1975.pdf. Acessado em 26 de fevereiro de 2016.

SÃO PAULO (Estado). Lei nº 1.172 de 17 de novembro 1976. Delimita as áreas de proteção aos mananciais, cursos e reservatórios de água, a que se refere o artigo 2º da Lei Estadual nº 898, 18 de dezembro de 1975, estabelece normas de restrição do uso do solo em tais áreas. Disponível em: https://www.socioambiental.org/esp/agua/doc/1172_1976.pdf. Acessado em 26 de fevereiro de 2016.

SÃO PAULO (Estado). Lei nº 9.866 de 28 de novembro 1997. Dispõe sobre diretrizes e normas sobre a proteção e recuperação das bacias hidrográficas dos mananciais de interesse regional do Estado de São Paulo. Disponível em: http://www.saobernardo.sp.gov.br/documents/10181/25285/Lei_estadual_9866-97.pdf/1ba3fe32-b65e-459f-96c9-37cb814cf643. Acessado em 26 de fevereiro de 2016.

SÃO PAULO (Município). Lei nº 13.136 de 09 de julho de 2001. Cria a Área de Proteção Ambiental Municipal do Capivari-Monos. Disponível em: http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/seguranca_urbana/13_136.pdf. Acessado em 15 de janeiro de 2014.

SÃO PAULO (Município). Lei nº 15.953 de 07 de janeiro de 2014. Dispõe sobre a criação do Polo de Ecoturismo nos distritos de Parelheiros e Marsilac até os limites da Área de Proteção Ambiental Bororé-Colônia. Disponível no Diário Oficial da Cidade de São Paulo, Ano 59 de 08 de janeiro de 2014, nº 4: http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/upload/premiozerenato_1389285639.pdf. Acessado em 30 de agosto de 2014.

SÃO PAULO (Município). Lei nº 16.050 de 31 de julho de 2014. Dispõe sobre a Política de Desenvolvimento Urbano e o Plano Diretor Estratégico do Município de São Paulo. Disponível no Diário Oficial da Cidade de São Paulo, Ano 59 de 1º de agosto de 2014, nº 140: <http://www.docidadesp.imprensaoficial.com.br/NavegaEdicao.aspx?ClipID=49ES72VIIH4LQeAJIGOEHC87AGO&PalavraChave=plano+diretor>. Acessado em 02 de agosto de 2014.

SÃO PAULO (Município). Lei nº 16.402 de 22 de março de 2016. Disciplina o parcelamento, o uso e a ocupação do solo no Município de São Paulo, de acordo com a Lei nº 16.050, de 31 de julho de 2014 – Plano Diretor Estratégico. Disponível em:

<http://gestaourbana.prefeitura.sp.gov.br/wp-content/uploads/2016/03/PL-272-15-com-raz%C3%B5es-de-veto1.pdf> . Acessado em 30 de março de 2016.

SÃO PAULO (Município). População recenseada, taxas de crescimento populacional e densidade demográfica. Município de São Paulo, subprefeituras e distritos municipais, 1908, 1991, 2000 e 2101. In *Infocidade*. Disponível em: http://infocidade.prefeitura.sp.gov.br/htmls/7_populacao_recenseadatas_de_crescimento_1980_10745.html. Acessado em 10 de setembro de 2015.

SÃO PAULO (Município). Resolução nº 26 CONPRES de 2004. Dispõe sobre a abertura do processo de tombamento para os imóveis enquadrados ou propostos como Zonas Especiais de Preservação Cultural (ZEPEC). Disponível em: <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/conpres/noticias/?p=2265> . Acessado em 20 de janeiro de 2015.

SÃO PAULO (Município). Secretaria Executiva de Comunicação. *Prefeitura inaugura primeira creche pública do Marsilac*. Disponível em: <http://www.capital.sp.gov.br/portal/noticia/5872#adimage0> . Acessado em 03 de março de 2016.

SÃO PAULO (Município). Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente, São Paulo Turismo e Instituto Kairós-Ética e atuação responsável. Guia Turístico: *Ecoturismo e agroecologia no extremo sul de São Paulo*. São Paulo, SP, 2012.

SÃO PAULO (Município). Secretaria de Saúde do Município de São Paulo e Instituto Via Pública. *Atlas da Saúde da Cidade de São Paulo, 2012*. Disponível em: http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/saude/arquivos/publicacoes/atlas_da_saude_da_cidade_de_sao_paulo_2012.pdf. Acessado em: 15 de janeiro de 2015.

SCIRÉ, Claudia. *Consumo popular, fluxos globais: práticas e artefatos na interface entre a riqueza e a pobreza*. São Paulo: Annablume, 2012.

SENA, Stephane. Longe de dengue e zika, Marsilac vive dias de orgulho. *Agora*. Versão eletrônica. Disponível em: <http://www.agora.uol.com.br/saopaulo/2016/02/1741561-longe-de-dengue-e-zika-marsilac-vive-dias-de-orgulho.shtml>. Acessado em 22/02/2016.

SHOPPING, Interlagos. *Institucional*. Sd. Disponível em: <http://www.interlagos.com.br/institucional.php#.Vp6hbVJoCTE>. Acesso em: 01 de fevereiro de 2016.

SHOPPING, SP Market. *O Shopping*. Sd. Disponível em: <http://shoppingspmarket.com.br/oShopping>. Acesso em: 01 de fevereiro de 2016.

SIMMEL, Georg. *As Grandes Cidades e a Vida do Espírito (1903)*. Trad. Leopoldo Waizbort. Revista Mana, Volume 11 (2), 2005. P.577-591. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/mana/v11n2/27459.pdf>. Acesso em: 20/02/2014.

SOUZA, FELIPE. Rumo ao Sul. In: *Folha de São Paulo*. Caderno Cotidiano, de 16 de agosto de 2015.

TELLES, Vera da Silva e CABANES, Robert (Orgs.). *Nas tramas da cidade – Trajetórias urbanas e seus territórios*. São Paulo: Associação Editorial Humanistas, 2006.

TORRES, Haroldo. *Fronteira Paulistana*. Apresentado no XVI Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, realizado em Caxambu-MG de 20-24 de setembro de 2004. Disponível em:

http://www.abep.nepo.unicamp.br/site_eventos_abep/PDF/ABEP2004_64.pdf.

Acessado em: 11 de novembro de 2015.

WAIZBORT, Leopoldo. *As aventuras de Georg Simmel*. São Paulo: USP, Curso de Pós-Graduação em Sociologia: Editora 34, 2000.

ZALUAR, Alba. Teoria e prática do trabalho de campo: alguns problemas. In CARDOSO, Ruth C.L. (org.). *A aventura antropológica: teoria e pesquisa*. 4ª ed. - Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2004.

07/04/2016

Currículo Lattes

Imprimir currículo

Joelma Melo da Silva Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/6725272444468768>

Última atualização do currículo em 16/03/2016

Resumo informado pelo autor

Graduada em Artes Plásticas pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (1996) e em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (2006) é mestranda na Faculdade de Saúde Pública, cuja pesquisa aborda a questão da cidade, trajetos, modos de vida e meio ambiente no espaço urbano. Estagiou e trabalhou em vários órgãos da administração pública.

(Texto informado pelo autor)

Dados pessoais

Nome Joelma Melo da Silva
Nascimento 30/01/1974 - São Paulo/SP - Brasil
CPF 185.091.888-07

Formação acadêmica/titulação

- 2014** Mestrado em Saúde Pública.
 Faculdade de Saúde Pública - USP (SP), FSP, Brasil
 Orientador: Maria da Penha Vasconcellos
 Bolsista do(a): Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
- 2000 - 2006** Graduação em Ciências Sociais.
 Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, Brasil
- 1993 - 1996** Graduação em Artes Plásticas.
 Universidade Presbiteriana Mackenzie, MACKENZIE, São Paulo, Brasil
 Título: Desenho e Cor
 Orientador: Lauritta Salles

Formação complementar

- 2015 - 2015** Curso de curta duração em Gestão da Mobilidade Urbana. (Carga horária: 15h).
 Associação Nacional de Transportes Públicos, ANTP, São Paulo, Brasil
 Francês.
 APM Etec Parque da Juventude, APM ETEC PJ, Brasil
 Ano de interrupção: 2014
- 2011 - 2011** Listening and Speaking. (Carga horária: 35h).
 APM Etec Parque da Juventude, APM ETEC PJ, Brasil
 Bolsista do(a): Governo do Estado de São Paulo
- 1998 - 1998** Curso de curta duração em Workshop de Desenho Contemporâneo. (Carga horária: 24h).
 Oficina Cultural Oswald de Andrade, OFICINA CULTURAL, Brasil
- 1997 - 1997** Curso de curta duração em Workshop com Jac Leimer. (Carga horária: 15h).
 Oficina Cultural Oswald de Andrade, OFICINA CULTURAL, Brasil

Atuação profissional

1. Fundação do Desenvolvimento Administrativo - FUNDAP

Vínculo institucional

- 2007 - 2007** Vínculo: Terceiro, Enquadramento funcional: Consultoria, Carga horária: 4, Regime: Parcial
- 2006 - 2006** Vínculo: Estágio, Enquadramento funcional: Estagiário, Carga horária: 6, Regime: Parcial

2. Respublica Consultoria em Soluções para o Atendimento Público - RESPUBLICA

Vínculo institucional

- 2008 - 2009** Vínculo: Formal labor contract, Enquadramento funcional: Consultora, Carga horária: 40, Regime: Dedicção exclusiva

3. Tomra Latada SA - LATASA

07/04/2016

Currículo do Sistema de Currículos Lattes (Maria da Penha Vasconcellos)

Imprimir
currículo

Dados gerais Formação Atuação Projetos Produções Educação e Popularização de C & T Eventos Orientações Bancas

Citações +

Maria da Penha Vasconcellos

Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/3628660302048530>

Última atualização do currículo em 01/03/2016

Professora Associada 3 da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo. Graduada em Psicologia, mestrado em Psicologia Social, ambas pela PUC-SP e doutorado e livre docência pela Universidade de São Paulo. Orientadora dos Programas de Pós-Graduação em Saúde Pública, Doutorado em Saúde Global e Sustentabilidade e Ambiente, Saúde e Sustentabilidade, na Faculdade de Saúde Pública - USP. Pesquisadora e co-coordenadora do Laboratório Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas Sociais em Saúde Pública e Coordenadora do Centro de Memória da Saúde Pública/FSP - USP. Membro da Associação Internacional de Ciências Sociais e Humanas em Língua Portuguesa- AILPCSH. Áreas de interesse em pesquisa: desigualdade social, migrações, mobilidades e modo de vida urbana; dimensão subjetiva e sociabilidades juvenis; contextos sócio-culturais e vida cotidiana; pesquisa social. **(Texto informado pelo autor)**

Identificação

Nome

Maria da Penha Vasconcellos

Nome em citações bibliográficas

VASCONCELLOS, M. P.; Vasconcellos, Maria da Penha Costa; VASCONCELLOS, MARIA DA PENHA

Endereço

Endereço Profissional

Universidade de São Paulo, Faculdade de Saúde Pública.
Avenida Dr. Arnaldo 715
Cerqueira César
01246904 - São Paulo, SP - Brasil
Telefone: (11) 30667703
Fax: (11) 30850240
URL da Homepage: <http://www.usp.br>